ICK

ENSINAR E APRENDER



KRISHNAMURTI

Contém este livro as palestras e os debates que Krishnamurti realizou na Índia com os alunos e os professores das escolas de Rishi Valley, em Andhra Pradesh, e Rajghat, em Varanase. Esses centros são administrados pela Fundação Krishnamurti da Índia, organizada para criar ambientes em que os ensinamentos de Krishnamurti possam ser transmitidos aos adolescentes. Para ele, a educação é da máxima importância no transmitir o que é fundamental para a transformação da mente humana e a criação de uma nova cultura. Essa transformação ocorre quando a criança, ao estudar as diferentes técnicas e disciplinas, aprende igualmente a conscientizar-se dos processos do próprio pensar, sentir e agir. Tal conscientização a torna auto-observadora, integrando, assim, o ato de perceber, discernir e agir, indispensável ao desenvolvimento interior, propício a um correto relacionamento com o homem, com a natureza e com os instrumentos por ele criados.

Hoje se questionam os postulados básicos da estrutura educacional e de seus diferentes sistemas, tanto na Índia como em todo o mundo. Percebe-se cada vez mais, em todos os níveis, que os modelos existentes falharam, havendo uma total falta de adequação entre o ente humano e a complexa sociedade contemporânea. Tanto a crise ecológica como a pobreza, a fome e a violência, sempre crescentes, forçam o homem a encarar com realismo a presente situação. Em tempos como os atuais, torna-se imprescindível um reexame dos postulados da educação. Krishnamurti contesta as raízes de nossa cultura. Seu desafio dirige-se não apenas à estrutura da educação, mas também à natureza e qualidade da mente humana e de sua vida. Divergindo de outras tentativas de salvaguarda ou sugestão de alternativas para o sistema educacional, rompe as fronteiras das diferentes culturas e estabelece uma nova série de valores, capaz de criar uma outra civilização e uma sociedade inteiramente nova.

Para Krishnamurti, uma mente nova só é possível quando o espírito religioso e a atitude científica formam o mesmo movimento da consciência — um estado em que a ciência e a religião não constituem dois processos ou faculdades mentais paralelos. Não se encontram em compartimentos estanques como dois movimentos separados que devem fundir-se, porém representam um novo ato da inteligência e da mente criadora.

Alude Krishnamurti a dois instrumentos de que o ser humano dispõe — o saber, que o capacita a adquirir mestria nas atividades técnicas, e a inteligência, nascida da observação e do autoconhecimento.

J. KRISHNAMURTI

ENSINAR E APRENDER

Tradução de
MARINA BRANDÃO MACHADO

Revisão de
DANIEL GOMES DE CASTRO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Pres. Vargas, 418, Sala 1109
Rio de Janeiro — Estado do Rio de Janeiro
Tel. 253-6123

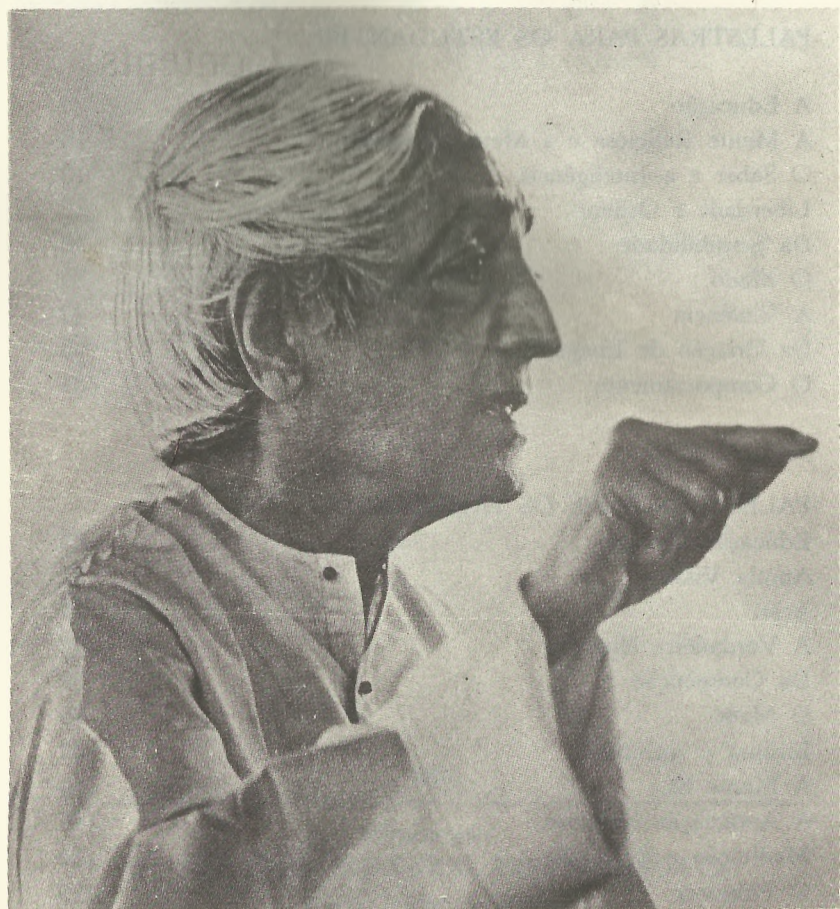
ÍNDICE

Primeira Parte

PALESTRAS PARA OS ESTUDANTES

Segunda Parte

PALESTRAS PARA OS PROFESSORES



PALESTRAS
PARA OS
ESTUDANTES

A EDUCAÇÃO

Vocês vivem em um belíssimo vale. Tem ele uma atmosfera especial. Já notaram, principalmente ao anoitecer e de madrugada, aquele silêncio que invade e penetra o vale? Aqui se vêem, em derredor, os mais antigos montes do mundo, ainda não enfeados pelo homem; em toda parte aonde vamos, nas cidades e noutros lugares, o homem está destruindo a natureza, abatendo árvores para edificar mais casas, poluindo o ar com seus automóveis e sua indústria. Matam-se animais; poucos são os tigres que ainda restam. O ser humano destrói tudo, porque cada vez mais gente nasce e necessita de maior espaço. Gradualmente espalha-se a destruição por toda a face da Terra. E, quando chegamos a um vale como este — em que há tão pouca gente, onde a natureza é ainda virgem, onde predomina o silêncio, a quietude, a beleza, ficamos maravilhados. Todas as vezes que vimos aqui, sentimos a magnificência deste lugar, mas vocês provavelmente já se habituaram com ela. Já não olham os montes, já não escutam o cantar dos pássaros e do vento entre as folhas. Aos poucos, tornaram-se indiferentes.

A educação não consiste apenas em aprender o que está nos livros, em memorizar fatos, mas significa também aprender a olhar, a compreender o que os livros ensinam, a perceber se o que dizem é falso ou verdadeiro. Tudo isto faz parte da educação. Educação não é apenas preparar-nos para passar em exames, obter diploma e emprego, casar-nos e estabilizar-nos; é igualmente saber escutar as aves, olhar o céu, ver a extraordinária beleza de uma árvore, a forma dos montes, o sentir com eles, estar em direto contato com todas estas coisas. À medida que nos tornamos mais idosos, desaparece, infelizmente, o deleite de olhar e escutar, porque temos inquietações, que-

remos mais dinheiro, carros melhores, maior ou menor número de filhos. Tornamo-nos ciumentos, ambiciosos, ávidos, invejosos, perdendo, assim, o senso da beleza terrena. É notório o que acontece no mundo. Vocês devem estar a par dos fatos correntes Há guerras, revoltas, nações divididas internamente. Também neste país observa-se a divisão, separação, constante crescimento da população, pobreza, miséria e absoluta insensibilidade. A cada um pouco importa o que sucede a outrem, desde que ele próprio esteja em perfeita segurança. E os jovens estão sendo educados para ser encaixados nessa estrutura. Sabem vocês que o mundo está louco — pois o que nele ora acontece é loucura: esse incessante disputar, lutar, ameaçar, essa recíproca violência? E estão crescendo para adaptar-se a esta insensatez? Está certo isto, é esta a finalidade da educação, forçá-los, de bom ou de mau grado, a se ajustarem a esta insana estrutura chamada "sociedade"? E sabem o que ora acontece às religiões em todo o mundo? Aí também o homem se está desintegrando, pois só existe incredulidade. Ninguém tem fé, e as religiões decorrem apenas de uma gigantesca propaganda.

Jovens como são, puros, inocentes, poderão contemplar a beleza da Terra, ser afetuosos? E essa afeição, saberão conservá-la? Porque, se não a conservarem, ao crescerem irão acomodar-se às coisas como são, visto ser esta a mais fácil maneira de viver. Alguns talvez se revoltem, mas essa revolta não resolverá o problema. Outros tentarão fugir da sociedade, porém essa fuga nada significará. Vocês têm de modificar a sociedade, mas sem matar ninguém. A sociedade somos nós — os entes humanos. Fomos nós que a criamos. Portanto, cabe-nos transformar-nos. Ninguém deve ajustar-se a esta monstruosa sociedade. Que fazer, então?

E, vivendo neste maravilhoso vale, irão ser lançados neste mundo de luta, confusão, guerra, ódio? Irão conformar-se, adaptar-se todos aos velhos valores? Sabem que valores são estes: dinheiro, posição, prestígio, poder. Isto é tudo o que o homem deseja, e a sociedade quer que vocês se ajustem a esse padrão de valores. Porém, se começarem agora a pensar, a observar, a aprender, não dos livros, mas de vocês mesmos, crescerão e se desenvolverão como seres humanos diferentes, como pessoas atenciosas, afetivas e que amam o próximo. Vivendo assim, talvez descubram uma maneira de vida verdadeiramente religiosa.

Olhem, pois, a natureza, o tamarinheiro, a mangueira em flor e ouçam, de manhã e ao anoitecer, o canto dos pássaros.

Contemplem o céu claro, as estrelas e o esplendor em que o Sol desce atrás daquelas montanhas. Observem as cores todas, a luz refletida nas folhas, a beleza desta região, sua terra opulenta. E, após divisarem tudo isso e verem também o que é o mundo — sua brutalidade, violência, hediondez — que irão fazer?

Sabem o que significa escutar, prestar atenção? Quando se presta atenção, vêem-se as coisas mais claramente. Ouve-se distintamente o canto da ave. Diferenciam-se os sons. Ao olharmos uma árvore com atenção, percebemos-lhe a beleza total. Vemos-lhe as folhas, a ramagem, o vento a brincar com ela. Prestando-se atenção, tudo se vê com extraordinária nitidez. Já o fizeram alguma vez? A atenção difere da concentração. Quando nos concentramos, não vemos tudo. Mas, estando atentos, vemos muitas coisas. Agora, prestem atenção; olhem para aquela árvore e vejam-lhe as sombras, a brisa a agitar brandamente as folhas. Reparem em sua forma, em seu tamanho em relação às outras árvores. Notem a luz a coar-se através das folhas, a clarear os galhos e o tronco. Observem a árvore por inteiro. Olhem-na atentamente, porque vou falar-lhes sobre algo importante. A atenção é sempre significativa, tanto aqui, na classe, como fora dela, à hora da refeição, ou durante um passeio. É uma coisa realmente prodigiosa.

Ora, porque estão sendo educados, instruídos? Compreendem a razão desta pergunta? Seus pais os mandam à escola. Vocês assistem às aulas, aprendem Matemática, Geografia, História. Porquê? Já indagaram porque desejam ser educados, o que significa educação? Passar em exames e obter diplomas? É com o fim de se casarem, obterem emprego, estabilizarem-se na vida, como o fazem milhões de pessoas? É isso o que vão fazer? Será esse o significado da educação? Estão compreendendo? Esta é uma questão realmente séria. O mundo inteiro está impugnando as bases da educação. Vemos o uso que dela se faz. Em todas as partes, seja na Rússia ou na China, seja na América, ou na Europa ou neste país, educam-se os seres humanos para se acomodarem, se adaptarem à sociedade e à sua cultura, para se ajustarem à corrente da atividade social e econômica, para serem sugados por aquela gigantesca torrente que há milhares de anos segue o seu curso. Isso é educação, ou é a educação coisa inteiramente diferente? Pode a educação velar porque a mente humana não seja impelida para dentro daquela vasta torrente e, conseqüentemente, destruída? Poderá ela evitar essa destruição, de modo que, com adequada formação, possa

o jovem transformar-se em um novo ente humano, de diferente qualidade, perante a vida? Serão educados assim, ou permitirão que seus pais, que a sociedade os forcem a tornar-se parte da corrente social? A verdadeira educação significa que a mente humana, a sua mente, não apenas domine a Matemática, a Geografia e a História, mas também que jamais, em circunstância alguma, se deixe levar pela corrente da sociedade. Porque essa corrente, que chamamos o viver, se acha totalmente corrompida. Eis a nossa cultura. O problema, pois, é criar a educação correta, que nos habilite a enfrentar com bom êxito todas as tentações e influências, e a brutalidade da presente civilização e cultura. Chegamos a um ponto, na História, em que se torna necessário criar uma nova cultura, uma existência de diferente espécie, não baseada numa criminosa "política de consumo" e na industrialização, porém uma cultura fundada numa religião de autêntico valor. Ora, como suscitar, por meio da educação, uma mentalidade inteiramente nova, destituída de avidez, de inveja? Como criar uma mente não ambiciosa, ativa, eficiente, dotada de uma real percepção do verdadeiro, na vida de cada dia? Isso, afinal, é religião.

Investiguemos agora o real significado e a finalidade da educação. Pode o homem, condicionado que foi pela sociedade, pela cultura em que tem vivido, ser transformado pela educação, de modo que jamais seja forçado, por quaisquer circunstâncias, a imergir na corrente social? Será possível educá-lo diferentemente? "Educar", no lídimo sentido da palavra, não exprime uma simples transmissão, dos professores aos alunos, de conhecimentos de Matemática, História ou Geografia, porém, no próprio ato de transmiti-los, operar uma modificação na mente do estudante. E isso requer um raro senso crítico. Cumpre não aceitarem nenhuma coisa que não compreendam claramente, nem tampouco repetirem as alheias afirmações.

A investigação pessoal deve ser efetuada, não apenas em determinados momentos, mas constantemente. Procurem compreender. Escutem tudo, os gorjeios das aves, os mugidos da vaca. Aprendam acerca do que ocorre em vocês, porquanto, com a autocompreensão, jamais serão seres humanos de segunda mão. Permitam-me sugerir-lhes que, doravante, cuidem de descobrir um modo de vida todo diferente, e isso irá ser difícil, pois, em geral, preferimos achar um modo fácil de viver. Nós repetimos o que outrem diz, agimos por imitação, porque esta é uma

cômoda maneira de viver — adaptar-nos a qualquer padrão, velho ou novo. Importa verificar o que significa não ajustar-se, o que é viver sem medo. Trata-se da vida de cada um e de vocês, e ninguém, como nenhum livro, nenhum guru, pode ensiná-los a vivê-la. Compete-lhes aprender por si mesmos, e não em livros. Há muito que aprender acerca de sua própria pessoa. É uma coisa sem fim, uma coisa fascinante, e, quando o conseguirem, desse aprendizado surgirá a sabedoria. Então, viverão uma vida sobremodo feliz e bela. Compreenderam? Querem fazer-me alguma pergunta?

ESTUDANTE: O mundo está cheio de pessoas empedernidas, de homens cruéis, insensíveis; como modificá-los?

KRISHNAMURTI: Como modificar as pessoas empedernidas, cruéis, apáticas, que povoam o mundo? É esse o problema? Porque preocupar-se em modificar os outros? Vocês é que devem transformar-se. Do contrário, ao crescerem, também vocês se tornarão empedernidos, serão insensíveis, cruéis. A anterior geração está desaparecendo, acabando, e vocês chegam agora, mas se, igualmente, demonstrarem os mesmos e citados defeitos, construirão idêntica sociedade. O importante é que se modifiquem, *vocês* que ainda não se empederniram, não se insensibilizaram. Ao dizerem que tudo isto é problema da geração mais velha, será que viram seus componentes, que os observaram, que se compadeceram deles? Se assim foi, vocês farão alguma coisa. Transformem-se e o provem pela ação. A ação humana é algo realmente grandioso. Nós, porém, queremos mudar nossos semelhantes, excluindo-nos, e isso significa, em verdade, não desejarmos modificar-nos, mas sim que apenas os outros se modifiquem. Assim, permanecemos empedernidos, indiferentes, cruéis, esperando que o ambiente se transforme para continuarmos calmamente o nosso caminho. Compreendem o que estou dizendo?

ESTUDANTE: Pede o senhor que nos modifiquemos, nos transformemos, mas em quê?

KRISHNAMURTI: Evidentemente, não podem transformar-se em um macaco, ainda que o desejassem. Entretanto, ao dizerem: "Quero transformar-me em alguma coisa" — prestem atenção — se dizem de si para si: "Preciso modificar-me, tenho de transformar-me em alguma coisa", esse "em alguma coisa" é um padrão que criaram, percebem? Vocês são violentos ou gananciosos e desejam tornar-se uma pessoa que não seja assim.

Desejar não ser ávido não será outra forma de avidez? Mas, se disserem: "Sou ganancioso, quero saber o que tal coisa significa, por que motivo o sou, que há por trás disto", então, quando compreenderem a ganância, estarão livres dela. Estão acompanhando meu raciocínio?

Expliquemo-lo de outro modo. Sou ganancioso e luto, não poupo esforços para deixar de sê-lo. Já tenho uma concepção, uma imagem do que significa não ser ganancioso. Estou assim adaptando-me a uma idéia daquilo que suponho ser "não-avidez". Já se eu observar a minha ganância, se compreender porque sou ganancioso, se perceber a natureza de minha avidez, sua estrutura, então, quando começo a alcançar tudo isso, livro-me da ganância. Portanto, a libertação da ganância difere inteiramente do esforço para tornar-me não ganancioso. Libertar-me da ganância é uma coisa, e coisa bem diversa é tentar ser "não ganancioso" para considerar-me um grande homem. Compreenderam?

A noite passada estive pensando em que tenho visitado este vale, periodicamente, nos últimos quarenta anos. Muitos chegaram e partiram. Velhas árvores morreram e outras nasceram. Vieram crianças, cursaram a escola, tornaram-se engenheiros, donas de casa e não voltaram aqui. Casualmente me encontro com uma ou outra dessas pessoas, num aeroporto, numa reunião e noto quanto se tornaram vulgares. E vocês, se não tiverem cuidado, também acabarão assim.

Estudante: Que entende o senhor por vulgar?

Krishnamurti: Ser como o resto dos homens; com as mesmas aflições, a mesma corrupção, violência, brutalidade, indiferença, insensibilidade. Querer uma colocação, apegar-se a ela, quer sejamos competentes, quer não, morrer no emprego. Eis o que se chama "ser vulgar" — nada ter de novo, original, nenhuma alegria na vida; não ter curiosidade, não ser " intenso", apaixonado, não procurar esclarecer-se, mas meramente conformar-se. É isso o que entendo por "ser vulgar", "ser burguês". Uma maneira mecânica de viver, uma rotina, tédio.

Estudante: Como podemos deixar de ser "vulgares"?

Krishnamurti: Como deixar de ser vulgar? Não sendo vulgar. Você não tem de deixar de ser vulgar. Cabe-lhe apenas "não ser vulgar".

Estudante: Mas como, senhor?

Krishnamurti: Não existe "como". Esta é uma pergunta das mais destrutivas: "como"? O homem, em todo o mundo, sempre diz: Mostre-me *como*. Se vemos uma serpente, uma cobra venenosa, não dizemos: "Diga-me *como* fugir dela." Fugimos. Do mesmo modo, ao perceberem que são vulgares, corram, deixem de sê-lo, não amanhã, mas agora mesmo.

Já que não têm mais perguntas para fazer, vou sugerir-lhes uma coisa. Muito se fala em meditação, não é verdade?

Estudante: Efetivamente.

Krishnamurti: Vocês nada sabem sobre meditação. Muito folgo com isso. Porque, se nada sabem, podem vir a saber. É como ignorar o Francês, o Latim ou o Italiano. Se o ignoram, podem aprendê-lo como uma coisa nova. Os que já "sabem" o que é meditação terão de desaprendê-lo, para, então, *aprender*. Percebem a diferença? Por não saberem o que é meditação, aprendamo-la. Para aprender a meditar, devem observar a atividade de sua mente. Têm de observá-la, tal como observam uma lagartixa a andar pela parede. Vêem suas quatro patas aderidas à parede, e, nesse observar, percebem-lhe todos os movimentos. Do mesmo modo, observem o movimento do seu pensar. Não tentem corrigi-lo nem controlá-lo. Não digam: "Isso é difícil demais." Apenas observem; agora — não amanhã.

Em primeiro lugar, fiquem bem quietos. Sentem-se comodamente, cruzem as pernas, mantenham-se imóveis, e fechem os olhos, procurando evitar que se movam. Entenderam? Os globos oculares tendem sempre a mover-se; conservem-nos quietos como por brincadeira. Então, nesse estado de quietude, reparem o que faz seu pensamento. Observem-no, da mesma maneira como observaram a lagartixa. Atentem para os pensamentos, seu curso, um atrás do outro. Assim se começa a aprender, a observar.

Estão observando seus pensamentos, vendo como um sucede ao outro, enquanto o próprio pensar vai dizendo: "Este pensamento é bom, este é mau?" À noite, ao se deitarem, ou quando passeiam, observem o seu pensamento. Apenas o observem, não o corrijam; deste modo, começarão a aprender a meditar. Agora, fiquem sentados, tranqüilos. Fechem os olhos e procurem impedir o movimento dos globos oculares. Em seguida, observem seus pensamentos para aprenderem. O aprender, uma vez iniciado, não tem fim.

A MENTE RELIGIOSA
E
A MENTE CIENTÍFICA

BEM cedo, esta manhã, vi um belo pássaro preto, com o pescoço vermelho. Não sei de que ave se trata. Voava de árvore em árvore e havia um poema em seu coração; que coisa encantadora contemplá-lo! Hoje desejo falar-lhes sobre um assunto bem importante. Ouçam-no com muito cuidado e poderão mais tarde, se quiserem, discuti-lo com seus professores. Diz respeito ao mundo inteiro e em todos está despertando certa inquietude. É a questão do espírito religioso e da mente científica. São duas e diferentes maneiras de encarar os fatos. Estes são os únicos estados mentais de real valor — o verdadeiro espírito religioso e a verdadeira mente científica. Outra qualquer atividade é destrutiva, causando aflição, confusão e sofrimento.

A mente científica é objetiva. Sua missão é descobrir, perceber. Vê as coisas através de um microscópio, de um telescópio; tudo tem de ser visto exatamente como é; dessa percepção, a ciência tira conclusões, constrói teorias. Essa mente move-se de um fato para outro fato. O espírito científico nada tem que ver com condições individuais: nacionalismo, raça, preconceito. Os cientistas existem para explorar a matéria, investigar a estrutura da terra, das estrelas e planetas, descobrir meios para curar os males do homem, prolongar-lhe a vida, explicar o tempo, tanto o passado como o futuro. Porém, a mente científica e suas descobertas são usadas e exploradas pela mente nacionalista, quer seja da Índia, quer seja da Rússia, da América, etc. De seu turno, os estados e continentes soberanos utilizam e exploram as descobertas dos cientistas.

Há, também, a verdadeira mente religiosa, que não pertence a nenhum culto, nenhum grupo, nenhuma religião, a nenhuma igreja instituída. A mentalidade religiosa não é a mentalidade hindu, a mentalidade cristã, a mentalidade budista, a muçulmana. A pessoa religiosa não pertence a nenhum grupo que se intitule religioso. Ela não freqüenta igrejas, templos, mesquitas, nem se apega a determinadas crenças e dogmas. A mente religiosa é completamente só. Ela já compreendeu a falsidade das igrejas, dogmas, crenças, tradições. Não sendo nacionalista nem condicionada pelo ambiente, não tem horizonte nem limites. É explosiva, nova, fresca, sã. A mente sã, jovem, é extraordinariamente maleável, sutil, não tem âncora. Somente ela pode descobrir o que se chama "deus", o que é imensurável.

Só é verdadeiro o ser humano quando alia o espírito científico ao autêntico espírito religioso. Então, os homens criarão um mundo justo — não o mundo dos comunistas ou dos capitalistas, dos brâmanes ou dos católicos romanos. De fato, o verdadeiro brâmane é aquele que não pertence a nenhum credo religioso, nem tampouco a nenhuma classe, não é detentor de autoridade, e não mantém posição social. O genuíno brâmane é o novo ente humano, que tem simultaneamente a mentalidade científica e a mentalidade religiosa, sendo, portanto, harmônico, sem qualquer contradição interior. Para mim, o objetivo da educação é criar esta nova mentalidade, que é explosiva e não se adapta a nenhum padrão estabelecido pela sociedade.

É criativa a mente religiosa. Não lhe basta acabar com o passado, tem também de explodir no presente. Ela, diferentemente da que só interpreta os livros sagrados e a Bíblia, é capaz de perquirir, bem como criar uma realidade explosiva. Aí não há interpretação nem dogma.

É sobremodo difícil alguém ser religioso e ter uma mente lúcida, objetiva, científica, intrépida, alheia à própria segurança, aos próprios temores. Não podemos ter uma mente religiosa sem a compreensão total de nós mesmos — nosso corpo, nosso espírito, nossas emoções; ignorando como trabalha, e também como o pensamento funciona. Para descobrir e superar tudo isso, torna-se indispensável encarar o problema com uma mente científica, que é objetiva, clara, sem preconceitos, que não condena, que observa, que vê. Com essa mentalidade, somos efetivamente um ser humano culto, um ser humano que conhece a compaixão. Tal ente humano sabe o que é estar vivo.

Como conseguir tudo isto? Pois urge ajudar o estudante a ter um espírito científico, a pensar com clareza, precisão, argúcia, assim como auxiliá-lo a descobrir as profundezas de sua mente, a ir além das palavras, dos diferentes rótulos de hindu, muçulmano, cristão. Será possível ensinar o estudante a ultrapassar os rótulos, a descobrir por si, a experimentar aquela coisa imensurável, que nenhum livro contém, à qual nenhum guru tem acesso? Se um colégio como este propiciar essa educação, constituirá isso um feito grandioso. Vocês todos devem sentir como será importante criar-se tal escola. É sobre isto que os professores e eu vimos há dias debatendo. Temos conversado acerca de várias coisas — autoridade, disciplina, métodos de ensino, o que ensinar, o que é ouvir, o que significa educação, cultura, etc. Apenas prestar atenção à dança, ao canto, à aritmética, às aulas, não constitui o todo da vida. Também faz parte da vida a pessoa sentar-se tranqüilamente e olhar para seu interior, ter clara percepção, *ver*. Cumpre também saber pensar, o que pensar e porque estamos pensando. Faz parte igualmente da vida olhar os pássaros, observar os aldeões, sua miséria — qual a contribuição de cada um de nós para essa situação, criada pela sociedade. Tudo isso concerne à educação.

O SABER E A INTELIGÊNCIA

Vocês estão aqui para obterem conhecimentos — sobre História, Biologia, Lingüística, Matemática, Geografia, Ciências, etc. Além dos conhecimentos que aqui adquirem, existe um conhecimento coletivo, da raça, dos antepassados, das gerações anteriores. Todos eles passaram por várias experiências, muitas coisas lhes aconteceram, e sua experiência coletiva transformou-se em cultura. Há também os resultados das experiências pessoais de vocês, suas reações, impressões, tendências e inclinações, que tomaram formas próprias e peculiares. Existem, assim, conhecimentos científicos, biológicos, matemáticos, físicos, geográficos, históricos; há, igualmente, o conhecimento coletivo do passado, que constitui a tradição da comunidade, da raça; e os conhecimentos extraídos das experiências individuais. Deste modo, temos três tipos de conhecimentos: científicos, coletivos e pessoais. Em conjunto, contribuirão eles para desenvolver a inteligência?

Que é conhecimento? Está ele relacionado com a inteligência? A inteligência utiliza-se dos conhecimentos, pois ela é a capacidade de pensar com clareza, objetividade, sensatez, naturalidade. Conseqüentemente, é isenta de emoção, preconceito, preferências ou inclinações pessoais. Inteligência é a capacidade de compreensão direta. Talvez seja isso um tanto difícil, porém é importante, e convém exercitarem o cérebro. Então, existe o conhecimento, que é o passado a ser continuamente adicionado ao presente, e existe a inteligência. Inteligência é a qualidade característica da mente sensível, viva, consciente. Ela não se prende a qualquer juízo ou avaliação pessoal, e faculta imparcialidade e lucidez ao pensamento. A inteligência em nada se deixa envolver. Estão-me acompanhando? Agora

vejamos como é possível cultivá-la. De que é capaz essa inteligência? Vocês vivem aqui, estão sendo instruídos em várias disciplinas, em diferentes ramos do conhecimento. Estarão também sendo educados de modo que a inteligência se desenvolva ao mesmo tempo em que fazem tal aprendizado? Compreendem a importância desta particularidade? Podem ter ótimos conhecimentos de Matemática, entrar para uma escola, terminar o curso e tornar-se um grande engenheiro. Mas estarão ao mesmo tempo fazendo-se sensíveis, vigilantes? Pensarão com objetividade, clareza, inteligência, compreensão? Existe harmonia entre seus conhecimentos e sua inteligência, equilíbrio entre ambos? Não poderão refletir lucidamente se forem preconceituosos, aferrados a suas opiniões. Nem serão capazes de pensar claramente se não tiverem sensibilidade; se não forem sensíveis à natureza, a tudo o que ocorre à sua volta; sensíveis não só ao que se passa fora, mas também dentro de vocês. Se não tiverem sensibilidade, uma consciência aguçada, não pensarão com clareza. Inteligência implica a capacidade de ver a beleza da terra, a beleza dos céus, o encanto do poente, as estrelas, a graça das coisas sutis.

Essa inteligência, vocês a estarão desenvolvendo aqui, neste colégio? Estão a aprimorá-la, ou simplesmente adquirem conhecimentos através de livros? Faltando-lhes inteligência, sensibilidade, o saber poderá trazer riscos. Poderá ser usado para fins destrutivos. É isso o que o mundo inteiro está fazendo. Têm a inteligência que questiona, que tenta descobrir? Que estão fazendo vocês, professores e alunos, para suscitar essa mesma inteligência, que vê não só a beleza terrena, mas também a fealdade, a sordidez; que percebe, por igual, o que se passa no interior de cada ser, como se pensa, como se observa a sutil atividade do pensamento? Estão fazendo tudo isso? Se não estiverem, para que se educarem?

Qual é a função do educador? É apenas transmitir informações, conhecimentos, ou levá-los a desenvolverem esta inteligência? Se eu fosse professor desta escola, sabem o que eu faria? Antes de tudo, quereria que me fizessem perguntas generalizadas — não sobre conhecimentos, isso é muito simples, mas como se deve olhar para aquelas colinas, para aquela tamarineira, como ouvir o canto dos pássaros, acompanhar o ruído de um riacho. Eu os ajudaria a contemplar a maravilha da terra e da natureza, a beleza do solo, a cor vermelha da região. Depois, eu diria: observem os camponeses, os aldeões. Observem sem criticá-los,

atentando para sua magreza, sua pobreza, e não olhando-os, como habitualmente fazem, com a máxima indiferença. Existem ali algumas cabanas; já as visitaram? Lá teriam estado os professores? E se estiveram, que lhes ocorreu fazer? Eu lhes falaria assim para sensibilizá-los, pois jamais serão sensíveis se se mostrarem sem cuidado, indiferentes ao que se passa ao redor de vocês. Depois eu lhes diria: "Para serem inteligentes, precisam saber bem o que fazem, como andam, como falam, como se alimentam. Compreendem? Gostaria de falar-lhes sobre sua alimentação. Diria: "Olhem, debatam, não tenham medo de fazer qualquer pergunta, pesquisem, aprendam", e nas aulas estudaria vários assuntos com vocês, como ler, como aprender, o que quer dizer prestar atenção. Se desejassem olhar pela janela, eu o permitiria, dizendo: "Olhem tudo o que têm vontade de ver e, depois, olhem para seus livros com o mesmo interesse, o mesmo prazer." A seguir, acrescentaria: "Por meio de livros, debates, ajudei-os a serem inteligentes: deixem-me agora mostrar-lhes como viver neste mundo de maneira correta, saudável, e não meio sonolentos." Eis a função do professor, do educador, isto é, não apenas transmitir dados e conhecimentos, porém mostrar-lhes a vida em toda sua imensidão, sua beleza e fealdade, o deleite, a alegria, o temor, a aflição. Assim, ao saírem desta escola, sairiam como entes humanos devidamente habilitados, aptos a viverem com inteligência e não de forma irrefletida, com ânimo destrutivo, com insensibilidade.

Todos vocês, professores, diretor e alunos, todos estiveram ouvindo. Que farão agora? Como sabem, a responsabilidade cabe tanto aos alunos como aos professores. Incumbe aos alunos pedir, perguntar, não dizer: "Vou sentar-me, ensine-me." E para isto têm de ser inteligentes, sensíveis, conscientes, sem preconceitos. É igualmente essencial que os professores procurem desenvolver-lhes a compreensão, a fim de que, ao deixarem este educandário o façam sorridentes, com orgulho no coração, dilatada sensibilidade, prontos a chorar e a rir.

ESTUDANTE: Não acha o senhor que uma alta sensibilidade torna a pessoa emotiva?

KRISHNAMURTI: Que mal há na emotividade? Quando vejo essa gente infeliz vivendo na miséria, eu sinto muito. Será isto errado? Não há nenhum mal em nos comovermos com a esqualidez, a imundície, a pobreza à nossa volta. Você também se sente fortemente atingido quando alguém fala mal de você.

Como reage quando lhe acontece isto? Sua emoção o fará bater no outro? Ou esta sensibilidade, esta emoção o tornará atento ao que vai fazer? Se houver um intervalo antes de sua reação, e você observar as coisas, se for sensível ao que ocorre, então, nesse intervalo, surge a compreensão. Propicie esse intervalo e, durante ele, comece a observar. Se estiver integralmente cônscio do problema, haverá ação instantânea e esta será a ação correta da inteligência.

ESTUDANTE: Porque somos condicionados?

KRISHNAMURTI: Porque julga que somos condicionados? É muito simples. Você fez a pergunta. Agora, exercite seu cérebro. Descubra a razão de seu condicionamento. Você nasceu neste país, vive em determinado ambiente, numa cultura, torna-se jovem, e que é então que acontece? Repare nos garotos que andam por aí. Observe as mães, os pais, se são hindus, muçulmanos, comunistas ou capitalistas. Eles dizem ao filho: "Faça isto, faça aquilo." A criança vê a avó dirigir-se ao templo, para executar rituais, e aos poucos passa a aceitar isso e outras coisas. Ou os pais dirão: "Não acredito em rituais", e a criança também faz o mesmo. O fato é que a mente, o cérebro infantil é como uma massa, uma argila, e, nessa massa, fazem-se impressões, como ranhuras em um disco. Tudo fica registrado. Assim, na criança tudo se registra, consciente ou inconscientemente, até que, gradualmente, ela se transforma em um hindu, um muçulmano, um católico ou um descrente. Começam então as divisões — minha crença, sua crença, meu deus, minha pátria, sua pátria. Foram condicionados a fazer esforços; esforço para estudar, para passar nos exames, esforço para ser bom.

Assim, a questão é como pode a mente, já condicionada, desembaraçar-se, livrar-se do condicionamento. Como pensam libertar-se desse estado? Exercitem sua inteligência para descobrir. Não sigam quem diz: "Façam isto e se descondicionarão"; procurem vocês mesmos descondicionar-se. Vamos, respondam-me alguma coisa, debatam comigo.

ESTUDANTE: Pode dizer-nos o que devemos fazer para descondicionar-nos?

KRISHNAMURTI: Para caírem na armadilha de outro condicionamento, é isto? Antes de tudo, sabem que estão condicionados? Como o sabem? Será apenas por informação? Percebem a diferença? Se, por exemplo, alguém lhes diz que estão com fome,

isto é uma coisa, mas saberem vocês mesmos que têm fome é coisa completamente diferente. Como vêem, trata-se de dois fatos distintos. Identicamente, já chegaram a verificar, pessoalmente, que se acham condicionados como hindus ou muçulmanos?

Agora vou fazer-lhes uma pergunta e procurem parar antes de responder. Observem, pensem claramente, sem emoção, sem qualquer preconceito. A pergunta é: — Sem que ninguém lhes haja dito nada, estão cônscios, efetivamente, de seu condicionamento? Estão mesmo? A resposta não é tão difícil.

Sabem o que significa estar consciente? Quando sentem dor no polegar, há consciência dessa dor, ninguém precisa dizer-lhes que a estão sentindo. Vocês sabem disso. É do mesmo modo que sabem estarem condicionados, condicionados a pensar serem hindus, que acreditam nisto, que não devem acreditar naquilo, que devem ir, ou não devem ir ao templo? Disto estão conscientizados?

Estudante: Estamos.

Krishnamurti: Estão? Agora que já não ignoram o seu condicionamento, que mais querem saber?

Estudante: Vou ver se desejo descondicionar-me.

Krishnamurti: Você está condicionado e tem consciência disto; que ocorre então? Cabe perguntar: Que mal há em sermos condicionados? Vejamos, eu estou condicionado como hindu, e você como muçulmano, certo? Aí, que acontece? Podemos morar na mesma rua, mas, dados os nossos condicionamentos, nossas crenças, nossos dogmas, embora não nos achemos distantes um do outro, estamos separados, não é verdade? E, havendo separação, há conflito. Onde existem divisões políticas, econômicas, sociais, nacionalistas, tem de haver conflito. O condicionamento é, então, o fator da divisão. Portanto, para viver em paz neste mundo, cumpre livrar-nos dos condicionamentos, deixar de ser muçulmanos ou hindus. Reside a inteligência em sabermos que somos condicionados, em perceber como se refletem na humanidade essas limitações, que ocasionam as divisões nacionalistas, lingüísticas, etc., e constatar que onde há divisão existe conflito. Quando verificamos isso, quando estamos cientes do próprio condicionamento, este é um ato inteligente.

Por hoje basta. Desejam formular outras perguntas?

ESTUDANTE: Como podemos libertar-nos dos preconceitos?

KRISHNAMURTI: Quando diz 'como', que sentido dá a esta palavra? Como vou levantar-me deste lugar? Tudo o que tenho de fazer é levantar-me. Nunca pergunto como levantar-me. Use a inteligência. Não seja preconceituoso. Primeiro, conscientize-se de seus preconceitos. Não espere que outros lhes digam que você os tem. Eles também são preconceituosos, por conseguinte, não se preocupe com o que outrem diz. Antes de tudo, repito, cientifique-se de que é preconceituoso. Vemos em que resultam os preconceitos: dividem as pessoas. Portanto, necessitamos de agir inteligentemente, ou seja, compreender que podemos livrar-nos do preconceito, sem perguntar *como* consegui-lo, o que pressupõe um sistema, um método. Veja se pode atuar sem preconceitos. Descubra o que eles implicam. Porque é preconceituoso? Porque o preconceito, que gera um certo conforto, determinado prazer, faz parte de seu condicionamento. Preliminarmente, perceba a beleza da terra, das árvores, da cor, das sombras, da profundidade da luz, do gracioso balançar das árvores; observe os pássaros, conscientize-se de quanto o rodeia; depois, aos poucos, aprofunde-se, pesquise, inteire-se de si próprio, de como reage em relação a seus amigos — e tudo isso traz compreensão. Passemos então a outro ponto.

Comecem por sentar-se confortavelmente, fiquem bem tranqüilos, relaxem; vou orientá-los. Agora, olhem as árvores, as colinas, sua forma, contemplem-nas, vejam-lhes o colorido, observem tudo. Não atentem para mim, olhem o arvoredo, o seu amarelecer, a tamarineira, as buganvílias. Contemplem não com a mente, mas com os olhos. Após haverem reparado no conjunto colorido, no contorno da terra, dos montes, dos penhascos, em seu sombreado, passem da parte externa para a interna e fechem completamente os olhos. Acabaram de observar as coisas externas, e, agora, com os olhos fechados, observem o que ocorre interiormente: apenas observem, não pensem, não movam o globo ocular, mantendo-o totalmente quieto, pois já nada há para ver, já viram tudo em derredor, e no momento estão vendo o que se passa dentro da própria mente e, para vê-lo, necessitam de tranqüilidade íntima. E quando o conseguem, sabem o que lhes está acontecendo? Tornam-se mais sensíveis, mais atentos para as coisas externas e internas. Descobrem, então, que o externo é o interno, e, mais, que o observador é o ente observado.

LIBERDADE E ORDEM

ESTÁ uma linda manhã, não acham? Fresca, agradável, a grama coberta de orvalho e os pássaros chilreando. Espero que a estejam admirando, também, ao olharem pela janela o céu azul sem nuvens, as sombras claras, ao sentirem o ar puro, ao verem as aves, as árvores, a terra cantando de alegria. Por certo, estão atentando para todas estas coisas.

Desejo hoje falar sobre algo que todos precisamos compreender. Para que haja tal compreensão, é necessário ouvir, como estão ouvindo o canto dos pássaros. Para ouvir esse chamamento claro, o canto das aves, cumpre escutar com extrema atenção, seguir cada nota, acompanhar todas as variações do som, perceber quão baixo ele vai e quão longe alcança. Se sabem ouvir, aprendem muito; saber ouvir é de capital importância na vida. O ouvir exige imensa atenção. Se a mente, os pensamentos, o coração, estão ocupados com outras coisas, sentindo outras coisas, não há como ouvir os passarinhos. Ouvir requer atenção integral. Ao observarmos uma ave, olhando-lhe as penas, as cores, o bico, o tamanho, o gracioso contorno, dedicamos nosso coração, nossa mente, o corpo, tudo o que temos, a este ato de observar. Então, na realidade, tornamo-nos parte daquela ave. Fruímos o que efetivamente vemos. Assim, sem manifestarem acordo ou desacordo, escutem apenas o que passaremos a expor.

Alguma vez já se sentaram à margem de um rio e observaram o fluir da água? Não podemos alterar a corrente. Ali está a água límpida, ali estão as folhas mortas, os ramos. Passa o corpo de um animal, e ficamos a observar tudo aquilo. Vemos o movimento da água, sua abundância, sua transparência, a

forte correnteza. Mas nada há que fazer. É só observar e deixar a água correr. Analogamente, ouçam o que agora lhes vou dizer.

Não há liberdade sem ordem. Uma não existe sem a outra. Não havendo ordem, é impossível haver liberdade. As duas são inseparáveis. Se alguém diz: "Vou fazer o que quiser. Comer quando tiver vontade, vir à aula quando me aprouver", estará criando desordem. Temos de considerar o desejo de outrem. Para que as coisas corram normalmente, é preciso respeitar o horário. Se eu chegar atrasado, os outros deverão esperar por mim. Sou, pois, obrigado a ter por todos o maior apreço. Cabe-me ser polido, atencioso, preocupar-me com os demais. É dessa consideração, dessa solicitude, desse cuidado tanto exterior como interior, que nasce a ordem e, com ela, a liberdade.

Como não ignoram, os soldados, no mundo inteiro, são treinados diariamente: recebem ordem sobre o que fazer, para marcharem bem alinhados. Obedecem às ordens automaticamente, sem pensar. Sabem o que isso produz no homem? Quando nos dizem o que fazer, o que pensar, a quem obedecer, a quem seguir, sabem o que acontece? A mente torna-se apática, perde a iniciativa, a vivacidade. A imposição exterior de disciplina embrutece a mente, faz com que a pessoa se conforme, seja imitativa. Porém, se a própria pessoa se disciplina, observando, ouvindo, sendo atenciosa, cuidadosa — desse zelo, desse ouvir, dessa consideração para com outrem nasce a ordem. E onde há ordem, há sempre liberdade. Quando alguém está gritando, falando, não consegue ouvir o que os outros têm para dizer. Só somos capazes de ouvir claramente em estado de quietude, de plena atenção.

Do mesmo modo, não teremos ordem se não formos livres para observar, para escutar, para sermos atenciosos. O problema da liberdade e da ordem é, na vida, dos mais importantes e difíceis. Trata-se de um problema complexo. Ele requer mais estudo do que a Matemática, a Geografia ou a História. Quem não é realmente livre não pode desenvolver-se, nem ser bom, e jamais conhecerá o belo. Um pássaro na gaiola não poderá voar. Se a semente não tiver liberdade para crescer, para brotar da terra, ela não viverá. A liberdade é essencial para tudo, inclusive para o homem. Porém, os seres humanos a temem, desconhecem o seu significado. Os pássaros, os rios, as árvores, todos anseiam por liberdade, e ao homem também ela é necessária, não em meias medidas, porém integralmente. A autonomia, a indepen-

dência, a liberdade de expressar o que se pensa, de fazer o que se deseja, é uma das coisas mais importantes da vida. Estar liberto do ódio, do ciúme, da brutalidade, da crueldade; ser, de fato, interiormente livre, é uma das realizações mais difíceis e arrojadas.

O simples desejo não cria a liberdade. Não adianta dizer: "Vou fazer o que quiser." Pois há outras pessoas querendo também ser livres, desejando exprimir o que sentem, fazer o que pretendem. Todos desejam ser livres e, por conseguinte, querem exprimir-se — falar de sua raiva, sua brutalidade, ambição, espírito de competição, e assim por diante, o que torna o conflito inevitável. Quero fazer alguma coisa, e vocês também, e assim começa a luta. Liberdade não é fazer o que a pessoa quer, porque o homem não pode viver isolado. Até o monge, o *sannyasi*, não se sente livre para fazer o que bem entender; é obrigado a lutar pelo que deseja, a manter luta íntima, a questionar-se dentro de si. A liberdade interior requer imensa inteligência, sensibilidade, capacidade de compreensão. Entretanto, é absolutamente necessário que cada ser humano, não importando sua cultura, seja realmente livre. Como vêem, a liberdade jamais existe sem a ordem.

ESTUDANTE: Quer o senhor dizer que, para sermos livres, não deve haver disciplina?

KRISHNAMURTI: Expliquei cuidadosamente que não se pode ter liberdade sem ordem, e que ordem é disciplina. Não gosto de usar a palavra 'disciplina' porque ela está carregada de diferentes sentidos. Disciplina significa conformidade, imitação, obediência, ou seja, fazer aquilo que nos ensinaram, não é mesmo? Porém, se almejam ser livres — e os seres humanos precisam de total liberdade, sem o que não florescerão, jamais serão verdadeiras entidades — cabe-lhes descobrir o que é ser ordeiro, pontual, bondoso, generoso, intimorato. O descobrimento de tudo isso é disciplina, geradora de ordem. Para descobrir, cabe-lhes examinar, e, para examinar, precisam ter isenção. Se forem atenciosos, observadores, se souberem ouvir, aí então, por serem livres, serão pontuais, virão regularmente às aulas, estudarão, estarão de tal modo vivos, que desejarão fazer as coisas de maneira correta.

ESTUDANTE: Diz o senhor que a liberdade é perigosa para o homem. Por que motivo?

KRISHNAMURTI: Porque é perigosa? Você sabe o que é a sociedade?

ESTUDANTE: É um grande número de pessoas a ditar-nos normas de procedimento.

KRISHNAMURTI: É isso mesmo. Mas é também a cultura, os costumes, os hábitos de uma determinada comunidade; a estrutura social, moral, ética, religiosa em que o homem vive, eis o que se chama geralmente de sociedade. Porém, se cada indivíduo dessa sociedade agir como lhe aprouver, ela o considerará um elemento perigoso. Se vocês fizessem o que quisessem aqui, na escola, que aconteceria? Representariam um perigo para o próprio colégio, não concordam? As pessoas em geral não gostam que os outros sejam livres. O homem realmente livre, não com relação às idéias, mas interiormente liberto da avidez, da ambição, da inveja, da crueldade, é considerado pelos demais como um ser perigoso, por diferir totalmente do indivíduo comum. Então, a sociedade o adora ou o aniquila, ou lhe demonstra indiferença.

ESTUDANTE: Disse o senhor que a liberdade e a ordem nos são necessárias, mas como alcançá-las?

KRISHNAMURTI: Antes de tudo, vocês não devem depender de outrem; não esperem que alguém lhes dê liberdade e ordem — nem pai, nem mãe, nem marido, nem mestre. Consiga-as vocês mesmos. Esta é a primeira coisa que precisam compreender: não peçam nada a ninguém, exceto alimentos, roupa e abrigo. É inútil rogar, ou apelar para quem quer que seja, seus gurus, seus deuses. Ninguém pode propiciar-lhes liberdade ou ordem. Por conseguinte, compete-lhes criar ordem em si próprios. Isso significa que vocês mesmos devem pesquisar e descobrir o que é ser virtuoso. Sabem o que é virtude — ter moralidade, ser bom. Virtude é ordem. Assim, cumpre descobrirem, individualmente, como serem bondosos, afáveis, solícitos. E é dessa solicitude, desse zelo, que procede a ordem, e, portanto, a liberdade. Vocês dependem de outros para dizer-lhes o que devem fazer, isto é, não olharem pela janela, serem pontuais, serem bondosos. Porém, se disserem: "Olharei pela janela quando quiser, mas, ao estudar, toda minha atenção será consagrada ao livro", criarão ordem dentro de si, independentemente da orientação alheia.

ESTUDANTE: Que ganhamos em sermos livres?

KRISHNAMURTI: Nada. Se nos preocupamos com o que vamos ganhar, na realidade, estamos pensando em termos de negócio. Vou fazer isto e, em troca, dê-me alguma coisa. Sou bondoso com você porque me convém. Mas isso não é bondade. Enquanto nos preocuparmos apenas com o ganho, não seremos livres. Se você pensar: "Se eu obtiver liberdade, poderei fazer isto e aquilo", isso não será liberdade. Não pensem, pois, em termos de utilidade. Se o fizer, eliminará completamente a possibilidade de ser livre. A liberdade só existe quando a temos sem nenhum objetivo. Não amamos uma pessoa porque ela nos dá alimento, roupa ou abrigo, pois isto não é amor.

Costumam passear sozinhos? Ou saem sempre com outras pessoas? Se às vezes andam sós, terão então oportunidade de conhecer-se, de saber o que pensam, o que sentem, o que é virtude, o que desejam ser. Descubram-no. E vocês não poderão compreender-se se estiverem sempre falando, a passear com amigos e continuamente acompanhados. Sentem-se quietos sob uma árvore, mas sem nenhum livro. Apenas olhem as estrelas, o céu límpido, os pássaros, o contorno das folhas. Observem a sombra. Acompanhem o pássaro atravessando o céu. Em solitude, tranqüilos, sentados sob uma árvore, começarão então a compreender a mente em atividade e a importância de freqüentar as aulas.

DA SENSIBILIDADE

ALGUNS dos professores daqui falavam comigo, há alguns dias, sobre a importância da sensibilidade, como é necessário ter-se um corpo sensível, uma mente ágil. O homem que está cônscio do ambiente em que vive, assim como de cada movimento do pensar e do sentir, é um todo harmonioso, é sensível. Como surge tal sensibilidade? De que maneira é possível um completo desenvolvimento do corpo, das emoções, da capacidade de pensar profunda e amplamente, a ponto de o ser inteiro tornar-se surpreendentemente alerta a tudo à sua volta, a cada desafio, a toda influência? E será isto possível em um mundo como este, um mundo em que o conhecimento técnico, por ser bem remunerado, é de grande valor, e no qual um engenheiro ou especialista em eletrônica assume tal importância? Será isto viável? Os políticos, os técnicos em eletrônica, transformam-se em maravilhosas máquinas humanas, porém levam vida muito limitada. São pessoas atribuladas, sem qualquer profundidade. Tudo o que sabem pertence a seu pequeno mundo; o mundo determinado pela sua especialidade.

Uma vida baseada em conhecimentos tecnológicos é uma vida estreita, sem amplitude. Está fadada a gerar angústia, sofrimento. Poderá a pessoa, com tal habilitação, realizar seu trabalho, ganhar a vida, e ainda viver com intensidade, clareza, visão? Eis o problema. A vida não é meramente ir ao escritório dia após dia. A vida é extraordinariamente rica, importante, mas para isso o ente humano tem de ser perceptivo, possuir uma sensibilidade capaz de apreender a beleza. Como sabem, há algo de admirável em relação ao belo. A beleza nunca é pessoal, embora nós a tornemos assim. Enfeitamos o cabelo com flores, vestimos requintados sáris, usamos bonitas camisas e calças, somos

elegantes e procuramos mostrar-nos tão atraentes quanto possível; mas essa é uma beleza bem limitada. Não digo que não devam usar boas roupas, mas isto não é apreciar a beleza. A apreciação da beleza está no ver uma árvore, um quadro, uma estátua, no ver as nuvens, os céus, os pássaros a voar, a estrela matutina e o ocaso por trás daquelas montanhas. Para contemplarmos a grandiosidade da beleza temos de superar nossas insignificantes vidas.

Pode ser que vocês tenham bom gosto. Sabem o que significa ter bom gosto? É saber combinar as cores, não usando aquelas que se choquem, não dizer coisas cruéis sobre os outros, ser bondoso, perceber os atrativos de uma casa, ter belos quadros, salas com proporções exatas. Tudo isto revela bom gosto, que é cultivável. Mas ter bom gosto não equivale a apreciar o belo. Este nunca é pessoal. Quando a beleza é personalizada, incorpora-se ao eu. O interesse próprio é a fonte do infortúnio. A maioria das pessoas, sabemos todos, não são felizes. Elas têm dinheiro, boa posição, poder, mas só há vacuidade em seu coração. A fonte desse vazio, desse desespero, desse conflito e profunda angústia, é um sentimento de culpa e medo.

Apreciar verdadeiramente a beleza é ver uma montanha, é extasiar-nos com o encanto das árvores; ver o fluir de um rio e com ele seguir do princípio ao fim; perder-se na magnificência, na pujança, na rapidez do rio. Porém, nada disso se acha ao nosso alcance se apenas nos preocupamos com o poder, com o dinheiro, com uma carreira. Esta é apenas uma parte do viver, e quando só nos interessamos por uma fração da existência, tornamo-nos insensíveis, o que leva a uma vida oca e infeliz. Uma vida insignificante sempre produz angústia e confusão, tanto à própria pessoa, como aos que lhe estão próximos. Não estou pregando moralismo, apenas expondo os fatos existenciais.

Cabe a seus professores não só educá-los, parcialmente, senão também de maneira total; e fazê-lo de modo que não sejam sugados pelo mesquinho sorvedouro da existência, habilitando-os, assim, a terem uma vida plena. Esta é a função do educador. A correta educação aprimora o ser inteiro, a mentalidade do homem. Propicia à mente e ao coração uma certa profundeza e a capacidade de apreciar e sentir o belo.

Provavelmente, vocês, meninas, crescerão e constituirão família; os meninos seguirão cada um sua carreira, e tudo terminará bem. Como sabem, casando-se, terão marido e filhos, e as

responsabilidades aumentarão como gralhas em uma árvore. O marido, a casa, os filhos, tornam-se um hábito e nele ficarão presas. A vida inteira estarão trabalhando, trabalhando em casa ou indo ao escritório, dia após dia, até morrer.

Fiquei pensando — naquela manhã em que os vi divertindo-se tanto — no que irá acontecer a todos vocês. Viverão com uma ardente chama interior, ou se transformarão daí em diante em homens de negócio e donas de casa? Que vão fazer? Não deveriam ser educados para romper com a respeitabilidade, para alijar todo conformismo? Provavelmente estou a dizer-lhes algo perigoso, mas não importa. Talvez não me dêem ouvidos, mas também é possível que estas palavras penetrem em sua consciência, e, em certo momento, ao terem de tomar uma decisão, isto lhes altere o curso da própria vida.

ESTUDANTE: Como ser sensível?

KRISHNAMURTI: Não sei se notaram a garoa, no outro dia. Depois caiu uma forte chuvarada. Havia nuvens escuras, pesadas de água. E também nuvens brancas, cheias de luz, com um tom rosado dentro delas. E viam-se nuvens que mais pareciam plumas esvoaçantes. Quanta beleza naquele maravilhoso espetáculo! Se não vêem e sentem todas estas coisas quando ainda jovens, curiosos, indecisos; quando ainda olham, procuram, perguntam; se não sentem agora, então jamais o sentirão. À medida que crescem, a vida os cerceia, torna-se dura. Mal olham as colinas, um lindo rosto, ou um sorriso. Faltando afeição, bondade, ternura, a vida torna-se árida, feia, brutal. Com o passar dos anos, surgem os interesses políticos, as preocupações com o trabalho e a família. Eis porque se atemorizam e gradualmente vão perdendo esta virtuosa tendência de olhar para o poente, para as nuvens, para as estrelas. Ao envelhecerem, o intelecto começa a trazer-lhes confusão no viver. Não quero dizer que não devem ter um intelecto claro, capaz de raciocinar, porém sua predominância os torna obtusos, fazendo-os perder o que há de superior na vida.

É necessário que sintam tudo com profundidade, não apenas algumas vezes, porém sempre. Se sua sensibilidade for intensa, as coisas insignificantes não encherão sua vida. Política, empregos, carreiras, tudo são coisas pequenas, sem valor. Se sentirem com veemência, com vitalidade, vigor, viverão em estado de profundo silêncio. Terão a mente lúcida, simples, poderosa. Ao se

tornarem adultos, os homens perdem a capacidade de enternecimento e compaixão perante outrem. E, então, começam a inventar religiões. Freqüentam templos, tomam drinques, drogas, a fim de despertarem essa espontaneidade. Tornam-se religiosos. A religião é criação do homem. Todos os templos, igrejas, dogmas, crenças, são por ele inventados. Há temor no ser humano porque ele se sente perdido sem a inspiradora visão da beleza, se não é afetuoso. Daí a importância dos cerimoniais, da ida aos templos, dos cânticos sagrados, dos rituais. Porém, na realidade, isso nada significa. A religião nascida do medo torna-se uma superstição perniciosa.

Assim, importa compreender o medo. O medo, como sabem, é generalizado: medo dos pais, de não passar nos exames, dos professores, de um cão, de uma cobra. Devemos compreendê-lo e livrar-nos dele. Se não tememos nada, inclinamo-nos para a bondade, a pensar com clareza, a olhar para as estrelas, para as nuvens, a encarar as pessoas com um sorriso. Sem o medo, podemos ir longe. Conseguiremos então descobrir, individualmente, aquilo pelo qual os homens, geração após geração, tanto têm ansiado.

Nas cavernas do sul da França e do norte da África encontram-se figuras rupestres, de 25.000 anos, de animais lutando contra o homem, de cervídeos, de gados. São gravuras extraordinárias. Mostram a busca interminável do homem, sua luta pela vida, sua infindável e vã procura dessa coisa singular denominada "Deus". Em verdade, só às cegas, como que sem saber, e quando não existe nenhum medo, poderemos encontrá-la. Não havendo temor, os sentimentos tornam-se extremamente poderosos. Quanto mais aguda for a sensibilidade, tanto menor será a preocupação com as coisas insignificantes. É o medo que afasta a percepção da beleza, a paz interior do silêncio. Assim como estudamos Matemática, temos de estudar o medo, de encará-lo, e não de fugir-lhe. É como sair a passeio e, de súbito, encontrar uma serpente, dar um pulo e observá-la. Se ficarmos tranqüilo, imóvel, sem medo, poderemos olhá-la bem de perto, mantendo-nos a certa distância. Veremos, nela, os olhos sem pálpebras, a língua preta, as escamas, os desenhos da pele. Com tal observação, teremos o ensejo de ver a serpente e até, talvez, sentir afeição por ela. Mas nunca seremos capazes de olhá-la se a temermos e dela fugirmos. Tal como olhamos uma serpente, cabe-nos olhar essa batalha chamada vida, com suas tristezas, aflições, confusão, conflitos, guer-

ras, ódios, avidez, ansiedade e sentimento de culpa. Só podemos contemplar a vida e o amor se em nós não houver medo.

ESTUDANTE: Porque todos nós desejamos viver?

KRISHNAMURTI: Não riam se um menino interroga: já que a vida é tão frágil, porque desejamos tanto viver? Não é triste uma criança fazer tal pergunta? Significa que ela mesma já viu que tudo passa. Os pássaros morrem, as folhas caem, as pessoas envelhecem, o homem tem doenças, dores, tristezas, sofrimentos; um pouco de alegria, algum prazer e trabalho incessante. Então, indaga: porque nos apegamos a tudo isto? Ela vê como os jovens envelhecem cedo, antes da hora. Vê a morte. O homem apega-se à vida porque já não há nada em que apoiar-se. Seus deuses, seus templos, não encerram a verdade: os livros sagrados são apenas palavras. Daí perguntar porque os homens, diante de tal infortunio, se prendem tanto à vida! Você compreende? Qual é sua resposta? Que respondem os mais velhos? E os professores desta escola, que pensam sobre isto? Nada? Os adultos têm vivido baseados em idéias, em palavras, mas o menino diz: "Tenho fome e todos me dão palavras em vez de alimento." Ele não confia em vocês e, então, pergunta: "Porque apegar-nos a tudo isto?" Percebem a razão por que se apegam? Porque só isso sabem fazer. Apegam-se a sua casa, a seus livros, ídolos, deuses, conclusões, dependências, tristezas, porque de nada mais dispõem, e tudo o que fazem traz infelicidade. Para descobrirem se existe algo mais, devem libertar-se de todos os apegos. Se pretendem atravessar o rio, têm de sair de onde estão. Não podem permanecer na respectiva margem. Desejam libertar-se deste infortúnio e, entretanto, permanecem no mesmo lugar. Deste modo, aferram-se a alguma coisa conhecida, ainda que desprezível, temendo largá-la por ignorarem o que se encontra do outro lado do rio.

O MEDO

Por certo já ouviram muitos políticos, educadores, seus pais e inúmeras outras pessoas dizerem que vocês representam a geração do futuro. Mas, quando tal acontece, não é isto o que de fato desejam mencionar, certos como se acham de que os jovens se conformarão com o antigo padrão social. Na realidade, não querem que venham a ser homens de uma espécie nova, diferente. Preferem que sejam mecânicos, a fim de se adaptarem à tradição, de com ela se conformarem, de nela acreditarem, de aceitarem a autoridade. Não obstante, se vocês puderem mesmo libertar-se do medo, não de modo teórico, ideal, não apenas na aparência, porém verdadeiramente, então poderão ser criaturas diferentes. Desta maneira, tornar-se-ão, efetivamente, a geração do futuro. Os mais idosos vivem atormentados pelo medo — medo da morte, de perder o emprego, medo da opinião pública. Estão sob o total domínio do temor. Por isto seus deuses, suas escrituras, seus *pujas*, encontram-se todos no campo do medo, deformando e pervertendo-lhes a mentalidade. São pessoas incapazes de pensar objetivamente, de raciocinar com lógica e sanidade, pois o temor as subjuga. Observem a geração mais velha e verão como temem tudo — a morte, a doença, contrariar a tradição, serem originais.

É o medo que nos impede o florescimento da bondade. Aprendemos, em geral, através do temor. Ele é a essência da autoridade e da obediência; tanto os pais como os governos exigem obediência. Há vários tipos de autoridade: a autoridade do livro; a de Sankara, de Buda; a autoridade de Einstein. Quase todos os homens são meros seguidores: consideram autoridade o criador de qualquer coisa e através da propaganda, das influências, da literatura, imprimem na delicada estrutura cerebral a

necessidade de obediência. Que acontece a vocês quando obedecem? Param de pensar. Porque sentem que as autoridades sabem muito, são poderosas, de grandes recursos, podem expulsá-los de casa, pois usam as palavras "dever", "amor", etc. Assim, vocês sucumbem, rendem-se, começam a obedecer, tornando-se escravos de uma idéia, de uma impressão, da influência. Ao conformar-se a um padrão de obediência, o cérebro já não é capaz de manter sua originalidade, de pensar de maneira simples e direta.

Mas, será possível aprender sem a compulsão de uma autoridade? Que é o aprender? Adquirir conhecimentos é uma coisa, e algo bem diferente é o aprender. A máquina pode adquirir informações como um robô ou um computador eletrônico. Ela adquire conhecimentos porque é alimentada com determinado número de informações e, assim, reunindo-as em grande quantidade, estas se transformam em conhecimentos. Dessa maneira, a máquina adquire informações, armazena-as e, quando lhe fazem uma pergunta, responde. Já a mente humana, com o aprendizado, pode fazer muito mais do que adquirir e acumular. Porém, só existe o aprender quando a mente está livre e quando não diz "Eu sei". É, pois, necessário diferençar, distinguir entre o aprender e a mera aquisição de conhecimentos. Adquirir conhecimentos faz do indivíduo um autômato, enquanto o aprender torna a mente fresca, jovem, sutil. Não existe aprendizado se o indivíduo se limita a seguir as informações adquiridas. A maioria dos professores, no mundo todo, satisfaz-se em obter e transmitir conhecimentos, mecanizando a mente e incapacitando-a de aprender. De fato, só aprendemos quando não sabemos, e se não existe temor nem autoridade.

A questão é a seguinte: como ensinar Matemática, ou outra qualquer matéria, sem haver autoridade e, por conseguinte, sem medo? O temor está sempre envolvido na competição, seja a competição em aula, seja na própria vida. O medo de não se tornar importante, de não ser bem sucedido, é a origem da competição. Quando existe o medo, a pessoa pára de aprender. Assim, parece-me que a verdadeira finalidade da educação é eliminar o medo, impedir que o estudante se torne maquinal, e, ao mesmo tempo, propiciar-lhe o aprendizado. Aprender sem tornar-se automático, o que significa aprender sem medo, é um problema complexo. Implica a eliminação de toda e qualquer disputa. No competir, a pessoa se amolda e aos poucos destrói a sutileza, o frescor, a juventude do cérebro. Mas é inegável a

valia do conhecimento. Será, então, possível adquirir conhecimentos e, não obstante, estar liberto do medo? Estão compreendendo?

Quando aprendem melhor? Já se observaram no ato de aprender? Experimentem fazê-lo de vez em quando. Hão de verificar que aprendem melhor quando livres do temor, quando não ameaçados pela autoridade, quando não competem com o próximo. A mente fica bem alertada. Assim, o problema do professor é o ensinar, e o de vocês, alunos, consiste em aprender sem sujeição à autoridade, sem viciar ou embrutecer o cérebro, e excluir o medo. Sentiram bem a coisa? O aprendizado só se consuma na ausência da conformidade, da autoridade, embora necessitem adquirir conhecimentos. O difícil é combinar tudo isso sem prejudicar o cérebro. Então, com o passar dos anos, ao se formarem e se casarem, enfrentarão a vida com uma nova disposição, com intrepidez. E isso significa estarem aprendendo a viver o tempo todo, em lugar de só viverem consoante um determinado padrão.

Sabem o que é a vida? Provavelmente a ignoram, jovens como são. Vou então explicar-lhes. Já viram os aldeões, vestidos de farrapos, sujos, perpetuamente esfomeados, trabalhando sem parar? Esta é uma parte da vida. Adiante notarão um homem de carro, a mulher coberta de jóias, perfumada, com vários empregados. Este é outro aspecto da existência. Ali se acha aquele que voluntariamente abriu mão das riquezas, que vive com simplicidade, anonimamente, como um desconhecido, que não se considera um santo. Também aqui temos outra parte da vida. Depara-se alhures o homem que deseja tornar-se um eremita, e existe ainda o que se torna um devoto, o qual não deseja pensar, mas apenas seguir cegamente alguma coisa. Existe, igualmente, aquele que pensa cuidadosamente, com lógica e sanidade, e que, ao descobrir que seus pensamentos são limitados, procura transcendê-los. Ele também compõe a vida. E a morte, a perda de tudo, do mesmo modo faz parte da vida. A crença em deuses e deusas, em salvadores, no paraíso, no inferno, são outros fragmentos da existência. E o amor, o ódio, o ciúme, a cobiça, tudo isso configura a vida, bem como o poder de ultrapassar todas essas trivialidades. Não convém crescer e aceitar uma parte da vida, a parte automática concernente à aquisição de conhecimentos, o que nada mais é do que aceitar o padrão de valores criado pela anterior geração. Acontece que

seus pais dispõem de recursos e podem proporcionar-lhes escola, universidade e, mais tarde, emprego. Depois, virá o casamento e então será o fim de tudo. Isto representa apenas um diminuto segmento da vida. Mas ainda existe um campo vastíssimo, cuja destemerosa compreensão é sobremaneira difícil.

Problema dos mais importantes da vida é o fato de o ser humano definhar, terminando por desintegrar-se. Temor e deterioração são coisas que se relacionam. À medida que as pessoas envelhecem, instala-se o fator deteriorante, a menos que resolvam o problema do medo no justo momento em que se apresenta, ou seja, sem adiar-lhe a solução. Ele é como uma chaga destruidora. O medo de não obter melhor emprego, de não se sentir realizado, devora a capacidade, a sensibilidade, o intelecto, a fibra moral. Assim, a solução do problema do medo e o fator de deterioração estão intimamente ligados. Procurem descobrir porque são medrosos e vejam se podem superar o medo, não apenas de modo verbal ou teórico, mas efetivamente. Não aceitem nenhuma autoridade. A aceitação da autoridade significa obediência, e esta só gera medo maior.

A fim de compreendermos essa coisa tão complexa chamada vida, que se encontra no tempo e além dele, necessitamos de uma mente sã, juvenil, viçosa. A mente que carrega o medo dentro de si, dia após dia, mês após mês, é como um objeto mecanizado. E, como sabem, máquina nenhuma é capaz de resolver os problemas humanos. Não podemos ter uma mente indene, fresca e juvenil, se o temor nos domina, se, da infância até à morte, vivemos amedrontados. Eis porque é indispensável uma educação correta, apta a eliminar o medo.

ESTUDANTE: Como obter a total libertação do temor?

KRISHNAMURTI: Primeiramente, cumpre saber o que ele é. Quem conhece sua mulher, seu marido, os pais, a sociedade, não os teme. Quando conhecemos profundamente uma coisa, não temos medo dela.

E como descobrirão tudo sobre o medo? Temem a opinião pública, isto é, o que seus amigos pensam de vocês? Na maioria das vezes, principalmente na mocidade, desejamos semelhar-nos aos outros, vestir-nos do mesmo modo, falar a mesma linguagem. Não aceitamos a menor diferença, porque ela implica a não conformidade, a não aceitação do padrão. Ao começarmos a questionar o padrão, surge o medo. Examinem esse medo, pe-

netrem fundo nele. Não digam: "Estou com medo", afastando-se em seguida do problema. Encarem-no, enfrentem-no, descubram o porquê do medo.

Suponhamos que eu tema meu vizinho, minha mulher, meu deus, meu país — mas, que temor é este? Será ele real ou meramente resultado do pensamento, do tempo? Vejamos um exemplo mais simples. Todos vamos morrer algum dia. A morte é inevitável para todos nós e, ao pensarmos nela, sentimos medo; pensar em alguma coisa que não conhecemos gera medo. Mas, se for real, se a morte ali estiver, se soubermos que vamos morrer imediatamente, o medo desaparece. Compreendem? É o pensamento no tempo que gera o medo. Se algo tem de ser feito agora, não infunde temor, porque não há tempo para pensar. Se eu for morrer no instante seguinte, serei capaz de enfrentar o fato; mas dêem-me uma hora, e passarei a dizer: "Vou deixar minhas riquezas, meus filhos, minha pátria, ainda nem terminei meu livro." Fico, então, nervoso, amedrontado.

O medo encontra-se, pois, no tempo, porque tempo é pensamento. Para extinguir o medo, vocês têm de considerar o pensamento como tempo, e a seguir penetrar no processo do pensar. É isso um tanto difícil.

Temo meus pais, a sociedade, o que eles dirão amanhã ou dez dias após. O pensamento do que pode ocorrer produz medo. Serei então capaz de dizer: "Vou pensar sobre este temor agora, e não daqui a alguns dias?" Terei a coragem de trazer para o momento presente o que vão dizer de mim, e encará-lo, e se porventura eles estiverem certos, poderei aceitá-lo? Porque ter medo? E se estiverem errados, também isso aceitarei? Porque não estariam errados? Qual a razão de todo esse temor? Assim, ouvirei o professor a fim de aprender, mas não ficarei amedrontado. Então, quando encaro o medo, ele desaparece. Porém, para enfrentar o medo, cabe-me investigar, o que representa um processo bastante complexo, por envolver o problema do tempo.

Como não devem ignorar, há duas espécies de tempo: o tempo marcado pelo relógio, o próximo minuto, esta noite, depois de amanhã; e o tempo criado pela psique humana, pelo pensamento — "Serei um grande homem", "Terei um emprego", "Vou à Europa" — ou seja, o futuro psicológico, no tempo e no espaço. Compreender o tempo cronológico através da observação e compreensão do tempo psicológico, e ultrapassar a ambos, é estar realmente livre do medo.

Estudante: Há pouco nos disse que, ao conhecermos alguma coisa, deixamos de temê-la. Mas, como sabe o senhor o que é a morte?

Krishnamurti: Eis uma curiosa pergunta: "Como saber o que é a morte e como parar de temê-la." Vou explicar-lhes. Sabem existirem duas espécies de morte — a morte física e a morte do pensamento. A morte corpórea é algo inevitável — assim como um lápis que se acaba. Os médicos podem inventar novos tratamentos; prolongar a vida de alguém até cento e vinte anos em vez de oitenta. Porém, a morte sempre virá. O organismo físico chega a um fim. Não é disso que temos medo. O que nos amedronta é o fim do pensamento, do "eu" que viveu tantos anos, do "eu" que adquiriu uma bela fortuna, que tem família, filhos, que deseja tornar-se importante, ter novas propriedades, mais dinheiro. O que tememos é a morte desse "eu". Percebem a diferença das duas — a morte física e a morte do "eu"?

A morte do "eu" é, psicologicamente, mais importante do que a do corpo, e é dela que temos medo. Tomemos um prazer e morramos para ele. Como vêem, não estou querendo penetrar em todo o problema; estou simplesmente indicando algo sobre ele. O "eu" é a soma de prazeres e dores acumulados. Poderá esse "ego" morrer para uma coisa? Fazendo-o, ele saberá o que significa a morte. Ou melhor, poderei morrer para um desejo? Sou capaz de dizer: "Já não me atrai este desejo, já me desliguei deste prazer?" Poderei eliminá-los, esquecê-los totalmente? Bem, vejamos agora outro assunto. Sabem alguma coisa sobre meditação?

Estudante: Não, senhor.

Krishnamurti: Pois também os adultos o ignoram. Costumam eles sentar-se a um canto, fechar os olhos e concentrar-se, como fazem os alunos do colégio quando tentam concentrar-se em um livro. Isso, porém, não é meditação. A meditação, se bem realizada, é algo maravilhoso. Falemos um pouco sobre ela.

Em primeiro lugar, sentem-se tranqüilamente; não se forcem a sentar-se calmamente, mas sentem-se ou deitem-se quietos, sem qualquer esforço. A seguir, observem seu pensamento. Atentem em que estão pensando: se em seus sapatos, seus sáris, se em que vão dizer, se no passarinho que canta lá fora. Acompanhem tais pensamentos e averigúem porque surgiram. Não

procurem mudá-los. Verifiquem a razão por que certos pensamentos surgem na mente; assim, começarão a compreender, sem esforço, o significado de cada pensamento e de cada sentimento. Mas, diante de um pensamento, não o condenem, não o considerem certo ou errado, bom ou mau. Limitem-se a observar, adquirindo, então, uma percepção, uma consciência ativa no ver cada espécie de pensamento, cada tipo de sentimento. Conhecerão os pensamentos recônditos, os velados motivos, todo e qualquer sentimento, sem distorção, sem classificá-los de um ou de outro modo. Quando observam, quando penetram fundo no pensamento, torna-se a mente mais sutil e viva. Nenhuma parte dela está adormecida, mas, sim, completamente desperta.

Isto é apenas o fundamento. Então, com a quietude mental, todo o ser se tranqüiliza. A seguir, observem, com profundeza essa serenidade, e este constitui o processo da meditação. Meditação não é sentar-se a um canto, repetindo uma série de palavras, ou olhar para uma figura e sentir uma espécie de êxtase imaginário.

Compreender o inteiro curso do próprio pensar e sentir é libertar-se de todo pensamento, de todo sentimento, e, deste modo, a criatura se aquieta. Isso também faz parte da vida. E, com essa quietude, você verá melhor a árvore, as pessoas, contemplará o céu e as estrelas. Eis a beleza da vida.

A VIOLÊNCIA

O MUNDO está repleto de violência. Existe a violência física e a violência interior. Violência física é matar alguém, magoar outra pessoa conscientemente, deliberadamente ou sem pensar; dizer-lhe coisas cruéis, estar cheio de animosidade e ódio; e, interiormente, é não gostar das pessoas, odiá-las, criticá-las. Internamente, estamos sempre discutindo, batalhando, não apenas com outrem, mas ainda dentro de nós. Queremos que as criaturas se modifiquem, tentamos fôrçá-las a seguirem nosso modo de pensar.

No mundo, à medida que crescemos, vemos muita violência em todos os níveis da existência humana. A violência máxima é a guerra — a matança por causa de idéias, pelos chamados princípios religiosos, por nacionalismo, para preservar uma nesga de terra. Para tanto, o homem aniquilará, destruirá, mutilará e ele mesmo será morto. É acentuada a violência que assola o mundo — o rico a desejar que os pobres permaneçam pobres, os pobres querendo ser ricos e, desse modo, odiando os ricos. Vocês, ao serem absorvidos pela sociedade, concorrerão também para tal situação.

Existe violência entre marido, mulher e filhos. Há violência, inimizade, ódio, crueldade, crítica maldosa, rancor — coisas essas inerentes ao indivíduo, aos entes humanos em geral. A educação deverá ajudá-los a transcenderem tudo isso, porquanto não constitui um mero preparo para aprovação em exames ou obtenção de emprego. Cumpre que sejam educados, instruídos, para se tornarem seres humanos bem formados, sadios, normais, racionais, e não homens brutais extremamente sagazes, prontos a justificarem e defenderem a própria agressividade. Infelizmente, terão de enfrentar toda essa violência quando se tornarem

adultos. Talvez esqueçam o que aqui aprenderam, sendo arrastados pela torrente da vida. Tornar-se-ão iguais ao homem comum, neste mundo cruel, duro, amargo, irado, violento, e não colaborarão para criar um novo sistema de vida, um universo diferente.

Porém, é necessário um mundo novo. É preciso que haja uma nova cultura. A velha cultura está morta, enterrada, desacreditada, pulverizada. Cabe-lhes construir uma nova cultura, uma civilização não baseada na violência. Isso depende de vocês, pois a geração mais velha construiu uma sociedade violenta e agressiva, e foi ela que causou toda esta confusão, a atual desordem. As anteriores gerações produziram este mundo, e a vocês compete modificá-lo. Não basta acomodarem-se e dizerem: "Imitaremos os outros, tentaremos progredir e ter estabilidade financeira." Se o fizerem, seus filhos sofrerão. Poderão levar uma boa vida, porém eles pagarão por isso. Eis a razão por que devem considerar todas essas coisas, a crueldade de homem para homem em nome de deus, da religião, em nome da importância pessoal, em nome da segurança familiar. Têm de levar em conta a maldade e a violência física, bem como a violência interior que ainda desconhecem.

Vocês são ainda jovens, mas, ao amadurecerem, verificarão o inferno que o homem mantém dentro de si, suas aflições, por estar em constante e íntima batalha, e ainda com a mulher, os filhos, os vizinhos, com seus deuses. Ele sofre e está confuso, e, de sua parte, não há amor, nem bondade, nem generosidade, nem compaixão. Pode alguém ter o seu doutorado ou tornar-se um conceituado homem de negócios, e possuir grandes recursos, mas, se não houver amor no coração, nem algum afeto, benevolência, consideração, será pior do que um irracional, pois estará contribuindo para um mundo destrutivo. É por isto que, na juventude, devem conhecer todas essas coisas. É preciso que elas sejam expostas cruamente, a fim de bem refletirem sobre o seu exato significado. Doutro modo, serão como os demais. E sem amor, sem ternura, sem magnanimidade, a vida se torna feia e vazia. Este é o motivo por que somos obrigados a deter-nos em todos os problemas da violência. Não compreender a violência é ser ignorante, sem inteligência e cultura. A vida é uma coisa grandiosa, mas, se alguém se limita a cavar para si um pequeno buraco, e ali permanecer, afastando-se de todos, isso, evidentemente, não é viver. Como vêem, tudo depende de nós.

De agora em diante, cientifiquem-se dessas realidades. Assim, incumbe escolherem deliberadamente o caminho da violência ou insurgirem-se contra a sociedade.

Sejam livres, vivam plenamente, sem animosidade, sem ódio. Então, a vida lhes sorrirá. Ela terá significado, trazendo-lhes contentamento e lucidez.

Quando acordaram esta manhã, olharam pela janela? Se o fizeram, devem ter visto aquelas colinas tornarem-se cor de açafrão à medida que o sol se levantava contra aquele lindo céu azul. E com o gorjeio matinal dos pássaros e do cuco, sentiu-se um profundo silêncio, uma manifestação de beleza e de solitude, e, se alguém não o percebeu, foi por total embotamento. Mas, para tal percepção nem todos têm a mesma sensibilidade. Porque isto só acontece quando temos livres a mente e o coração, quando não estamos amedrontados, nem somos violentos. Há, então, alegria, uma extraordinária bem-aventurança que poucas pessoas sentem. Cabe à educação criar esse estado na mente do homem.

ESTUDANTE: Senhor, a completa destruição da sociedade suscitará uma nova cultura?

KRISHNAMURTI: Se uma completa destruição fará nascer uma nova cultura? Como sabem, tem havido várias revoluções — a Revolução Francesa, a Revolução Russa, a Revolução Chinesa. Destruíram tudo para começar de novo. Acham que elas produziram alguma coisa nova? Toda sociedade tem três níveis de hierarquia: a alta, a média, a baixa; a alta é a aristocracia, os ricos, os inteligentes; a classe média, que está sempre labutando, e a classe operária. Cada uma delas está em luta contra as outras. A classe média pretende chegar ao topo e fazer uma revolução, mas, quando o consegue, os indivíduos apegam-se às posições alcançadas, ao prestígio, ao bem-estar, às riquezas, e, de novo, ela tenta progredir. A classe baixa lutando para alcançar a média, a média tentando chegar ao cume; esta é a batalha que se vem repetindo em todos os tempos, na sociedade e em todas as culturas. Diz a classe média que vai revolucionar as coisas, porém, ao achar-se no ponto alto, vemos o que faz. Ela sabe como controlar o povo através da propaganda, da tortura, da matança, da destruição, e despertando o temor.

Mediante a destruição, nada se produz. Mas, se compreenderem o total processo de desordem e da destruição, se o estu-

darem, não apenas externamente, senão também em seu interior, então, dessa compreensão, desse cuidado, desse afeto e amor, surge uma ordem inteiramente diferente. Entretanto, se não o compreenderem, se apenas sentirem revolta, o quadro se repetirá indefinidamente, porque nós, os seres humanos, somos sempre os mesmos. Isso não é como pôr abaixo uma casa e construir uma nova. Os homens não são feitos desse modo, pois, exteriormente, revelam educação, cultura, inteligência, porém, no íntimo, são violentos. A menos que o instinto animal seja basicamente modificado, não importa quais forem as circunstâncias exteriores, o interno sobrepõe-se sempre ao externo. A educação transforma o ser interior.

Estudante: O mundo, diz o senhor, tem de ser modificado. Porém, como fazê-lo?

Krishnamurti: Que é o mundo? É onde vive você, sua família, seus amigos, seus vizinhos. A ampliação de sua família, de seus amigos, seus vizinhos, constitui o mundo. Você é parte integrante dele, do universo em que está vivendo. Mas, como mudá-lo? Não será pela transformação daqueles que o compõem, de você e todos os mais?

Estudante: Mas, como transformar-nos?

Krishnamurti: Como fazê-lo? Primeiro, é necessário ver. Verificar que o ser humano, cada um de vocês, é o centro do mundo. Vocês e suas famílias formam esse centro. Eis o mundo que devem transformar. "Mas, como modificar-nos", hão de perguntar. Como modificarem-se? Esta é uma coisa das mais difíceis — modificar-nos, pois em regra não desejamos transformar-nos. Vocês, na juventude, querem modificar-se. Estão cheios de vitalidade, de energia, agrada-lhes subir às árvores, tudo querem ver, transbordam de curiosidade, mas, com o passar dos anos e a ida para o colégio, declinam tais impulsos. Já não desejam mudar, e dizem: "Pelo amor de Deus, deixem-me em paz." Pouquíssimas pessoas tencionam modificar o mundo, e ainda bem menor é o número das que pretendem modificar-se, pois se consideram o seu ponto central. Além disto, a transformação humana requer uma grande compreensão. Alguém pode mudar de uma para outra coisa, porém isso não é modificar-se. Ao dizer: "Estou-me transformando disto naquilo", julga o indivíduo estar agindo, mudando. Mas, na realidade, ele não se modificou. O que fez foi projetar uma idéia do que gostaria de ser.

Mas a idéia do que "gostaria de ser" difere daquilo "que é". E, para a pessoa, a transformação naquilo que "desejaria ser" é uma modificação, uma mudança, mas, em verdade, não o é. Assim, ela supõe ter-se modificado, porém, modificação é, em primeiro lugar, ter consciência daquilo que realmente "é" e conviver com essa realidade; então, o próprio ato de "ver" tem a virtude de transformar-nos.

ESTUDANTE: A seriedade é mesmo necessária?

KRISHNAMURTI: Eis uma importante pergunta. Antes de mais nada, que se entende por seriedade? Será parar de rir? Ter um sorriso nos lábios indicará que você não é sério? Desejar olhar para uma árvore e ver-lhe a beleza, será isto falta de seriedade? Pretender saber porque as pessoas aparentam determinado modo de ser, o que elas usam, porque falam de certa maneira, será isto falta de seriedade? Ou seriedade será ter sempre um ar compungido, um constante indagar: "Estarei agindo corretamente, consoante as normas consagradas?" Eu diria que isto não é seriedade nenhuma. Tentar meditar não é seriedade, como também não o é tentar adaptar-se a um padrão social, ou religioso, quaisquer que sejam. Seriedade não significa ajustamento, sinônimo de imitação. Assim, você pode ser sério com um sorriso nos lábios, quando admira uma árvore, quando pinta um quadro, ou ao ouvir uma música. Exemplo de seriedade, determinação, é acompanhar até o fim um pensamento, uma idéia, um sentimento; acompanhá-los até o âmago, sem desvio do intento original; prosseguir na pesquisa até o final, não importando o que possa acontecer, mesmo que a pessosa, nesse investigar, venha a morrer de inanição, perder a riqueza ou coisa equiavlente. Seguir do princípio ao fim um pensamento é revelar ardor, firmeza, seriedade. Respondi à sua pergunta?

ESTUDANTE: Sim, inegavelmente.

KRISHNAMURTI: Não tenho a mesma certeza. Você concordou facilmente por não haver compreendido o que eu disse. Porque não me interrompe e diz: "Olhe, eu não o estou entendendo bem." Nisso haveria franqueza. Quando não compreendemos alguma coisa, não importa quem o diga, devemos acrescentar: "Não estou compreendendo nada, fale-me com mais clareza." Mas, simplesmente concordar com as palavras ou os dizeres de outrem é falta de seriedade. Consiste a seriedade em ver as coisas claramente, descobrindo-as, e não apenas em aceitá-las. E

mais tarde, quando se casarem e tiverem filhos, responsabilidades, haverá outro tipo de seriedade. Então, não hão de querer alterar os padrões, procurarão abrigo, preferirão viver em um lugar seguro, livre de todas as revoluções.

ESTUDANTE: Porque procuramos o prazer e afastamos a dor?

KRISHNAMURTI: Vocês estão algo graves, esta manhã, não é? Porque acham o prazer mais agradável, não é mesmo? O sofrimento é doloroso. Por isto, querem evitar um e apegar-se ao outro. É natural evitar a dor, não é verdade? Se sentimos dor de dente, queremos livrar-nos dela. Se saímos a passeio é porque isso nos apraz. O problema não é o prazer e a dor, mas o evitar um ou outro. A vida tanto é prazer como sofrimento; é treva e luz. Num dia como o de hoje, há nuvens e o brilho do sol; existe o inverno e a primavera; e tudo isso faz parte da vida, da existência. Então, porque fugir de uma coisa e aferrar-nos a outra? Porque apegar-nos ao prazer e fugir à dor? Porque não viver naturalmente com ambos? Ao desejarmos afastar-nos do sofrimento, da dor, inventamos escapatórias, citando Buda, O Gita, ou indo a um cinema ou cultivando crenças. Entretanto, não se resolve o problema nem pelo sofrimento nem pelo prazer. Conseqüentemente, não se agarrem nem a um nem a outro. Identificando-se com o prazer, que lhes acontecerá? Criarão apego, não é mesmo? Mas, se algo acontecer ao objeto desse apego, seja ele uma pessoa, propriedades, sejam convicções próprias, sentir-se-ão perdidos. Concluirão, então, pela necessidade de haver desapego. Porém, eu lhes digo que não devem ser apegados nem desligados; limitem-se a olhar os fatos, a compreendê-los, porque, dessa maneira, nem o prazer nem a dor será importante. Só o fato, a realidade, terá significação.

DA CRIAÇÃO DE IMAGENS

Na juventude, apraz-nos a atividade — escutar o canto matinal dos pássaros, admirar as colinas após a chuva, os rochedos cintilando ao sol, o brilho das folhas, contemplar a passagem das nuvens e alegrar-nos em uma clara manhã com o coração pleno e a mente aberta. No entanto, perdemos esta boa disposição com o correr dos anos, quando surgem as preocupações, as ansiedades, as contendas, os ódios, os temores, na eterna luta pela sobrevivência. Passamos os dias brigando uns com os outros, sentindo simpatias e antipatias, e algum prazer de vez em quando. Não ouvimos os passarinhos, já não admiramos as árvores, nem vemos o orvalho na grama, nem as aves a voar, nem o brilho da pedra numa escorregadia vertente à luz da manhã. Não costumamos ver nada disto quando nos tornamos adultos. Porquê? Não sei se a si próprios já fizeram tal pergunta. Se não, é este o momento de formulá-la. Do contrário, em breve estarão aprisionados. Irão para uma universidade, casar-se-ão, terão filhos, marido, mulher, responsabilidades; serão obrigados a cuidar da subsistência; depois virá a velhice e, por fim, a morte. Em geral, é isto o que acontece. Cumpre interrogar-nos, então, porque perdemos a sensibilidade, porque já não apreciamos as flores, nem nos deleitamos com o gorjeio dos pássaros. Porque deixamos de contemplar a beleza? Creio que a razão principal é vivermos tão ocupados com a nossa personalidade. Por certo, temos todos uma imagem de nós mesmos.

Sabem o que é uma imagem? É uma coisa esculpida na pedra, ou no mármore, a qual se destina à adoração em um templo. Ela é feita pela mão do homem. Vocês também têm uma imagem de si próprios, não construída de igual maneira, senão pela mente, pelo pensamento, pela experiência, pelo co-

nhecimento, pelas lutas, por todos os conflitos e aflições de seu viver. Com o envelhecimento, essa imagem se fortifica, torna-se mais exigente e insistente. Quanto mais escutam, atuam, vivem através dessa imagem, tanto menos vêem a beleza e sentem alegria com alguma coisa desligada dos seus efeitos.

A razão da perda dessa plenitude é que, em regra, só há em vocês preocupações pessoais. Sabem o que significa ter preocupação de ordem pessoal? É estar o indivíduo com a idéia fixa em si mesmo, é manter-se ocupado com as próprias qualidades, se são boas ou más, com a opinião dos vizinhos, se o emprego que tem é bom; é ocupar-se em ser importante ou ficar à margem da sociedade. Os seres humanos estão sempre batalhando no escritório, em casa, nos campos. Estejam onde estiverem, façam o que fizerem, o conflito é constante, sem jamais se livrarem dele; e, não sendo capazes de consegui-lo, criam a imagem de um estado perfeito, do paraíso, de deus — outra imagem formada mentalmente. Criam-se imagens não somente superficiais, mas também mais profundas, e também estas estão em conflito entre si. Existirá conflito enquanto perdurarem as imagens, as opiniões, os conceitos, as idéias egocêntricas, tornando a luta cada vez maior.

Cabe então indagar: é possível viver neste mundo sem auto-imagem? O ser humano torna-se médico, cientista, professor, físico, e serve-se dessa profissão para criar sua imagem, e, deste modo, produz conflito ao exercê-la. Estão-me compreendendo? Se, por exemplo, a criatura dança bem, se toca um instrumento qualquer, ela usa o instrumento ou a dança para projetar-se, para demonstrar o quão maravilhosa é, como dança ou toca tão bem. A arte de dançar, de tocar, tem para ela um só objetivo — enriquecer a própria imagem. É assim que a maioria vive, ou seja, incentivando, fortalecendo o ego. Daí a intensificação do conflito; a pessoa, de tanto pensar em si, se embrutece, perdendo o sentido da beleza, da alegria, da lucidez.

A meu ver, faz parte da educação evitar que os alunos criem imagens. Dessarte, eles passarão a viver sem batalhar, sem lutar intimamente.

A educação nunca termina. Ela não se restringe à leitura de alguns livros, nem se resume no ver o estudante aprovado nos exames finais. No decurso da vida, desde o nascimento até a morte, existe o processo do aprendizado. O aprender não tem fim, é contínuo, perenal. Mas ninguém aprenderá se estiver ba-

talhando dentro de si, ou em conflito com o próximo, com a sociedade. E sempre que houver uma imagem, estaremos em antagonismo com a comunidade social. Porém, se vocês perceberem como se forma essa imagem, estarão em condições de ver o céu, de contemplar o rio e as gotas de chuva que pingam das folhas, de sentir o frescor do ar matinal e da brisa que sopra por entre as árvores. A vida passa a ter um diferente e maravilhoso significado. A vida em si, e não aquela que concebemos, ou idealizamos, segundo a nossa maneira de ser.

ESTUDANTE: Quando o senhor olha para uma flor, qual é seu relacionamento com ela?

KRISHNAMURTI: Qual o relacionamento? Você olha a flor, ou pensa que está olhando para ela? Percebe a diferença? Olha realmente a flor, ou julga que deveria olhar; ou, quem sabe, olha para a flor com uma imagem que dela tem, por exemplo, supondo que é uma rosa? A palavra é a imagem, a palavra é o conhecimento e, por conseguinte, você está olhando para aquela flor com a palavra, com o símbolo, com o conhecimento, e, portanto, não a está olhando efetivamente. Ou, talvez, o faça com a mente, que ao mesmo tempo está pensando em outra coisa.

Quando você olha para a flor sem o conceito, sem a imagem, atento, qual é a sua relação com ela? Já o fez alguma vez? Algum dia já olhou para uma flor sem denominá-la? Já admirou uma flor intensamente sem a interferência do nome, do símbolo, ou seja, apenas observando-a? Até que o faça, não terá qualquer relacionamento com a flor. Para se entrar em relação com outro ser, com um rochedo ou com uma folha, é necessário olhar e observar com plena atenção. Seu relacionamento com o que vê será, então, inteiramente diferente. Não haverá observador algum. Só haverá aquilo. Se observar assim, não existirá opinião nem julgamento. A coisa é o que é. Compreendeu? Você o fará? Olhe para uma flor deste modo. Faça isto, meu amigo. Não fale apenas, mas faça-o.

ESTUDANTE: Se o senhor tivesse muito lazer, como o utilizaria?

KRISHNAMURTI: Faria o que estou fazendo. Olhe, quando gostamos do que fazemos, temos na vida o lazer necessário. Compreende o que eu disse? Perguntou-me o que eu faria se dispusesse de tempo. Respondi que faria justamente o que estou fazendo: e o que faço é ir a diferentes partes do mundo,

pronunciar palestras, ver gente, etc. Faço isto pelo simples gosto de fazer; não porque fale para um grande auditório e me sinta importante. Quando alguém sente essa importância, não preza aquilo que faz, mas a si próprio. Assim, deve você preocupar-se, não com o que eu estou fazendo, porém com o que lhe incumbe fazer. Entendeu? Eu lhe disse o que estou fazendo. Agora, diga-me o que habitualmente faz nos momentos ociosos.

ESTUDANTE: Eu fico entediada.

KRISHNAMURTI: Fica entediada. Pois bem. Tédio é o que a maioria das pessoas sentem.

ESTUDANTE: Poderia o senhor dizer-me como livrar-me do tédio?

KRISHNAMURTI: Vamos, escute. Quase todos se acham entediados. Porquê? E a jovem pergunta como livrar-se do tédio. Descubra-o pessoalmente. Se você se isola, ainda que por breve tempo, isso a enfada. Então apanha um livro, procura conversar com alguém, pega uma revista, vai ao cinema, busca distrair-se com alguma coisa. Recorre a isso para fugir de si mesma. Você fez uma pergunta. Agora, preste atenção ao que vou dizer. Sente-se entediada, vazia, por achar-se agora diante de si própria, o que poucas vezes lhe acontece. Daí o seu aborrecimento. E pensa: Nada mais sou do que isto? Sinto-me insignificante, estou tão amolada! Tenho de superar este sentimento. — Esta realidade — o que você é — lhe desagrada, e por isso tenta fugir. Porém, se disser que não quer permanecer entediada, que procurará saber porque assim se encontra, que deseja descobrir o que em verdade é, isso equivale a olhar-se num espelho. Nele você se vê tal como é, vê seu próprio rosto. E ele não lhe satisfaz; dirá, então: gostaria de ser bonita, de parecer-me com uma atriz de cinema. Mas, se logo acrescentar: "É assim que eu sou; meu nariz não é bem reto, meus olhos são um tanto pequenos, meu cabelo é liso", aceitando esta verdade, vendo-se como efetivamente é, o tédio desaparecerá. O aborrecimento só surge quando você rejeita o que vê e almeja ser diferente. Do mesmo modo, quando você contempla o seu interior e o vê como é, isso não a entedia. É, pelo contrário, extraordinariamente interessante, pois, quanto mais se vê, mais há para ver. O indivíduo pode aprofundar-se cada vez mais, ampliar o autoconhecimento, sem jamais encontrar o fim. Em tal processo não existe tédio. Se chegar a esse ponto, estará fazendo aquilo que preza, e, se prezamos os nossos feitos,

o tempo não existe. Quem gosta de plantar árvores, sabe regá-las e protegê-las. Quando fazemos uma coisa pelo simples gosto de fazê-la, os dias parecem mais curtos. De agora em diante, descubram vocês mesmos o que apreciam fazer, o que lhes agradaria realizar. Não se preocupem apenas com as vantagens de uma carreira.

ESTUDANTE: Senhor, como descobrir o que gosto de fazer?

KRISHNAMURTI: Como descobrir? Compreendendo que talvez isso difira daquilo que pretende fazer. Provavelmente quer ser médico por ser essa a profissão paterna, ou porque a julgue rendosa. Então, nesse caso, não *prezamos* o que fazemos, pois nosso objetivo imediato é o lucro, e prestigiar-nos através dele. Quando prezamos alguma coisa, o móvel para alcançá-la não existe. Não nos valemos do que estamos realizando com o fito de tornar-nos mais importantes.

Descobrir o que se gosta de fazer é algo bem difícil. É, aliás, uma das tarefas da educação. Para tanto, cumpre penetrar-nos profundamente. E isso não é nada fácil. Pode o indivíduo dizer: pretendo ser advogado e consegui-lo após muita luta, e depois, subitamente, descobrir que seu pendor era outro. O que ele gostaria era de ser pintor. Porém, é tarde demais. Já está casado, tem mulher e filhos, faltam-lhe condições para desistir daquela carreira, das responsabilidades assumidas. Então, sente-se frustrado, infeliz. Contudo, ele talvez resolva seguir sua inclinação e, assim, dedica sua vida àquele objetivo — a pintura. Mas, um dia, inesperadamente, nota que jamais será um bom pintor, pois o que desejaria mesmo era ser aviador.

A educação correta não visa ajudá-los a encontrarem carreiras. Abandonem esta idéia. Educar-se não significa um simples acumular de informações através de um professor, nem aprender Matemática em livros, ou datas históricas relativas a reis e costumes; resume-se a educação em auxiliá-los a compreenderem os problemas humanos à medida que apareçam e isto requer uma mente saudável — uma mente que raciocine, penetrante, sem crenças. A crença não é um fato. O homem que acredita em deus é tão supersticioso quanto ao que nele não crê. Para descobrir alguma coisa é preciso raciocinar, e não poderão raciocinar se antes já tiverem uma opinião, preconceitos, se já tiverem chegado a uma conclusão. Necessitamos, pois, de uma mente sã, sensível, lúcida, objetiva, e não de uma mente crédula

e que obedece à autoridade. O objetivo da boa educação é ajudá-los a descobrirem, individualmente, o que gostariam de ser. Não importa o que seja, cozinheiro, jardineiro, etc., mas algo a que deverão dedicar-se. Então poderão ser eficientes, sem se tornarem brutais. E esta escola deve ser um lugar onde encontrem ajuda para verificarem e descobrirem, por si próprios, por meio de debates, pelo ouvir, pelo silêncio, através do viver, o que na verdade desejariam ser.

ESTUDANTE: Como podemos conhecer-nos?

KRISHNAMURTI: Esta é uma boa pergunta. Ouçam atentamente. Como sabem o que são? Compreendem o que interrogo? Vocês olham uma vez para o espelho; depois de alguns dias ou algumas semanas, tornam a olhar e dizem: "Este sou eu de novo." Certo? Então, olhando-se diariamente no espelho, passam a reconhecer o próprio rosto, afirmando: "Este sou eu." Pois bem. De igual modo, pela observação, serão capazes de saber como são? De conhecer seus gestos, a maneira de andar, o modo de falar, como se comportam, se são duros, cruéis, grosseiros, pacientes? É desta maneira que começam a descobrir-se. E virão a compreender-se observando-se no espelho do que fazem, do que pensam, do que sentem. Este é o espelho — o sentir, o fazer, o pensar. Através dele poderão observar-se. O espelho diz: este é o fato, mas ele não lhes agrada, e desejam alterá-lo. Começam então a distorcê-lo, pois não querem vê-lo como é. Ora, como eu disse antes, nós aprendemos quando existe atenção e silêncio. É assim que ocorre o aprender. Agora, sentem-se calmamente; não porque eu lhes estou pedindo, mas por ser este o meio de aprender. Sentem-se e fiquem tranqüilos, não apenas fisicamente, não só com o corpo, mas também com serenidade. Assim, nesse estado de quietude, prestem atenção. Atentem para os ruídos que vêm de fora, para o cantar do galo, dos pássaros, para todo e qualquer barulho; ouçam primeiro as coisas que acontecem externamente e, depois, o que se passa na própria mente. Então, poderão notar, nesse silêncio, se souberem escutar, que o som externo e o interno são o mesmo som.

O COMPORTAMENTO

Na vida, é sobremodo difícil comportar-nos sem dependermos das circunstâncias. Porque, em regra, é a circunstância momentânea e as normas tradicionais que nos levam a determinado comportamento. A maneira de o indivíduo conduzir-se, de comer, de andar, a moral adotada, o senso ético, dependem do local em que ele se encontra, e, assim, seus atos e ações variam constantemente. Observa-se essa mudança quando alguém se dirige ao pai, à mãe, aos empregados — a voz, as palavras diversificam muito. As formas de agir são ditadas pelas influências ambientes, a ponto de podermos prever o futuro procedimento das pessoas mediante uma simples análise dessas influências.

Pois bem. Vejamos se alguém pode saber se, interiormente, atua sempre do mesmo modo, sem importarem as circunstâncias. Brotará do íntimo a conduta de cada um, independentemente do que os outros pensam da pessoa ou de como a olham? Talvez não, porquanto ignoramos o que somos intimamente. Internamente existem, também, constantes modificações. Ninguém é hoje o que ontem foi. Pode alguém ter uma conduta própria e consciente, sem ser determinada por outrem, pela sociedade, pelas circunstâncias ou por sanções religiosas, um modo de proceder livre do ambiente? Creio ser isto possível, se o indivíduo souber o que é o amor.

Sabem o que é o amor? Que significa amar os semelhantes? Cuidar de uma planta, escovar o pêlo de um cão, penteá-lo, alimentá-lo, denota que a pessoa zela pela planta, que está afeiçoada ao *cão*. Não sei se já repararam, ao passar pela rua, em alguma árvore isolada, da qual ninguém cuida; ocasionalmente, alguém olhará para ela e irá andando. Essa árvore difere

inteiramente das que são cuidadas em jardins, daquelas que dão abrigo às pessoas e que todos admiram. Elas crescem cheias de vigor. Quando tratamos de uma árvore, regando-a, adubando-a; quando é podada, desbastada, tratada, sua sensibilidade é bem diferente daquela que cresce à beira da estrada.

O zelo é o começo da afeição. Quanto mais alguém vela pelas coisas, mais sensível se torna. Existe aí afeto, ternura, generosidade. Havendo essa afetividade, dela é que emanará a conduta, independentemente do ambiente, das circunstâncias, ou de influências. A dedicação, todavia, é uma qualidade rara, isto é, ser uma pessoa realmente afetiva sem preocupar-se com o fato de a outra dar, ou não, algo em troca, de lhe falar com aspereza ou demonstrar irritação. Creio que as crianças são assim. E vocês também, quando jovens, são afetivos. Mostram-se amigáveis uns com os outros, com os indivíduos em geral. Gostam de afagar um cão. Interessam-se pelas coisas e sorriem com facilidade. Com o correr dos anos, porém, tudo isto desaparece. Deste modo, são poucos os que revelam essa dedicação, e, no entanto, sem ela a vida não tem sentido. Podemos ter filhos, uma bela casa, um carro e tudo o mais, mas, se não formos dedicados, a vida é como uma flor sem perfume. E não será este um dos encargos da educação, o de fazer com que cheguemos a essa afetividade, geradora de alegria, e da qual, e somente dela, pode surgir o amor?

Para a maioria dos homens, amor é posse. Mas, havendo ciúme, inveja, existirá também crueldade, ódio. O amor só existe e cresce na ausência do ódio, da inveja, da ambição. Sem amor, a vida é como terra estéril, árida, dura, brutal. Porém, no momento em que existe afeição, ela é como a terra que floresce com água, com chuva, com beleza. Essas coisas, temos de aprendê-las na mocidade, e não na velhice, pois então será tarde demais. Com a idade, os entes humanos passam a depender da sociedade, do ambiente, do cônjuge, e de outros fatores. Verifiquem se são realmente dedicados. Vocês vão à aula com pontualidade para não prejudicarem os colegas? São pontuais às refeições, igualmente por não quererem que outros fiquem à sua espera? Param de gritar, quando em grupo, porque há pessoas a observá-los?

Quando o procedimento, a civilidade, a consideração não revelam profundeza nem afeição, nada significam. Já se houver dedicação, bondade, solicitude, daí surgirá a finura, a polidez,

a benevolência para com os demais, demonstrando isso que a pessoa pensa cada vez menos em si, o que hoje constitui uma raridade. E aquele que não tem preocupação egocêntrica é, na verdade, um ser humano livre. Então, pode contemplar os céus, as montanhas, as colinas, os rios e cascatas, os pássaros, as flores, com a mente fresca, com real afetividade. Correto? Agora, façam perguntas.

ESTUDANTE: Se existe ciúme no amor, nele não existe, igualmente, sacrifício?

KRISHNAMURTI: Sacrifício no amor? Amor nunca significa sacrifício. Que quer dizer ao usar a palavra "sacrifício"? Desistência? Fazer aquilo que não deseja fazer? É isto? Sacrifico-me pela pátria porque a amo. Sacrifico-me porque amo meus pais. É o que deseja exprimir? Mas, será isso amor? Existirá amor quando alguém se força a fazer algo pelos seus semelhantes? Não sei o que entende por sacrifício. Porque usou esse termo? Conforme sabem, as palavras "responsabilidade", "dever", "sacrifício", são bem desagradáveis. Quando se ama alguém, não existe responsabilidade, nem dever, nem sacrifício. O indivíduo age por amor. E ninguém pode amar se estiver pensando em si mesmo. Quando a criatura pensa em si própria, em primeiro lugar vem ela, achando-se a outra em segundo plano; então, para amá-la, há sacrifício. Isso não é amor, e sim uma barganha. Compreendem?

ESTUDANTE: Senhor, "aprender" e "amar" são coisas distintas ou mutuamente relacionadas?

KRISHNAMURTI: Sabe o que significam os termos "amar" e "aprender"?

ESTUDANTE: Eu sei o que é aprender.

KRISHNAMURTI: Saberá mesmo? Não digo que você ignora. Meu intuito é apenas interrogá-lo. Sabe o que é "aprender"? Talvez saiba o que é adquirir conhecimentos. O professor lhe transmite certos fatos, e você os grava, os armazena, na mente, no cérebro. Este processo de armazenamento é o que chamamos de aprendizado, não é assim?

ESTUDANTE: De certo modo.

KRISHNAMURTI: Sim, mas qual é então o outro modo? Você passa por uma experiência: ao passear pela colina, escorrega

e machuca-se; deste incidente aprende alguma coisa. Encontra um amigo e ele o magoa, extraindo, desse outro evento, nova lição. Lê um jornal e dele apreende algo. Conseqüentemente, seu aprendizado, em regra, consiste em adicionar cada vez maior número de informações. Mas, significará isto aprender? Existe uma outra forma de aprendizado, isto é, aprender no dia-a-dia, sem acumular. Daí, o agir, o pensar. Compreende o que é aprender fazendo? Não significa aprender e depois fazer. Existem, então, dois processos distintos, entende? Aquele em que se aprendeu e depois, com o conhecimento adquirido, atua-se; e o outro em que se aprende enquanto se faz. Os dois são completamente diferentes. Agir após haver aprendido é um ato mecânico, ao passo que aprender ao fazer não encerra automatismo. É sempre um ato novo. Por conseguinte, aprender ao fazer nunca é monótono nem cansativo; já fazer, agir, depois de haver aprendido, torna-se mecânico. Eis porque vocês se sentem enfadados com o estudo. Compreendem? Agora já sabem o que significa aprender. Aprender é fazer, realizar, de modo que no próprio ato de executar aprende-se. Vejamos agora o que é amor.

Amor é um sentimento em que existe doçura, mansidão, ternura, consideração, beleza. No amor não há avidez, nem ciúme. Bem, mas você perguntou se o aprendizado e o amor assemelham-se. Foi sua a pergunta, não?

ESTUDANTE: Perguntei se estão inter-relacionados.

KRISHNAMURTI: Já deve ter compreendido o que significa amar e o que significa aprender. São coisas relacionadas?

ESTUDANTE: São, de certo modo.

KRISHNAMURTI: Diga-me de que modo. Quer que o esclareça? São relacionadas porque ambas exigem uma atividade não mecânica. Aprender com a própria execução não implica automatismo. Porém no amor que se torna automático não existe o aprender. Amor em que há avidez, conflito, mesquinhez, inveja, ciúme, cólera, não é amor. Não existindo tais sentimentos, o que há é um elemento ativo, vivo. O amor se renova constantemente, é sempre diferente. Existe em ambos, no aprender e no amar, um movimento renovador, espontâneo, independente. É um movimento livre. Existe, pois, uma tênue, pequena relação entre os dois. Porém, tanto para aprender como para amar

deve haver afetividade. É grande a similitude entre o amor e o aprendizado quando há a verdadeira atenção. Se estamos atentos ao nosso pensar, dessa atenção surge o afeto e o conseqüente aprender.

ESTUDANTE: Senhor, como podemos viver nossa vida?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, você sabe o que é sua vida, para poder vivê-la? Não estou querendo divagar; estou apenas interrogando. Para viver sua vida, cumpre saber o que ela é e, para isso, necessita reconsiderá-la. Sua vida não é o que seus pais, a sociedade, seus professores e vizinhos, sua religião e os políticos lhe dizem ser. Na realidade, ela sofre uma série de influências — políticas, religiosas, sociais, econômicas, climáticas — e todas convergem para você, que diz: "Isto é a vida. Tenho de vivê-la." Só poderemos viver bem a vida, se compreendermos estas influências, porque é mediante esta compreensão que descobrimos a adequada maneira de pensar e de viver. Então, não tem sentido perguntar como devemos viver. Mas, antes é indispensável compreender todas as influências: da sociedade, da política, do clima, da alimentação e da leitura em geral. É preciso averiguar se podemos libertar-nos de todas elas. Eis uma das mais difíceis, das mais exigentes indagações. Depois de inquirir, de ponderar, é preciso compreender, achar um modo de vida que não seja nem seu, nem de ninguém. Será então a vida, e você estará vivendo.

Ora, em tudo isto, o que mais importa? A primeira coisa é não levar uma vida mecânica. Compreendem o que chamo de vida mecânica? É fazer algo porque alguém lhes recomendou, ou porque sentem ser esta a coisa correta que devem executar repetidamente, de maneira que o cérebro, a mente, o corpo, aos poucos, se tornam obtusos, pesados, estúpidos. Assim, não levem uma vida rotineira. Terão de ir ao escritório, de passar nos exames, estudar. Mas façam-no de ânimo renovado, com entusiasmo, e isso só é possível no decurso do aprender. E não poderão aprender se não se mantiverem atentos.

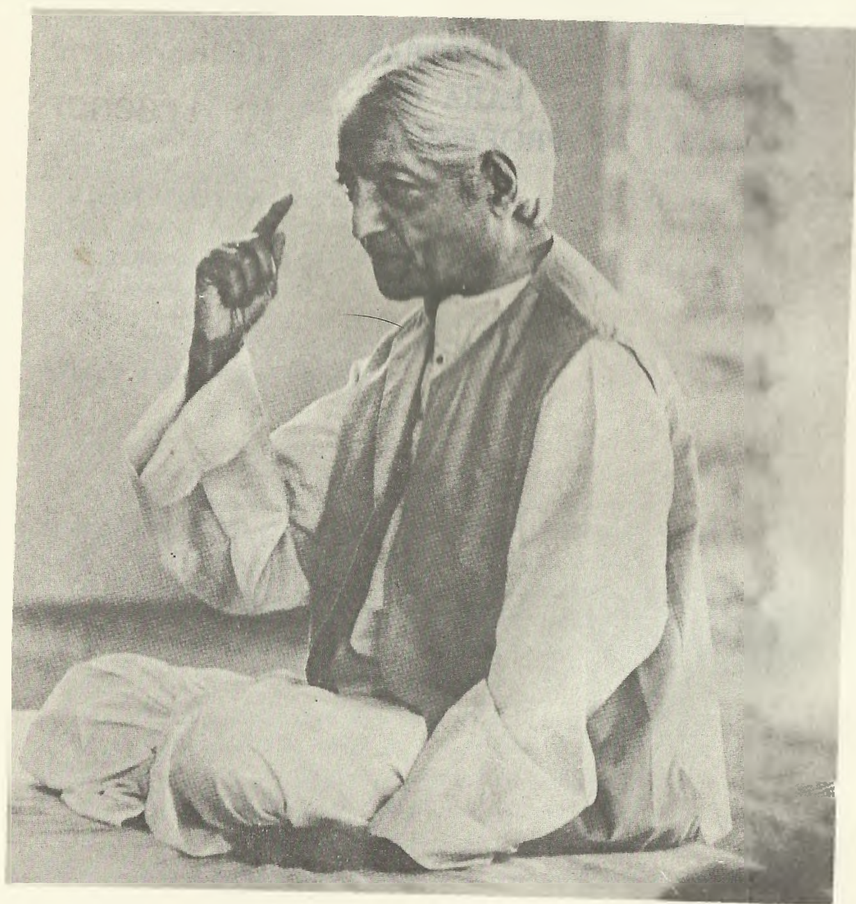
A segunda coisa é serem delicados, bondosos, evitando magoar os demais. Olhem pelos seus semelhantes, ajudem-nos, sejam generosos, tenham consideração para com as pessoas.

É preciso haver amor, senão a vida será vazia. Compreendem? Podem ter tudo o que quiserem: marido, mulher, carros, filhos; porém, se não houver amor, a vida será como um árido

deserto. Ainda que se mostrem inteligentes, ocupem ótimas posições, sejam bons advogados, excelentes administradores, competentes engenheiros, sem a chama do amor serão apenas entes humanos sem vida. Assim, não façam nada automaticamente. Descubram o que é amar alguém, os cães, o céu, as colinas azuis, os rios. Amem e tenham sentimento.

E, igualmente, cumpre saber o que é meditação, que significa ter uma mente tranqüila, silenciosa. Só com essa serenidade poderemos conhecer a verdadeira religiosidade. E, sem o espírito religioso, sem este sentimento, a vida é como uma rosa sem perfume, um rio que em seu leito jamais conheceu o encrespar das águas, é como a terra em que nunca cresceu uma árvore, um arbusto, uma flor.

PALESTRAS PARA OS PROFESSORES



EDUCAÇÃO CORRETA

Krishnamurti: É nossa intenção, em lugares como Rish Valley, no Sul, e Rajghat, no Norte, criar uma atmosfera, um clima, onde se consiga formar, se possível, um novo ser humano. Conhecem a história destas duas escolas? Funcionam há pouco mais de trinta anos. Seu propósito, seu objetivo é propiciar à criança os mais aprimorados conhecimentos tecnológicos, preparando-a para conduzir-se com lucidez e eficiência no mundo atual, e, sobretudo, criando o clima adequado para que ela se desenvolva como um perfeito ser humano. Isto significa dar-lhe ensejo para florescer em bondade, a fim de que tenha uma correta relação com as pessoas, com as coisas e as idéias, com a vida em geral. Viver é relacionar-se. E não existirá um bom relacionamento se não houver sensibilidade à beleza, à natureza, à música e às artes, ou seja, um senso estético bem desenvolvido.

Creio ser óbvio o quão destrutivo é o método de educação competitiva e o desenvolvimento infantil segundo esse sistema. Não sei se já se compreendeu o profundo significado disso. Em caso positivo, então, que é educação correta? Indubitavelmente, a hodierna educação, consistente em adaptar o educando à sociedade, é extremamente destrutiva. É por demais frustrante em suas pretensas atividades. E o que até agora tem sido considerado, no Ocidente e no Oriente, como um desenvolvimento dentro de tal processo, é cultura. É o inevitável convite ao sofrimento. A percepção dessa verdade é essencial. Se tudo isso é evidente, e se já houve, da parte de alguns, o abandono voluntário dessa orientação, então, que é o florescer humano, que é educação correta? Vocês educam o estudante a fim de que ele se adapte, se ajuste, se encaixe no sistema vigente, ou o educam para

fazê-lo compreender, para ver claramente o significado de tudo isso, ensinando-o, ao mesmo tempo, a ler e escrever? Se os ensinam a ler e escrever consoante o sistema hodierno, que leva o aluno à frustração, então o seu desenvolvimento está sendo dificultado. Deste modo, a questão é a seguinte: se abandonamos esta educação competitiva, pode a criança ser educada, no sentido comum da palavra? Ou a educação real consiste em sairmos, nós e o estudante, da malograda estrutura social, dando-lhe, simultaneamente, informações sobre Matemática, Física, etc.? Afinal, se professor e estudante se livrarem dessa monstruosa confusão, em que se resumirá a instrução? Tudo o que se pode ensinar ao aluno é leitura, redação, cálculo, desenho, memorização e comunicação de fatos e opiniões sobre fatos.

Então, qual é a finalidade da educação, e existe algum método particular de ensino? Ensinam vocês uma determinada técnica ao aluno, a fim de que ele se torne competente e, em virtude dessa mesma competência, passe a ser ambicioso? Habilitando-o para o exercício de uma profissão, a fim de que encontre trabalho, também o sobrecarregam com as implicações de sucesso e mau êxito. Ele deseja ser bem sucedido na vida, mas também quer ser um homem pacífico. A contradição passa a ser uma constante em sua vida. Quanto maior a contradição, maior será a tensão. Isto é um fato. Se ela deixa de existir, cresce a atividade exterior. O estudante aprende uma técnica e paralelamente desenvolve um acentuado desequilíbrio, contradição que conduz ao malogro e ao desespero. Quanto mais aumente sua capacidade técnica, mais ambicioso e frustrado se torna. Assim, ele é preparado para adquirir uma técnica que o tornará infeliz. O problema é então este: poderão vocês ajudá-lo a não cair em contradição? Pois é o que sucederá se não o auxiliarem a gostar daquilo que vierem a fazer.

Como devem saber, se o aluno aprecia o estudo de Geometria, efetuando-o com gosto, ele o absorve a ponto de não sentir nenhuma ambição. Gostando realmente dessa matéria, nela encontra grande deleite. Portanto, através dela ele desabrocha, cresce como ser humano. Como ajudarão o estudante a prezar assim alguma coisa que ele ainda não chegou a descobrir?

Se, como professores, fossem interrogados sobre qual é o objetivo deste colégio, saberiam responder? De minha parte, desejo perguntar-lhes o que estão tentando fazer do estudante. Tentam moldá-lo, condicioná-lo, forçá-lo a seguir determinado

caminho? Estão procurando prepará-lo em Matemática, Física, ministrando-lhe esclarecimentos para que se torne um técnico ou especialista proficiente, bem sucedido numa futura carreira? Numerosas escolas, no mundo inteiro, estão fazendo isto, visando transformar o jovem num excelente cientista, em engenheiro, físico ou outra qualquer coisa. Ou o que tencionam realizar aqui é bem mais elevado? Em caso afirmativo, que intuito é esse?

Devemos estar bem certos do que queremos, do que deve ser um ente humano — o ser humano total, não apenas o de formação tecnológica. Se atribuímos exagerada importância aos exames, aos dados técnicos, à sagacidade infantil, para capacitar o educando a adquirir conhecimentos, enquanto negligenciamos o outro lado da coisa, transformaremos a criança em um ser humano de desenvolvimento unilateral. Por ser humano total, entendemos não somente o homem dotado de compreensão interior, apto a explorar, a examinar seu mundo íntimo e ultrapassá-lo, mas ainda aquele que revela bondade em suas ações. Os dois seres se completam. Este é o grande problema da educação — diligenciar para que a criança, ao deixar a escola, esteja bem formada, tanto externa como internamente.

Deve haver um ponto do qual começamos a atuar e, assim, desenvolveremos a parte tecnológica e também descobriremos as recônditas profundezas da mente humana. Digamo-lo de outra maneira. Se vocês se preocupam em tornar o estudante um excelente técnico, negligenciando o outro lado da educação, como geralmente se faz, que é que lhe acontece? Se se limitam a transformá-lo num perfeito dançarino, em um exímio matemático, que lhe deverá ocorrer? Ele não é só isso, é algo mais. É ciumento, irritado, frustrado, desesperado, ambicioso. Estarão assim criando uma sociedade em que sempre haverá desordem, porque estarão dando ênfase à técnica e à competência em um campo, desprezando o outro. Por mais perfeito que seja um homem no aspecto tecnológico, ele estará sempre em contradição nos relacionamentos sociais, sempre em luta com o vizinho.

A tecnologia não consegue criar uma sociedade perfeita ou uma sociedade justa. Poderá criar uma sociedade importante, onde não haverá pobreza, onde existirá igualdade material, etc., etc., Uma sociedade importante não é necessariamente uma sociedade justa. Uma sociedade justa implica ordem. Ordem não significa trens dentro do horário ou correspondência entregue regularmente. Exprime algo mais. Para o ente humano,

significa ordem interior. E tal ordem criará inevitavelmente uma sociedade justa. Agora, de que ponto partimos?

Compreendem minha pergunta? Se abandono a parte interior e acentuo o lado tecnológico, o que quer que eu faça será sempre uma educação unilateral. Cabe-me, então, encontrar um meio, descobrir algum modo de abranger ambos os lados. Até hoje, temos separado os dois, e, fazendo-o, demos ênfase a um e descuramos o outro. Agora, tentamos unir os dois lados. Se a educação for adequada, o estudante não os tratará como dois campos separados. Será capaz de mover-se em ambos como se fosse um só. Certo? Ao tornar-se tecnicamente perfeito, o jovem estará igualmente fazendo de si um ente humano válido. O que dissemos traz alguma luz à questão, ou não?

Um rio não é sempre o mesmo; as margens variam, podendo a água ser usada para fins industriais ou outros quaisquer, continuando, entretanto, a ser água. Porque separamos o mundo tecnológico do outro? Pensamos: "Se conseguirmos criar um mundo tecnológico perfeito, teremos alimento, roupas, abrigo para todos; assim, preocupemo-nos simplesmente com o aspecto tecnológico." Por outro lado, há aqueles que se preocupam unicamente com o mundo íntimo. Valorizam demais esse mundo, e tornam-se cada vez mais isolados, mais egocêntricos, mais aéreos, seguindo as próprias crenças, dogmas e visões. Essa grande divisão existe e hoje julgamos dever, de algum modo, juntar os dois aspectos. Após essa divisão da vida em externa e interna, procuramos agora integrá-las. A meu ver, tal atitude gera igualmente novos conflitos. Já se encontrássemos um centro, um recurso, um modo de encarar a coisa sem causar divisão, daríamos às duas partes igual tratamento.

Qual é a conduta mais inteligente? Notem que estou usando a palavra "inteligente", e não hábil, não intuitiva, não derivada de conhecimento, informação, experiência. Qual a atitude que abrange todas essas divisões, todos esses conflitos; e que, nesse próprio abranger, cria o movimento da inteligência?

Vemos no mundo duas correntes em atividade, a corrente profundamente religiosa, que o homem sempre buscou e se transformou em Catolicismo, Protestantismo, Hinduísmo, e a corrente comum da tecnologia, com um mundo de computadores e automatismo que dá ao homem mais tempo para o lazer. O movimento religioso é muito fraco e poucos são os que o buscam. Porém, o movimento tecnológico torna-se cada vez mais forte,

fazendo com que o homem se sinta perdido dentro dele e, ao verificar estar mais mecanizado, tenta fugir desse automatismo, procurando descobrir alguma coisa nova — na pintura, na música, no teatro, nas artes em geral. Então o homem religioso, se houver algum, pensa: "este caminho é errado", e dele se afasta e segue seu próprio mundo. Essas pessoas não vêem a insuficiência, a imaturidade, a inconsistência de ambos os caminhos. Pois bem: podemos nós ver que os dois não satisfazem? Se o conseguirmos, estaremos começando a perceber um comportamento não automatizado que abrangerá as duas áreas.

Se eu tivesse de educar uma criança, eu a ajudaria a ver o automatismo e a ineficácia dos dois caminhos, e do próprio ato de ver essa realidade nasceria a inteligência esclarecedora.

Senhores, olhem estas flores, seu esplendor, sua beleza. De que modo eu, como professor, conseguiria ajudar o estudante a contemplar as flores e aplicar-se também à Matemática? Se me concentrar unicamente nas flores e desprezar a Matemática, haverá algo de errado na minha atitude. Se, ao contrário, estiver preocupado apenas com a Matemática, também aí não estarei certo.

Não devemos adquirir conhecimentos tecnológicos, aperfeiçoar-nos primeiramente numa matéria, e depois passarmos para outra. Ao nos dedicarmos longo tempo, com todo o empenho, na aquisição de conhecimentos, algo já se destruiu em nós — o interesse em ver e a capacidade para olhar. Ao dar maior ênfase a um ou outro aspecto, tornamo-nos insensíveis e, como sabem, a essência da inteligência é a sensibilidade.

Assim, a qualidade que desejamos para a criança é a mais apurada sensibilidade. Sensibilidade é inteligência, a qual os livros não nos propiciam. Se, durante anos, estudarmos Matemática e não formos capazes de olhar para essas flores e para o azul do céu, estaremos mortos. Se tivermos sensibilidade, a mais alta expressão da inteligência, então poderemos admirar as flores e também estudar Matemática. Se essa inteligência for dotada de agilidade, atenderá a ambos os campos. Agora, que faremos, os senhores e eu, como uma comunidade de professores, para despertar na criança esse tipo de sensibilidade?

O estudante tem de ser livre. Senão, não será sensível. Se, por exemplo, não for livre para estudar determinada matéria, para apreciá-la, para a ela devotar-se, não terá bom êxito nesse estudo. E, igualmente, para contemplar as flores, ver-lhes a be-

leza, ele necessita de liberdade. Então, é a liberdade o que vem primeiro, o que significa caber ao mestre ajudar o menino a ser livre. Liberdade significa ordem, liberdade não significa deixar a criança fazer o que quiser, almoçar e ir à aula quando entender.

Nos exames, no trabalho, no aprender, compreende-se que a mais alta forma de sensibilidade é a inteligência. E a sensibilidade e a inteligência promanam tão-somente da liberdade, porém levar essa compreensão à criança requer grande habilidade de nossa parte. Desejo ajudar a criança a ser livre e a ter, ao mesmo tempo, ordem e disciplina, sem submissão. Para examinar alguma coisa, precisamos ter isenção e ser disciplinados. A disciplina não vem de fora, não é imposta à criança como algo a que ela deva adaptar-se. Na análise desses dois processos — o tecnológico e o religioso — deve haver atenção e, por conseguinte, ordem. Alguém talvez comente: "Como será possível auxiliar essa criança a ser inteiramente livre e ao mesmo tempo disciplinada, sê-lo não por medo nem por submissão?" Liberdade e disciplina simultaneamente! Uma coisa não deve vir primeiro e a outra depois. Ambas surgem conjuntamente. Mas, como conseguiremos isto? Está claro ser a liberdade um fator básico, sem que isso signifique permissividade? Não podemos fazer o que quisermos, pois, na vida, estamos sempre em relação com outrem. Percebam a necessidade e a importância de serem completamente livres, porém com disciplina e sem submissão. Notem que suas crenças, idéias, ideologias, são de segunda mão. Depois, não esqueçam que a liberdade é indispensável. De outro modo, não poderão agir como autênticos seres humanos.

Agora, não sei se consideram tudo a que me referi como idéias ou como um fato, algo tão real como este tinteiro. Quando vocês, como uma comunidade de professores, se compenetrarem da importância de ser a criança inteiramente livre, e, ao mesmo tempo, disciplinada e ordeira — como farão para que ela possa desabrochar com tais qualidades? Gritar com ela, de nada adianta; bater-lhe é inútil; fazer comparações também de nada vale. Qualquer forma de compulsão, de intimidação, como a praxe de dar notas ou não, nada disso é eficaz.

Se compreenderem a importância da liberdade e da ordem, e sentirem que tanto o castigo como o prêmio não produzem resultados, alijarão de pronto, convictamente, essas formas de agir?

Os velhos sistemas, de uso secular, não levaram o homem à libertação. Fizeram-no ceder e ajustar-se; porém, se vocês estão certos de que a liberdade e a ordem são coisas essenciais, cumpre abandonar de vez esses métodos.

A dificuldade é estarem acostumados com eles, dos quais de súbito se vêem privados. Defrontam-se, então, com um problema que devem encarar de maneira inteiramente nova. O problema é seu e sua também a responsabilidade. Estão diante dessa questão. Não podem empregar os antigos métodos, pois sabem dever o menino ser livre dentro da ordem. Então, que lhes aconteceu que, até hoje, aceitaram uma fórmula gasta e com ela trabalharam? Deixaram a fórmula e estão estudando o problema de novo, ou não? Passaram a vê-lo de outra maneira, livremente?

PROFESSOR: Requer a compreensão estejamos sempre assim?

KRISHNAMURTI: Se não percebemos a coisa agora e necessitamos percebê-la sempre, isto não faz sentido. O ver, o perceber uma vez é como a semente que, colocada na terra, brotará. Mas se alude à necessidade de perceber continuadamente, é porque está voltando à velha fórmula.

Vejamos o que sucedeu: os antigos padrões de raciocínio com relação ao ensino, à liberdade e à ordem, foram-lhe tirados. Portanto, você está olhando os problemas de modo diferente. A diferença é que sua mente está agora livre para ver, para examinar a questão da liberdade e da ordem. Porém, como demonstrará à criança que, mesmo sem punição e recompensa, ela deve ser inteiramente livre e disciplinada?

PROFESSOR: Creio que o professor e o aluno têm o mesmo problema. O professor deve agir sabendo que a liberdade e a disciplina têm de estar unidas. Ele habituou-se a separar as duas coisas, e diz então que a liberdade é contra a ordem e que esta é contra a liberdade.

KRISHNAMURTI: Estamos omitindo alguma coisa. Ao verificar que os antigos métodos de punição e recompensa estão ultrapassados, a mente se aguça. Tendo de resolver este problema, ela se torna penetrante, avivada. E com essa viveza, essa penetração, entrará em direto contato com a matéria e a compreenderá.

Por ser livre e compreender a liberdade, você será pontual às aulas, e falará a seus alunos sobre liberdade e não sobre uma idéia. Falar sobre uma idéia, uma fórmula, um conceito, é uma coisa, mas discorrer acerca de um fato real e de seu conhecimento — refiro-me à liberdade e à disciplina — é algo bem diferente. Ao ser livre e disciplinado, o professor já está transmitindo essa liberdade e disciplina, não apenas por palavras, mas também não-verbalmente, e o estudante de imediato o percebe.

Compreendendo-se que a punição e a recompensa, sob qualquer forma, são destrutivas, abandonamo-las definitivamente. E, com isso, nós mesmos nos disciplinamos. Essa disciplina vem do livre exame. Então, você comunica à criança o fato e não uma idéia: comunica-se com ela não só verbalmente, mas ainda em um nível de todo diferente.

AMPLA VISÃO

Todos nós, em geral, sabemos o que vem acontecendo no mundo — a ameaça de guerra, a bomba nuclear, os numerosos conflitos e tensões geradores de novas crises. A meu ver, só com uma nova mentalidade poderá o homem enfrentar esses desafios. Um ser humano não especializado nem exercitado unicamente em tecnologia, que não vise apenas a prosperidade, mas que enfrente esses desafios adequadamente. E parece-me ser esta a finalidade da educação, o objetivo de uma escola.

Por toda parte — na Europa, na Rússia, na América, no Japão e aqui — formam-se técnicos, cientistas, educadores. Esses especialistas são incapazes de ir ao encontro das complexas solicitações da vida. Apesar dessa incapacidade, são justamente eles que governam o mundo, como o político, ou o cientista. Especializaram-se em seus respectivos campos, porém sua orientação, sua liderança, tem obviamente falhado e continua a falhar. Limitam-se a reagir ao imediato. Estamos preocupados com as prontas reações de um país que é muito pobre, como a Índia, ou com as respostas de países de imensa prosperidade, como os do Ocidente. Todos pensam em termos de fazer alguma coisa incontinenti. Julgo que se deveria ter uma larga e completa visão do problema, e os especialistas não demonstram aptidão para a tarefa, pois são homens que sempre pensam em ações imediatas. Se bem que tal ação seja necessária, penso caber à educação criar uma mentalidade que, além de agir assim, vá bem mais adiante.

No mundo inteiro, os governos autoritários, os sacerdotes, os professores, os analistas, os psicólogos, todos se empenham em controlar, em ajustar ou dirigir a mente humana, deixando

para o homem pouca liberdade de ação. Deste modo, o verdadeiro problema é descobrir como viver em um mundo tão compulsivamente autoritário, tão brutal e tirânico, não só nas relações cotidianas, senão também nos relacionamentos sociais; como viver num mundo como este, sendo capaz de atender a suas demandas sem a perda da liberdade. A educação, quando correta, objetiva desenvolver o espírito, de maneira que o indivíduo não caia nas rotinas do hábito, embora valiosas ou nobres, e necessárias do ponto de vista tecnológico, e tenha também uma mente vigorosa, não pelo acúmulo de conhecimentos, de experiências, e sim por seu poder de penetração. Geralmente, quanto maior o número de conhecimentos, tanto menos vivacidade tem o cérebro.

Não sou contra o conhecimento. Existe diferença entre o aprender e o adquirir conhecimentos. Cessa o aprender quando só há acúmulo de conhecimentos. O aprender independe de qualquer aquisição. Ao se dar demasiada importância ao conhecimento, deixa de haver o aprender. Quanto maior o número de informações acumuladas, mais segura, mais certa se torna a mente, cessando, portanto, o aprender. O aprendizado nunca é um processo aditivo. Quando alguém aprende, encontra-se num processo ativo, ao passo que a aquisição de conhecimentos é um simples processo de colher informações e armazená-las. Como se vê, há diferença entre a aquisição de conhecimentos e o aprender. Mas, no mundo inteiro, a educação é mera aquisição de conhecimentos e, assim, torna a mente obtusa e impede o aprender. A aquisição de conhecimentos dita a conduta de vida e, portanto, limita a experiência, ao passo que o aprender é ilimitado.

Pode alguém, numa escola, não apenas adquirir os conhecimentos necessários à vida, e também estar em constante aprendizado? Não existe contradição entre os dois processos. Num educandário em que a preocupação com a aquisição de conhecimentos se torna por demais importante, o aprender transforma-se em uma contradição. A educação abrange a vida em sua totalidade, isto é, não visa apenas às reações imediatas provocadas pelos seus constantes desafios.

Vejamos o que encerram os dois processos. Se alguém vive em termos do imediato, reagindo prontamente ao desafio, este, de diferentes maneiras, se repete constantemente. Em um ano haverá guerra, no ano seguinte, revolução, no terceiro, talvez

desequilíbrio industrial; a vida, em termos do imediatismo, torna-se muito superficial. Vocês talvez achem que isto basta, porque é só com tais coisas que nos devemos preocupar. Este é um modo de entender a vida. Mas, se assim procedermos, viveremos uma vida vazia. Pode-se encher a vida com carros, livros, sexo, bebida, roupas, porém ela será sempre insípida e inexpressiva. O homem que tem a vida vazia, frívola, está sempre tentando fugir; e a fuga denota embuste, outros deuses, novas crenças, maior número de dogmas, de atitudes autoritárias, ou mais entretenimentos, mais sensualidade, mais televisão. As prontas respostas daquelas que vivem no imediatismo são extremamente pobres, fúteis, insignificantes. Não se trata de opinião ou preconceito de minha parte; todos podem observá-lo. Dirão talvez ser isto o suficiente, ou que não é de todo bom, mas satisfaz. É mister, pois, haver uma visão mais ampla, conquanto seja preciso agir prontamente quando, por exemplo, a casa pega fogo, porém isso não representa o fim da ação. Deve haver mais alguma coisa, entretanto como descobri-la sem recorrer a autoridades, livros, sacerdotes? É alguém capaz de abandonar tudo isso e ir em busca dessa coisa desconhecida? Se a buscarmos, tal imediatismo será respondido de um modo mais significativo, mais vital. Vocês, como seres humanos, sendo também educadores, professores, que pensam sobre este assunto?

Não quero que concordem comigo. Porém, se têm exercitado o cérebro, observado os eventos do mundo, se conhecem suas próprias inclinações e exigências, se atentarem para o estado do homem e seu profundo desespero, que respondem? Como agem, como encaram tudo isto? Esqueçam que se encontram em um colégio. Estamos falando como seres humanos.

Professor: Ao defrontarmos um súbito desafio, especialmente ao envelhecermos, parece que sentimos uma certa ansiedade. Com o passar dos anos, será outro o nosso sentimento diante do problema?

Krishnamurti: Que entende por "envelhecer"? Envelhecendo por longa permanência no trabalho? Envelhecendo em termos de rotina, de tédio? Que quer dizer ao aludir à idade? Que o torna mais velho? O organismo vai-se desgastando? Por que motivo? Será em virtude de doença, ou por haver repetição no próprio viver, como uma máquina que trabalha sem cessar?

A psique se mantém adormecida; funciona meramente pelo hábito. Deste modo, é rápido o envelhecimento do corpo. Porque envelhece a psique? Ela tem mesmo que envelhecer? Penso que não. Será a idade adiantada apenas um hábito? Já repararam em como os velhos comem, como falam? Será possível manter a psique extraordinariamente jovem, viva, ilesa? Poderá ela conservar essa vitalidade sem jamais perdê-la em decorrência do hábito, da idéia de segurança, de exigências da família e de responsabilidades? Por certo, isto é possível, o que impõe a destruição de quanto construíram. Eis o que chamo de visão ampla. A pessoa teve uma experiência, agradável ou não, e ela deixa uma marca, passando a mente a revivê-la pela memória. Diz então: "Tive uma maravilhosa experiência", ou "Minha vida foi bem triste", havendo, assim, um declínio. Deste modo, a experiência, e o viver nela, significa decadência.

Mas voltemos à minha pergunta. Como um ser humano, vivendo nesta sociedade, em um mundo que exige ação imediata responde às súbitas solicitações da vida? O desafio imediato está sempre a pedir uma pronta resposta, e isso nos aprisiona. De que maneira você, como pai, como professor, como cidadão, responde a essas solicitações? Conforme responder, assim o atingirá o repto. Se reage de maneira consciente ou inconsciente, o efeito recairá na psique.

Professor: Haverá um meio de transformar a visão ampla em uma realidade tão verdadeira como o imediato?

Krishnamurti: Evidentemente. O imediato é o real. Existe a bomba nuclear — os cientistas russos, americanos, franceses estão inventando meios de produzir bombas atômicas menos dispendiosas — e elas podem destruir tudo. Porque se espantam com isto? A bomba nuclear resulta de uma longa série de coisas — nacionalismo, industrialização, diferenças de classe, avidez, inveja, ódio, voracidade — tudo isso produziu a bomba nuclear. Dirão, sem compreender o problema, que a América ou a Rússia deveria ser impedida de fabricar bombas atômicas, e chamam a isso uma atitude real. Se impende considerar o problema em sua totalidade, qual a vantagem de a ele aludirmos fragmentariamente? Então, se esta é a realidade, e é óbvio que ela produz reações imaturas, então temos de procurar a outra visão. Cumprindo-lhes reagir ao imediato e ter também uma larga visão, de que forma o conseguem como educadores? Ninguém se

preocupa com esta maneira de ver o problema; nenhum educador se interessa em ampliar a visão, em ver penetrantemente. A educação atual só se volta para as coisas de valor imediato. Porém, se estão insatisfeitos com esse imediatismo, porque não o abandonam e buscam um outro modo de ver? Percebem a importância da questão?

Coloquemos o problema diferentemente. Como conservar a mente jovem, sem deixá-la envelhecer e sem declarar: "Para mim, basta", entregando-se à estagnação? Esta é a tendência geral, é a realidade. Conseguir uma boa posição é difícil, mas, uma vez conseguida, a pessoa estagna. Tudo no mundo contribui para destruir uma visão ampla. Os livros, os jornais, os políticos, os sacerdotes, tudo nos influencia; como sair dessa situação? Os homens estão sendo contaminados e, no entanto, têm de agir, e não conseguem sair desse emaranhado.

A vida é destruição, a vida é amor, a vida é criação. Nada sabemos disto. É uma coisa tremenda. Ora, como expressarão tudo isto em termos de educação?

PROFESSOR: É possível procurar um tipo de visão à custa de outro tipo? Pode-se afastar a visão do imediato?

KRISHNAMURTI: O problema não é fugir de toda essa desgraça ou tentar combinar as duas maneiras de ver. Não se pode combinar a visão pequena com a grande; a visão ampla deve ser a única.

PROFESSOR: Mas não será melhor seguir a pequena a princípio, chegando-se mais tarde à maior?

KRISHNAMURTI: Jamais. Se o primeiro passo for a pequena, a pessoa estará perdida, nela fica emaranhada. Analise por si mesmo. Se aceitar a visão curta, onde estará você? Tudo será mesquinho em sua vida: uma família pequena, uma casa minúscula, um marido insignificante, pouco dinheiro, roupas modestas. Valorizando a pequenez, você lhe deu prioridade; deste modo, será diminuta sua responsabilidade social. Vocês, professores, são excessivamente respeitáveis. Porque dão primazia ao que é pequeno? Por ser este o caminho mais fácil.

PROFESSOR: Como nos surge a curta visão e de que modo a compreenderemos?

Krishnamurti: Só se deve alcançar a visão ampla, a outra pouco importa. Vocês é que a valorizaram.

É algo bem delicado, sutil, o ter capacidade e não escravizar-se a ela, reagir de imediato às coisas quando necessário e, ao mesmo tempo, ter profundeza, elevação e amplitude extraordinárias.

Neguem a visão curta. Sabem o que é negar? Negar, não por terem uma visão ampla, mas por ser aquela uma falsa visão.

AÇÃO

KRISHNAMURTI: Vejamos a questão do imediatismo da ação. A ação pressiona-nos a todos, mas há necessidade de uma larga visão que inclua o imediatismo; este imediatismo, no entanto, não contém a visão ampla, vasta, profunda. No mundo inteiro, os homens intelectuais e cultos parecem ser tomados pela necessidade de dar respostas imediatas a súbitos desafios. Cada vez precisa-se de maior número de cientistas, de engenheiros, de técnicos, e a educação está aparelhada para formá-los. A demanda imediata é aceita e atendida, fazendo com que o indivíduo perca, a meu ver, uma perspectiva maior, tornando deste modo a mente, o corpo, as emoções bem superficiais e vazias. Compreendendo isto, não verbalmente, porém como resultado de uma percepção direta, de que maneira irá o professor preparar o estudante a fim de que ele obtenha, não apenas conhecimentos técnicos (o "know-how"), mas também uma maior e profunda compreensão da vida?

Como concretizam este modo de ver ao educarem a juventude? Como se preparam para tal tarefa, se ainda não o fizeram? A escola de Rishi Valley foi criada justamente para oferecer um diferente tipo de educação. Não foi simplesmente para prover a criança de conhecimentos, mas para fazê-la compreender que os simples conhecimentos não constituem um completo preparo para a vida; é necessário também perceber o significado de uma árvore, apreciar o belo, saber o que é amar, ser bondoso, generoso. De que maneira o farão?

De início, parece-me ser indispensável que haja alguns poucos dotados desta sensibilidade e que, por seu entusiasmo, compreensão, capacidade, saibam não apenas transmitir conhecimentos, mas igualmente ver mais longe, para além das montanhas.

Se eu estivesse aqui e sentisse a importância de preparar academicamente um estudante para torná-lo eficiente, e também a necessidade de ensiná-lo a dançar, a cantar, a admirar as árvores, as montanhas, a saber como olhar para uma mulher sem a comum atitude sexual, e, mais, a descobrir a extraordinária beleza da vida, a conhecer o sofrimento e a saber ultrapassá-lo — se aqui estivesse, que faria eu?

Se tal ocorresse e minha única tarefa fosse essa, eu não os deixaria isolados. Mostrar-lhes-ia como falar, vestir-se, olhar, comportar-se, comer; eu o faria o tempo todo — e provavelmente me chamariam de tirano e falariam em democracia e liberdade. Não creio seja isto uma questão de democracia, tirania e liberdade. Como vêem, isto suscita a questão da autoridade. Sempre que aqui venho, tenho tratado deste assunto; mas não importa, falemos novamente de autoridade.

Em minha opinião, a autoridade é algo terrível, destrutivo. A autoridade é essencialmente dominadora — a autoridade do sacerdote, do policial, a autoridade da lei. Estas são autoridades externas. Existe também a autoridade interior do saber, da própria dignidade, da experiência individual que dita certas normas no viver. Tudo isso significa poder de mandar, porém, sem exercerem esse poder, cabe-lhes cuidar da criança, despertar-lhe o bom gosto, fazê-la vestir-se de maneira adequada, alimentar-se convenientemente, ter certa elegância no falar, no andar; precisam também ensiná-la a praticar esportes, não com ânimo competidor, mas pelo simples prazer de exercitar-se. Despertar tudo isso no jovem sem imposição é sobremodo difícil, daí o motivo de recorrerem à autoridade.

Deve haver disciplina neste colégio. Mas, será possível disciplina sem compulsão? As crianças têm de comparecer regularmente às refeições, alimentar-se em silêncio, e tudo deve ser equilibrado, feito com liberdade e afeição; cumpre, igualmente, despertar um sentido não autoritário de respeito próprio.

Transmitir informações que não se transformem em um fim em si, e educar o jovem para adquirir uma visão ampla, uma dilatada compreensão da vida, nada disto é possível quando a educação se baseia em autoridade.

Professor: É extremamente difícil conseguir que uma criança tenha ordem interior sem disciplina, sem restrições e autoridade. A posição dos adultos difere da posição das crianças.

KRISHNAMURTI: Duvido que seja assim. Nós somos condicionados e as crianças estão sendo condicionadas. Poderá a educação formar uma mente revolucionária? A dificuldade é que este processo tem de ser iniciado muito cedo, não quando as crianças já têm quatorze ou quinze anos. Nessa idade já estão formadas e destruídas, mas se as recebessem quando bem pequenas, que fariam a fim de despertar-lhes a percepção de que na vida não há apenas sexo, dinheiro e posição?

Além de prover a criança de conhecimentos que nada mais são do que simples informações, como a fariam compreender não existir no mundo somente o imediato, mas outras coisas muito mais valiosas? Antes de tudo, tanto vocês como eu precisamos ter a clara percepção deste aspecto, não porque estejamos falando sobre ele. É algo que tem de estar a explodir dentro de mim e, se assim for, como conseguir transmiti-lo ao jovem sem influenciá-lo? Quando exerço influência, destruo a criança; faço-a adaptar-se à imagem que eu tenho. Preciso, então, saber que, por mais interessado esteja eu no assunto, em meu relacionamento com o estudante, apesar de sua juventude, não devo encorajar atitudes e comportamentos imitativos. Trata-se de algo extremamente difícil. Quando amo alguém, o meu desejo é que essa pessoa seja diferente, faça tudo de maneira nova, que descubra o encanto de viver, que sinta a beleza da terra. Seremos capazes de mostrar-lhe estas coisas sem influenciá-la, sem despertar-lhe o instinto de imitação?

PROFESSOR: Antes de chegarmos ao ponto de poder ajudar a criança sem influenciá-la, não haverá necessidade de criarmos em nós um novo estado de espírito, já que parece haver tantas contradições em nossas vidas?

KRISHNAMURTI: Para alcançar um novo estado de espírito, torna-se indispensável mudar, remover as contradições, apagar os sentimentos destrutivos, o que pode levar muito tempo ou talvez tempo nenhum. Diz-se ser possível consegui-lo por meio de análise, de percepção, de debates, pelo inquirir, pela experiência. Mas tudo isso envolve tempo. E o tempo é um perigo. No momento em que pensamos em tempo para a modificação, o que na verdade existe é um prolongamento daquilo que foi. Se tenho de pesquisar minha mente e estar atento às minhas atividades, aos meus condicionamentos, e de contínuo verificar minhas descobertas, tudo isto envolve tempo. Mas o tempo, como meio de mutação, é ilusão. Quando o introduzo no problema

da mutação, esta é então adiada, pois o tempo é apenas uma continuação de meu desejo de permanecer como estou. Ele é necessário para aprender um idioma, o francês, por exemplo. Já para se conseguir uma mutação psicológica, para nos transformarmos, o tempo é algo ilusório, pois propicia indolência, adiamento, uma sensação de realização, vaidade. Eis o que envolve o uso do tempo quando o empregamos como um meio de alcançar a mutação. Assim, se para mudarmos não dependemos absolutamente de tempo, que acontece?

Uma coisa maravilhosa. Os homens religiosos sempre consideraram o tempo como um fator de modificação, enquanto nós julgamos só ser possível transformar-nos fora do tempo, e não através dele.

PROFESSOR: Não se aplicará isto a toda ação criadora?

KRISHNAMURTI: Sem dúvida. Assim, poderei recusar-me a usar o tempo e negá-lo como um meio de mutação? Percebem a beleza de tal coisa? Então, que deverá ocorrer?

Aquilo que eu desejava modificar foi criado com o tempo, é resultado dele, mas eu nego esse fato. Por conseguinte, rejeito tudo e, assim, ocorre a mutação. Não sei se percebem o que digo. Não se trata de um jogo de palavras.

Compreenderam? Se nego meu condicionamento como hindu, oriundo da esfera temporal, e se recuso o tempo, estou negando a coisa toda. Já me acho, pois, fora dela. Se não aceito o ritual — o cristão, o hindu, o budista — se o faço por ele promanar do tempo, dele estou livre e não necessito perguntar como obter a mutação. A própria coisa resulta do tempo e eu nego o tempo — então está tudo acabado.

Assim, a pessoa que se modificou sabe instruir, olhar, realizar uma série definida de ações ambientais. Não se pode negar a necessidade do tempo para a aquisição de certos conhecimentos, mas será que ele existe em qualquer outro setor?

PROFESSOR: Mesmo nas atividades para as quais necessitamos de tempo, agimos de maneira descuidada e, assim, torna-se ele fator importante. Se a compreensão do tempo em tais coisas é tão simples assim, porque não nos desembaraçamos dele?

KRISHNAMURTI: Mas se derem toda a atenção, não à mutação temporal, mas em negar o tempo, poderão ensinar de modo totalmente diferente. Os meninos e meninas aqui se encontram

para adquirir conhecimentos, porém se vocês chegarem a transmiti-los inteligentemente, o que não implica tempo, então poderão facultar-lhes viveza e agilidade mental.

É nisso que estou interessado, em despertar a mentalidade humana, em mantê-la avivada. Dizemos só se poder manter viva a mente através de conhecimentos e, por isso, atolamo-la de informações que nada mais fazem do que embrutecer o cérebro. Mente limitada é a que só funciona com o tempo. Aquela que não atua em função do tempo é sobremodo vigilante, alertada, e pode transmitir sua vivacidade a outra mente que ainda esteja buscando, investigando, e que se encontre ilesa. E, dessa maneira, descobrimos algo novo. Vocês e eu descobrimos alguma coisa. Eu lhes fiz uma comunicação e, juntos, verificamos que a mente funciona no tempo e é fruto dele. Nesse estado, ela só pode dar informações, e é limitada. Entretanto, aquela que não age, não pensa em termos de tempo, embora dele se utilize, ativará a mente de outrem, e, dessarte, o conhecimento não causará destruição. Como vêem, a mente assim encontra-se em estado de aprender, não de adquirir. Logo, ela permanecerá viva e juvenil.

Alguns dos alunos desta escola já estão envelhecidos, pois sua única preocupação é obter conhecimento e não aprender. O aprender encontra-se fora do tempo. Ora, como farão para ativar a mente, mantendo-a sempre com a maior viveza?

Impende compreender a psique da pessoa em que se deu a mutação. Esta ocorreu quando ela negou o tempo. Vocês superaram o passado. Já não são hindus, nem cristãos. Assim, transformados, como instruirão os alunos, como agirão nesse novo estado? Como transmitirão conhecimentos de natureza temporal, mantendo simultaneamente o ânimo da criança em plena atividade? Descubram-no vocês próprios.

A VERDADEIRA NEGAÇÃO

PROFESSOR: Em uma de suas palestras aos alunos, disse o senhor que, ao surgir um problema, cumpre resolvê-lo imediatamente. Como fazê-lo?

KRISHNAMURTI: Primeiramente, é preciso compreender o problema. Será a compreensão de um problema uma questão de tempo, ou de percebê-lo intensamente, de saber considerá-lo? Suponhamos que eu tenha um problema: sou presunçoso. Para mim, é um problema, pois cria-me interiormente um conflito, uma contradição. São dois fatos, um, o de que sou presunçoso, outro, o de que não quero ser presunçoso. Em primeiro lugar, cabe-me compreender que sou vaidoso. Tenho de conviver com este fato. Não basta estar consciente dele, é preciso também compreendê-lo integralmente. E será a compreensão uma questão de tempo? Vejo de pronto o fato, não é? E o imediatismo da percepção, do ver, o dissolve. Ao deparar-se-me uma cobra, a ação é imediata. Mas não vejo assim a vaidade — quando noto a vaidade, ou ela me agrada e com ela permaneço, ou não a quero, pois cria-me conflito. Se não criar conflito, não haverá problema.

A percepção e a compreensão independem do tempo. A percepção origina-se da intensidade do ver, de um ver total. Qual é a natureza do ver alguma coisa completamente? Que dá a alguém a capacidade, a energia, a vitalidade, o impulso para cuidar de uma coisa de maneira imediata, com energia total, não dividida? No momento em que a energia se divide, surge o conflito, deixando, pois, de haver a visão, a percepção da matéria. Mas, que nos dá energia para pular quando vemos uma cobra? Que fatores fazem com que o ser orgânico, bem como o

psicológico, o ser inteiro, pule sem hesitação, com uma reação instintiva? Que é que nos leva a esse movimento instantâneo? Vários fatores tornaram a ação imediata: o medo, o instinto de autoproteção, o conhecimento de que a cobra é uma coisa mortífera.

Porém, porque não temos a mesma e enérgica ação em referência à dissolução da vaidade? Cito a vaidade como um exemplo. Várias razões contribuíram para essa falta de energia. Agrada-me a vaidade; o mundo baseia-se nela; é o fundamento do padrão social; dá-me certo sentido de vitalidade, certa impressão de dignidade e de distância, a sensação de ser um pouco melhor do que os demais. Todas estas coisas eliminam a energia necessária a desfazer a vaidade. Então, ou analiso os motivos que impediram minha ação, que obstaram à energia imprescindível a agir com relação à vaidade, ou o percebo prontamente. A análise é um processo que leva tempo, é um processo de adiamento. Enquanto analiso, prossegue a vaidade e o tempo não vai destruí-la. Assim, eu tenho de ver por inteiro a vaidade, mas para tanto me falta a indispensável energia. Ora, para recuperar a energia perdida, eu tenho de estar atento não só ao defrontar um problema, senão ainda em qualquer situação. Nem sempre há problemas. Há momentos de tranqüilidade. Se nesses instantes reunirmos energia, cultivarmos a capacidade de percepção, ao surgir um problema estaremos aptos a resolvê-lo sem precisar entrar em processo de análise.

Professor: Existe outra dificuldade: quando não há problema, e nenhum esforço para reunir esta energia, continua de alguma forma o processo mental.

Krishnamurti: Há um desperdício de energia na simples repetição, na reação à memória, na reação à experiência. Se observarem a própria mente, poderão verificar que um incidente agradável está sempre a repetir-se. Você quer voltar ao incidente, pensa nele, e por isso ele tende a repetir-se. Se estamos cientes do processo, não havendo desperdício de energia, será possível deixar que a lembrança prossiga, que se desenvolva? O que não significa dizer: "Isto está certo ou errado", porém viver aquela lembrança, saber que o pensamento pode florescer até desfazer-se por si.

Poderíamos encarar o problema de outro modo? Temos falado sobre que é preciso formar-se uma geração de diferente mentalidade. Como será isso possível? Se eu aqui fosse professor,

seria de meu interesse — e obviamente de todo bom educador — despertar nas crianças um ânimo novo, torná-las mais sensíveis perante a natureza — isto é, em referência às árvores, ao céu, aos regatos, criando-lhes uma nova consciência, sem que isso signifique dar à antiga consciência um novo molde. Refiro-me a uma mentalidade inteiramente nova, não contaminada pelo passado. Se este fosse meu propósito, como chegaria a concretizá-lo?

Em primeiro lugar, será possível criar uma diferente mentalidade? Não se trata de reformar o antigo modelo, que continuaria assim sob novo aspecto; cogita-se da criação de um espírito em si mesmo novo. Será isto exeqüível, ou deve o passado permanecer através do presente para ser modificado e posto em um diferente molde? Neste caso, não haverá uma geração nova, senão apenas a antiga geração apresentada com outra forma.

Julgo ser posssível criar uma nova geração. E, então, pergunto: Como conseguirei não só experimentá-lo em mim próprio, mas também exprimi-lo para o estudante?

Se experimento algo interiormente e o vejo, sem dúvida, saberei expô-lo ao estudante. Não é certamente uma questão alusiva a mim e a outrem, pois ela é de nosso mútuo interesse, não concordam?

Pois bem: de que modo sou capaz de fazer surgir uma mentalidade não contaminada? Vocês e eu não somos recém-nascidos, fomos contaminados pela sociedade, pelo hinduísmo, pela educação, a família, os jornais. Como eliminar essa contaminação? Direi ser isto parte de minha existência, passando a aceitá-lo? Que devo fazer? Aqui está um problema — estamos com a mente contaminada. Para os mais idosos, é tarefa bem difícil. Mas vocês são relativamente jovens, e o problema é descondicionar a mente. Então, como o conseguiremos?

Isso é possível ou não é possível. Como descobrir se é ou não é? Gostaria que aprofundassem este assunto com a maior rapidez.

Sabem o que quero dizer ao usar a palavra "negação"? Que significa negar o passado, negar a nacionalidade hindu? Que entendem por 'negar'? Já negaram alguma coisa? Existe uma negação verdadeira e uma falsa. Quando se tem um motivo, a negação é falsa. A negação com um objetivo, com uma intenção, com olho no futuro, não é propriamente uma negação.

Se nego alguma coisa com o fito de conseguir algo mais, não estou negando. Porém, existe uma negação sem motivo. Se nego e não sei o que me espera depois, esta é uma verdadeira negação. Nego ser hindu. Nego pertencer a qualquer organização, nego qualquer credo particular e nessa mesma negação me sinto completamente inseguro. Conhecem tal espécie de negação, alguma vez já negaram uma coisa? São capazes de negar assim o passado — negar sem saber o que de futuro os espera? Sabem negar o conhecido?

PROFESSOR: Quando nego alguma coisa — digamos o hinduísmo, há uma simultânea compreensão do que ele é.

KRISHNAMURTI: O que nos interessa saber é se é possível surgir uma nova mentalidade. A mente contaminada não pode ser uma mente nova. Falamos então de descondicionamento e em sua possibilidade. Com referência ao assunto, comecei por perguntar se sabem o que é negação, porque, a meu ver, ela muito se relaciona com a questão da mentalidade nova. Se eu nego honestamente, sem raízes, sem motivo, trata-se de uma real negação. Porém, será isto viável? Se não contesto a sociedade, que inclui a política, a economia, as relações sociais, a ambição, a cobiça — se eu não rejeitar tudo isso de maneira total, não poderei descobrir o que é ter uma mente nova. Por conseguinte, o primeiro rompimento é a negação das coisas que tenho conhecido.

Por certo, as drogas não farão surgir uma diferente mentalidade; nada a suscitará, exceto a negação do passado. Poderemos consegui-lo? Que dizem? E se senti o perfume, se tive a visão, experimentei o gosto de tal negação, como transmitirei o seu significado ao estudante? Ele necessita de muitos conhecimentos: Matemática, Geografia, História — e, simultaneamente, estar livre do passado, sem qualquer resquício de remorso.

PROFESSOR: Todas as sensações deixam um resíduo, um distúrbio que ocasiona conflitos e outras formas de atividade mental. A tradicional maneira de as religiões condenarem esta sensação é mediante a disciplina e a negação. Mas, pelos seus dizeres, parece haver uma elevada receptividade a tais sensações, de modo que o senhor vê as sensações sem distorção nem resíduo.

KRISHNAMURTI: Este é o problema. A sensação e a sensibilidade são duas coisas diferentes. A mente escrava do pensamento, da sensação, das emoções, é uma mente residual. Ela aprecia o re-

síduo, pensa no mundo dos prazeres, deixando cada pensamento uma marca, que constitui o resíduo. Essa marca contribui para embrutecer e insensibilizar a mente; e a disciplina, o controle e a repressão ainda a tornam mais embrutecida. Estou dizendo que sensibilidade não é sensação, que a sensibilidade não deixa marca nem resíduo. Então, qual é o problema?

Professor: A negação a que alude difere daquela que é a repressão da sensação?

Krishnamurti: Ao ver essa flor, percebe você sua beleza, lhe é inteiramente sensível, sem, no entanto, deixar resíduo, nem lembrança, a ponto de ao revê-la, uma hora mais tarde, contemplá-la como uma nova flor? Isto não será possível se a vê tendo uma sensação, estando esta sensação ligada à flor e ao prazer. A maneira tradicional é afastar o agradável, porque essas associações despertam outras formas de prazer, e, assim, nós nos disciplinamos para não olhar. Destruir a associação violentamente é atitude imatura. Como pode a mente, como podem os olhos ver essas maravilhosas cores sem que permaneçam marcas?

Não estou pedindo um método. Como se forma tal estado? Sem ele, não se pode ter sensibilidade. É como uma chapa fotográfica que recebe impressões e automaticamente se renova. Expõe-se a chapa e, no entanto, ela se torna em negativo para a próxima impressão. Assim, há de contínuo uma limpeza própria de cada prazer. Isso é mesmo possível, ou se trata apenas de palavras e não de fatos?

O fato por mim visto claramente é que qualquer resíduo sensitivo, qualquer sensação, embrutece a mente. Eu rejeito tal fato, porém ignoro o que é ser tão extraordinariamente sensível a ponto de a experiência não deixar marcas e poder ver a flor em todo o seu esplendor, com grande intensidade. Vejo realmente que cada sensação, cada sentimento, deixa uma marca, molda a mente, e que tais marcas são incapazes de fazer surgir um ânimo novo. Vejo que ter uma mente marcada significa morte e, assim, eu nego a morte. Todavia, não conheço o outro estado. Também vejo que uma mente sã, límpida, é sensível sem o resíduo de experiências. Ela experimenta, mas não se deixa marcar ou ferir pelas experiências, marcas que redundariam em outras experiências, outras conclusões, outra morte.

Rejeito uma e não conheço a outra. Como é que, negando-se o conhecido, se chega ao desconhecido?

De que maneira negamos? Negamos o conhecido, não em grandes e dramáticos, mas em pequenos incidentes? Ao barbear-me, rejeito a lembrança de uns dias aprazíveis que passei na Suíça? Será que refugamos a lembrança de uma época agradável? Temos consciência disto e o negamos? Não se trata de algo dramático, algo espetacular, nem ninguém sabe nada sobre esta atitude. Entretanto, é essencial esta constante negação de pequeninas coisas, do apagar pequenas lembranças, de minúsculos detritos, não sendo necessário um importante trabalho de esquecimento. Cumpre também rejeitar os pensamentos de lembranças, agradáveis ou desagradáveis, a cada minuto do dia, logo que surgem. Faz-se isto não com um determinado motivo, não para penetrar no extraordinário estado do desconhecido. Vocês moram em Rishi Valley e lembram-se de Bombaim ou de Roma, o que cria conflito, torna a mente vagarosa, dividida. Podem ver isto e apagá-lo? Conseguem manter-se em um permanente apagar, sem ser por desejar penetrar no desconhecido? Nunca saberão o que é o desconhecido, pois no momento em que o reconhecerem como o desconhecido, estarão de volta ao conhecido.

O processo de reconhecimento é ainda uma atividade do próprio conhecido. Como não conheço o desconhecido, só me é possível fazer uma coisa — ir apagando os pensamentos à medida que surgem.

Vocês vêem aquela flor, sentem-lhe o perfume, notam-lhe a beleza, seu intenso e raro brilho. Passam depois para o quarto onde dormem, mal proporcionado, feio. Vivem nele, mas, por terem uma certa noção do belo, começam a pensar na flor e, ao se darem conta do pensamento, apagam-no. Porém, em que profundidade apagam, em que profundidade repudiam a flor, sua mulher, seus deuses, sua vida econômica? São obrigados a viver com a esposa, os filhos, com esta sociedade monstruosamente disforme. Não lhes é possível afastar-se da vida. Porém, quando negam por inteiro o pensamento, a tristeza, o prazer, seu relacionamento torna-se diferente, e, portanto, faz-se mister uma negação total, não apenas parcial, não conservando as coisas que lhes agradam e negando aquelas de que não gostam.

Pois bem: como transmitir o que compreenderam ao estudante?

PROFESSOR: Declarou-nos o senhor que no ensinar e no aprender existe uma situação de intensidade em que não se diz: "Estou-lhe ensinando alguma coisa." Este constante apagar das marcas do pensamento tem algo em comum com tal situação?

KRISHNAMURTI: Sem dúvida. Sabemos que o ensinar e o aprender são uma só coisa. Que acontece agora? Eu não lhes estou ensinando nada — não sou seu professor, nem uma autoridade. Estou meramente investigando e transmitindo-lhes as minhas investigações. Podem aceitar ou não. A posição é a mesma com relação aos estudantes.

PROFESSOR: Que deve fazer então o professor?

KRISHNAMURTI: Apenas saber quando está continuamente negando. Já o tentou alguma vez? É como se não pudesse dormir um só minuto durante o dia.

PROFESSOR: Isso requer energia, senhor, mas também propicia energia em abundância.

KRISHNAMURTI: Porém, antes de tudo. impende ter a energia para negar.

DA COMPETIÇÃO

Temos falado no estabelecer uma correta comunicação entre nós e o estudante, e nesse estado de comunhão criar uma diferente atmosfera ou clima em que o estudante comece a aprender. Não sei se já notaram que, assim como a frivolidade é contagiosa, também o é a seriedade. Não aludo a uma seriedade provocada por um rosto franzido ou um coração pesado, mas a uma seriedade oriunda do relacionamento humano, da comunhão entre pessoas.

O aprender, parece-me, só se verifica nesse estado de comunhão entre o mestre e o aluno, bem como entre nós, sem que eu seja, no entanto, seu professor. Sabem o que entendo por 'comunhão': comunicar, estar em contato, transmitir certo sentimento, compartilhá-lo, tanto no plano verbal como no intelectual, e também sentir as coisas profundamente, com sutileza. Julgo que a palavra 'comunhão' significa tudo isto, e nesse estado, em todos os níveis, nessa atmosfera, nesse sentido de união, não poderão aprender o professor e o estudante? Creio ser este o único estado em que ocorre o aprendizado, e não quando alguém se senta em um pedestal e começa a despejar informações na cabeça do estudante. E não nos seria possível estabelecer esse estado de comunhão, não só com o orador, mas igualmente com as árvores, a natureza, com o mundo, com o alvorecer, ao despertar — realizar um ato de comunhão propícia ao aprender?

Esta manhã poderíamos examinar uma coisa que considero valiosa não só para o professor, senão também para o ser humano, por tratar-se de algo de grande importância nesta vida. Toda a civilização, tanto na Índia como no resto do mundo, acha-se aparelhada para competir, para ter bom êxito, para preencher-se.

O homem ambicioso parece ser a entidade mais respeitada — o indivíduo ávido, agressivo, o que deseja ser bem sucedido, maquinar coisas para alcançar o topo do monte. Existe perene competição, não só entre os colegiais, porém mesmo na vida diária, na atitude do funcionário que pretende chegar a administrador, que por sua vez quer ser diretor, almejando este fazer parte da junta presidencial, e assim por diante. Eis o padrão de vida existente na civilização moderna. Vê-se por toda parte o homem em busca de sucessão, e sendo respeitado, ao menos nos meios políticos, e a mesma atitude existe nas escolas. Os professores dizem ao aluno que ele não é tão capaz, tão inteligente quanto outro estudante. Elogiam a criança, encorajam-na a competir, a vencer, a chegar a determinado nível intelectual. Eles adoram os rótulos.

Vocês, docentes, têm uma atitude inata, essencialmente competitiva e agressiva. E não só na vida econômica e social, mas também na vida religiosa. É uma luta perene para subir, uma constante competição em todos os níveis do próprio ser. Porventura questionam sobre se têm fundamento as concepções de superioridade e inferioridade, ou as consideram inevitáveis? Trarão elas, para os estudantes, o verdadeiro aprendizado? Será isto natural na vida? Natural, não no exato sentido da palavra, porém será esta uma vida culta? Criariam seus filhos deste modo? Julgam ser esta a correta maneira de existir? Trata-se, bem sei, do modelo aceito; todavia, expressará ele o correto modo de viver? Antes de tudo, como a competição, a comparação atua na mente? Supõem que aprendem alguma coisa competindo? Examinemos este ponto. Como sabem, este é o padrão de comportamento que aprovamos inteiramente, em todos os estágios de nossa existência: comparar, ter objetivos, alcançá-los. Eis a estrutura da existência humana.

Quando alguém vê dois quadros numa parede, procura logo saber se o nome do pintor é conhecido, embora o trabalho seja excelente. Porém, se o pintor é desconhecido, sua pintura é considerada inferior. É o que acontece constantemente. Isso está certo? Tal atitude trará compreensão, com ela aprenderemos algo? Claro que podemos discriminar, mas será que, comparando, veremos melhor a realidade? Teremos assim mais possibilidade de compreender, de aprender?

Como procederão para auxiliar o estudante, se ambos, professor e aluno, adotam a atitude de competir, de comparar?

Simplifiquemos este ponto. De que maneira atua a competição sobre a mente? Que lhe acontece se está sempre a comparar, visando ao bom êxito, idolatrando o sucesso?

PROFESSOR: Ela se consome.

KRISHNAMURTI: Você está ainda observando os efeitos, os resultados, e não a própria mente. Não está atentando para a natureza da mente que assim procede, daquela que se encontra em movimento, com a idéia de disputar. Observe a mente que costuma fazer essas coisas.

PROFESSOR: Se a pessoa mede o sucesso pelas suas realizações, quando não alcança os objetivos sente-se frustrada.

KRISHNAMURTI: Suas palavras referem-se ainda a resultados. Quero fixar-me apenas na mente. Talvez as analogias sejam cansativas. Mas a semente de um carvalho jamais se transformará em um pinheiro. Dirão vocês: "Não sei que semente sou, mas quero transformar-me em um pinheiro, ou numa cerejeira, ou num carvalho." Não conhecemos nem a semente nem o estado da própria mente; no entanto, preocupamo-nos com o que ela deveria ser.

Experimentemos a coisa em vez de verbalizá-la. Competimos, idolatramos o sucesso, por sentirmos que, se não lutarmos, ficaremos estagnados. Essa é uma atitude meramente especulativa, não é um fato real. Vocês ignoram o que aconteceria. Mas quando virem o que são, seja o que for, então começarão a aprender. A água é água em qualquer circunstância, seja no rio, seja num simples copo. Atualmente, não dispomos de uma base com que nos esclareçamos. O que fazemos é simplesmente adicionar. O processo aditivo é o que chamamos de aprendizado, mas com ele nada aprendemos.

Só quem em regra não faz comparações, quem compreende o absurdo do ato de comparar, poderá ter base para começar a aprender, no verdadeiro sentido da palavra.

Com esse sólido alicerce, em que não há divagações nem ânsias, poderemos construir alguma coisa. A construção é a estrutura do aprendizado, e nesse aprender existe ação e jamais conformidade, e, por conseguinte, nunca se sente temor nem frustração.

São capazes de ajudar o estudante a aprender desta maneira? Para que o aluno aprenda é mister que os professores

saibam perfeitamente distinguir o processo de adição do processo de aprender. Estarão, assim, criando um verdadeiro ser humano, não uma máquina. Se não tiverem tal percepção, como ajudarão o aluno? Saberão eliminar totalmente o espírito de competição, o que significa arrasar a chamada estrutura social?

Vocês são professores; uma nova geração lhes é entregue para educarem. Desejam que os jovens continuem do mesmo modo? Se percebem ser a sociedade em que crescemos uma coisa podre, como encaminharão o estudante para que se crie uma nova mentalidade, infensa ao deletério hábito de competir? Que passos darão, dia após dia, para impedir que a criança se afogue na sociedade, seja por ela engolida? Que farão, paulatinamente, para auxiliá-la?

Professor: A criança não deve ser educada no luxo.

Krishnamurti: Que há de errado no luxo? A criança pode usar roupas simples, sentar-se em uma cadeira, ser bem alimentada. Isso para mim pode ser luxo, para o senhor, não. Que tem que ver o luxo com o que estamos examinando? Vocês estão promulgando a lei, o ideal de 'luxo'.

Falem com os estudantes acerca da competição, não só semanalmente, mas com certa constância, porque eles estão sendo condicionados para competir. De que maneira os orientarão, a fim de não serem colhidos no vicioso círculo da competição?

Professor: Fazendo-os compreender que não devem temer e que, como indivíduos, são seres únicos e que têm uma contribuição para oferecer.

Krishnamurti: Se um indivíduo percebe sua unicidade, de tal modo que não existe outro igual, será de fato um ser único? Traz ele todos os preconceitos dos pais. Onde se encontra a peculiaridade dessa pobre criança? Cabe-lhes livrá-la de todos os seus condicionamentos. Será que podem consegui-lo? Não é esta, como professsores, uma de suas funções? A responsabilidade é de vocês. Precisam reconhecê-la, ver se ela é real, e, sentindo bem o problema, poderão expô-lo devidamente. A criança, no entanto, talvez não o considere tão importante. Como entrarão em comunhão com a criança para que ela aprenda? De que maneira a ensinarão ou a ajudarão a aprender sem o espírito de competição?

PROFESSOR: Não sou capaz de sentir pela criança, a menos que o sentimento já resida em mim, mas, se tal não acontece, penso que já terei destruído a criança.

KRISHNAMURTI: Explico-lhe. Cada caso encerra uma lição. É porque o senhor mesmo está competindo que não consegue ter o sentimento. Não está competindo por dinheiro, por uma posição, objetivando o prestígio? Enquanto não sentir a fundo a matéria, como se comportará? É claro que não pode esperar até ter completa compreensão. Que fará, então? Não dê notas ao aluno, faça um registro próprio, a fim de acompanhar como ele se conduz, para ver se está aprendendo, qual o estágio de seus conhecimentos, etc., porém não o estimule nem o ajude a competir.

Repassemos nossa palestra. Só há o verdadeiro aprender quando cessa o desejo de competir, que é um mero processo aditivo, não significando nenhum aprendizado. Queremos que a criança aprenda, não que acumule conhecimentos como uma máquina. Para ajudá-la a aprender de maneira básica e fundamental, é preciso que ela pare de competir, com todas as suas implicações. Ora, uma das maneiras de consegui-lo é fazê-la ver a verdade de que não deve comparar coisa nenhuma. Então, como ajudarão a criança a não ser competitiva?

PROFESSOR: Eu ensino Matemática, e penso que a maneira eficaz de expor a matéria é procurar torná-la interessante. São tantas as coisas relacionadas com o assunto em exame, e o senhor ainda nos pergunta como transmiti-las? Trata-se de algo imenso; assim, só podemos comentá-lo por partes.

KRISHNAMURTI: Não compreenderam bem o principal. Quando pergunto: "Que farão os senhores?", refiro-me não só em termos de ação, mas também em termos de sentimento. Não são coisas diferentes o sentir e o agir. Vejo claramente o quão destrutivo é o espírito de competição, não unicamente na sala de aulas, porém no decorrer da vida. Aqui está uma criança; desejo ajudá-la a compreender. Como devo proceder? Posso chamá-la e dizer: "Veja o que está acontecendo no mundo. Há desgraça, conflito." Falem-lhe sem condenação, sem despertar-lhe reação. Olhem para o quadro. Vejam-no tão nitidamente como se estivessem vendo Londres ou Bombaim no mapa. Auxiliar o aluno a ver claramente é a primeira tarefa. Façam-no compreender a importância de tal sentimento. Não tentem convencê-lo, influen-

ciá-lo, não lhe falem em termos de condenação, em termos de acordo, persuasão. Mostrem-lhe o fato. Relatem o fato. Deste modo, lidarão com a criança de maneira realística, científica, não romântica, sentimental ou emocional. Terão criado entre si e o aluno um relacionamento correto. Estarão lidando com fatos e estabelecendo entre si uma relação de mútua compreensão do fato — o fato corruptivo da competição. Então a criança e vocês conversarão amigavelmente: "Que vamos realmente fazer? Qual será nossa ação?"

A transmissão do sentimento de comunhão depende inteiramente da intensidade deste sentimento. Agora, vocês já comprovaram, já sentiram, a verdade de que toda competição é de efeito mortífero, mas ainda não o comunicaram à criança. Eis a primeira coisa que devem fazer.

O MEDO

KRISHNAMURTI: Como professores, de que maneira enfrentariam o problema da erradicação do medo no estudante? Usariam a mesma técnica empregada para o ensino de Matemática? Para ajudarem outrem, vocês mesmos devem, antes, compreender o medo, e tudo o que ele implica, como surge, etc. Assim como conhecem a língua hindi ou outra qualquer matéria, cumpre saberem alguma coisa acerca do temor. A sociedade vive a inculcar o medo, criando padrões, ideais religiosos, distinções de classe, idéias de sucesso, o sentido de inferior e superior, de rico e pobre. Faz o possível para gerar valores distorcidos.

Não basta o professor aprofundar-se no significado do medo, mas deve evitar também que outros o sintam, e preparar o estudante para reconhecer-lhe as causas. Na vida, temos pouquíssimo amor, tanto para dar como para receber; não o amor no sentido místico, mas o verdadeiro sentimento do amor, da piedade, da compaixão, da generosidade, uma ação não emanada de um centro. E vocês, com tão pouco amor para oferecerem, como agirão com a criança, como a ajudarão a ter dentro de si essa chama?

A religião encerra para vocês algum significado? Não me refiro aos cerimoniais, e sim ao sentimento religioso, à bênção religiosa, à parte sagrada de alguma coisa. A religião, o medo, o amor, não têm íntima relação entre si? Não se pode compreender um sem o outro. Existe o medo, existe a estarrecedora escassez de amor — quero dizer, de paixão, de intensidade — e, de outro lado, aquela bênção que não é mera recompensa, nem um prêmio por uma ação correta, e que nada tem em comum com as organizações religiosas.

Costumam passear à tarde? Já notaram os aldeões a atravessarem os campos? Como isso é belo! Porém o aldeão não tem a menor consciência da beleza da terra, das colinas, da água. Para aquele que retorna à sua esquálida moradia, nada disso existe. Existe o medo, o imenso problema do amor, o sentimento de compaixão ao vermos aquele pobre homem a caminhar. Não lhes irrompe no coração um tremento desespero diante da colossal desgraça de tudo isto? Que se pode fazer? Existe a capacidade de dar e receber, de sentir, e de ter generosidade, bondade, humildade. Que significam tais coisas para vocês? Como despertam tal sentimento em si mesmos e nos outros? Haverá um modo de encarar o problema que não seja apenas uma isolada e crítica compreensão, porém um entender total — do medo, do amor, do sentimento religioso?

Como, pois, nos abeirarmos do problema? Cuidaremos de um problema de cada vez, observaremos o medo, por exemplo, e a seguir estudaremos o amor? De que maneira poderemos apreender a totalidade? Se temos ouvido para um som, temos ouvido para uma canção, e se também temos ouvido para o silêncio entre os sons, fruímos o deleite do desenrolar de uma canção. Uma canção não é apenas a letra, nem o som, é a peculiar combinação do som, do silêncio e da continuação do som. Para compreender a música, é necessário ter a compreensão da coisa toda. Do mesmo modo, será o medo um problema isolado que se tem de compreender separadamente do amor e do sentimento religioso, ou impende considerar a totalidade, o problema inteiro?

Já tiveram alguma vez a oportunidade de observar uma gota de chuva? A gota contém toda a chuva, todo o rio, todo o oceano. Aquela gota faz o rio, forma os barrancos, escava o Grand Canyon (garganta profunda), transforma-se em uma sonora e atroante queda-d'água. Identicamente, poderemos ver o medo, o amor, a religião, a divindade, como um movimento e não como uma introspecção isolada, um exame analítico, uma dissecação?

PROFESSOR: Qual é a relação entre amor e medo?

KRISHNAMURTI: Se estou amedrontado, serei capaz de sentir pena de alguém? O homem ambicioso nada sabe sobre a terra e a fraternidade humana. Ele não conhece o amor. Quem teme a morte, o que dele e de sua mulher dizem os vizinhos, que se

sente inseguro, apegado ao emprego, pode compadecer-se de outrem? O medo exclui a compaixão.

Professor: Agimos por partes, tentando, através delas, apreender o todo.

Krishnamurti: Que transformará o medo?

Professor: A compreensão.

Krishnamurti: Que causa a transformação e quem se transforma? Digo entre mim: "Tenho medo" e quero perceber o que estou querendo fazer. Que é o esforço e quem forceja? A não ser que a pessoa se investigue a fundo, o simples dizer: "Preciso livrar-me do medo" pouco vale.

Há o medo, há o amor e o sentimento do infinito. Posso analisar o medo passo a passo, penetrar nas causas do temor, conhecer-lhe os efeitos, posso descobrir porque temo, tentar saber quem é o autor do esforço e se ele difere da coisa que se esforça. E, mais, posso averiguar se existe uma mente capaz de observar o esforço, o autor do esforço e aquilo por que forceja, não apenas objetivamente, mas também interiormente. Após tudo isto, ainda existe medo latente. Posso examinar minuciosamente a questão da religião, do dogma, da crença, da superstição, porém no fim deste exame encontro-me no mesmo ponto. Aprendi a técnica da análise e, ao terminá-la, tenho a percepção tão aguçada que acompanho toda a movimentação do temor. Mas o medo, oculto, permanece em mim.

Ora, qual é a natureza da mente que abrange o todo, que de pronto o absorve e abandona o que não tem valor?

Deve haver um modo de nos abeirarmos de um fato com ampla compreensão, um pleno sentimento com que nos habilitamos a estudar cada problema. Posso eu apreender o inteiro significado de alguma coisa, do amor, do medo, da religião, daquela extraordinária sensação de imensidade, de beleza, e a seguir examinar cada problema de "per si"? Vocês, por certo, já viram árvores. Quando tal acontece, olham a árvore como um todo, ou apenas lhe observam o galho, as folhas, a flor? Vêem a árvore toda interiormente? Afinal a árvore é a raiz, o galho, a flor, o fruto, a seiva, o ser completo. Pode-se apreender o sentido, o significado, a beleza da própria árvore, e, a seguir, contemplar o ramo? Essa observação é de elevada importância.

Na próxima vez em que olharem uma árvore, vejam-lhe o contorno, a simetria, a espesssura, a expressão, a beleza, sua total estrutura. Estou falando em termos de unidade. Do mesmo modo, temos um corpo, temos sentimentos, emoções; existe a mente, há lembranças — as conscientes e as inconscientes tradições, acúmulo secular de impressões, o nome de família — sentem isso como um todo? Se não sentem esta integralidade, mas apenas dissecam suas emoções, há imaturidade. É possível sentir interiormente a coisa total, e, com o ser inteiro, olhar o medo?

O medo é um imenso problema. Podem vocês enfrentar esse problema com uma força igualmente imensa que os leve a depararem idêntica imensidade?

PROFESSOR: Nem sempre é isso posssível, pois em geral nos embaraçamos ao termos de resolver problemas de ordem imediata.

KRISHNAMURTI: Mas, quando sentem essa coisa infinita, a vida passa a ter uma diferente coloração, uma nova qualidade.

PROFESSOR: Só por momentos temos consciência dessa imensidão.

KRISHNAMURTI: Não creio que alguma vez já haja pensado nisto, ou já pensou?

PROFESSOR: Sim, mas raramente, desligando-me do problema imediato e encarando-o.

KRISHNAMURTI: Refiro-me a outra coisa. Falo de um sentimento constante, não só ao de hoje, amanhã ou posteriormente, mas ao do tempo todo. Pensar em termos humanos e universais é algo extraordinário. E com esse medo de ver ou de sentir, podemos abeirar-nos do problema individual? Senão, chegaremos a um caos intelectual ou emocional.

Que dificuldade há nisto? É a incapacidade, a estreiteza mental, a ocupação imediata, o pronto interesse pela criança, pelo marido, pela mulher, que nos toma tanto tempo, não sobrando, assim, uma hora para pensar sobre isto? Vejam a palavra "imediato". Nada é imediato, é tudo um movimento sem fim. É o homem que o torna um problema imediato; problema resultante de milhares de ontens e de milhares de amanhãs. Não existe o imediatismo. O que existe é o medo, o amor e a

ânsia do homem pelo infinito. Podem vocês considerar um certo temor e dizer: "Deixe-me encarar o medo?"

Que significa o medo, e como procederão para ajudar o estudante? Compete-lhe preparar a criança para a vida toda, e a vida é sobremodo longa. E, ao empregarem a palavra "vida", ela exprime os oceanos, as montanhas, as árvores, as aspirações humanas, as desgraças, os desesperos, as lutas cotidianas, a soma de tudo isso. Podem ajudar o estudante a apreender esta imensa vida? Não precisam auxiliá-lo a ter tal sentimento?

Costumam meditar? Meditar não significa sentarem-se tranqüilamente para apenas examinar os caminhos da mente, senão também despertar o consciente e o inconsciente, levando-os mais além, até entrarem em silêncio interior, e ver o que vai acontecendo mais adiante. Se não fizerem isto, não estarão perdendo uma grande parcela da vida?

A meditação é uma forma de recolhimento e de autocompreensão, uma forma de descobrir-nos, de libertar-nos da tradição, de idéias, de conclusões, um meio de estarmos completamente sós, sem nenhuma influência. Com este sentido da totalidade, poderão enfrentar o imediato?

Sejamos mais práticos. Como nos preparamos para ajudar o estudante a libertar-se verdadeiramente do medo?

PROFESSOR: Eu diria que meu relacionamento com o estudante é amistoso. Seria idiotice debatermos sobre o medo se não houvesse cordialidade entre nós. Procuraria criar situações, práticas e teóricas, em que ele pudesse entender o que, em verdade, significa o temor; explicar-lhe-ia as causas e efeitos do medo, porque a mente precisa ser aguçada, e diligenciaria para que ele experimentasse ou tivesse uma perspectiva da totalidade.

KRISHNAMURTI: Seja objetivo. De que modo ensinará em aula? Como auxiliará o aluno a entender? Há um espaço entre a criança e o sentir total, e de que maneira lhe transmitiria esse conhecimento?

PROFESSOR: Talvez pudesse despertar-lhe determinada e sutil curiosidade. Em seguida, eu o faria apreciar a boa qualidade das coisas, tanto no trabalho, como nos torneios esportivos, em Matemática ou em outros assuntos. Procuraria saber de seus interesses, de suas reações, e, se possível, atentaria para outras e eventuais ocorrências que me fizessem conhecê-lo melhor.

KRISHNAMURTI: Estas são as coisas óbvias necessárias. Você conversaria com ele, mostrar-lhe-ia de que maneira surge o medo, e tudo o mais? E depois? Efetivamente, como ajudará o estudante a libertar-se do temor? Creio ser este o verdadeiro problema. Havendo oportunidade, entregar-se-ia a um estado de meditação e de recolhimento, a fim de ajudar o estudante a ver claramente o que é o medo? Naturalmente, você percebe a necessidade disso, mas deixa a coisa para depois.

Que faria de prático? Como agiria na realidade?

PROFESSOR: A meditação me ajudaria a enfrentar a situação.

KRISHNAMURTI: Sim, sei de tudo isto. Porém, como procederia você? Que faria com esta dezena de crianças?

PROFESSOR: Levaria o sentimento à ação. Existe um profícuo elo de amor com as crianças.

KRISHNAMURTI: Primeiro, seja afetuoso, para em qualquer ocasião auxiliar o estudante a livrar-se do medo; explique-lhe as causas do temor, e aproveite cada incidente para mostrar-lhe como ele está amedrontado. Durante as aulas, num intervalo, fale-lhe sobre o medo.

PROFESSOR: Ao fazer tudo isto, atentarei para que o que estou fazendo com ele não seja também desfeito.

KRISHNAMURTI: Qual é o efeito do que disse sobre a criança, a sua afeição, suas explicações? Isto não a fará voltar-se para seu interior, e que resulta daí?

PROFESSOR: Ajuda-a a encarar certos problemas imediatos.

KRISHNAMURTI: Você ajudou o estudante a investigar-se, a conscientizar-se, a olhar para dentro de si, a fim de cientificar-se do próprio medo. Tem, pois, de contrabalançar isto de algum modo.

PROFESSOR: Isso significa que o processo de introspecção poderá acarretar complicações à criança?

KRISHNAMURTI: Deve levá-la a um tipo de sentimento consciente. "Estou agindo corretamente ou incorretamente?" Pode ocorrer um certo nervosismo, ou vaidade, um desejo de exibir-se: "Eu não tenho medo!" Como contrabalançar tais atitudes? Pense bem, raciocine com cautela. Creio que, nessa fase, o problema

exige um tratamento bem diferente. De outro modo, estará contribuindo para que a criança, concentrando-se em si, se torne presumida, orgulhosa, arrogante, e de temperamento autoritário.

PROFESSOR: A criança precisa, também, tornar-se sensível às coisas exteriores.

KRISHNAMURTI: Parece-me que, dessa maneira, inconscientemente, estaremos fortalecendo o egotismo, o orgulho, uma exagerada altivez, a agressividade, a rudeza.

Até agora, você só se preocupou com a atividade mental. A maré está sempre subindo e descendo. Se se mantiver baixa, será como as águas estagnadas de uma baía; se ela tem um movimento para dentro, terá de ter outro para fora. Você só se referiu ao movimento interior. Como fará o estudante mover-se para o exterior?

PROFESSOR: Quando o senhor aludiu ao movimento para fora, senti que não estava encarando o problema em sua totalidade. mas apenas parcialmente.

KRISHNAMURTI: Se eu não o tivesse impelido e, por conseguinte, feito compreender que sua resposta era parcial, você não teria modificado seu ponto de vista. Não existe apenas o movimento interior, porquanto o movimento é, como o da maré, para dentro e para fora. Você tratou do movimento em uma só direção, e não sabe unir o interior e o exterior em um movimento único.

PROFESSOR: Não é possível, desde o princípio, tratar do movimento em ambas as direções?

KRISHNAMURTI: Qual é o movimento para fora que vai dar o equilíbrio?

PROFESSOR: Não apenas o equilíbrio, mas também um sentido de humildade que vai e vem.

KRISHNAMURTI: Existem as colinas, as árvores, o rio, as areias. É este o movimento para fora. A percepção, o ver, é o movimento para o exterior. A natureza nos concedeu todas estas maravilhas, os rios, as árvores, a terra árida. E assim temos o movimento para dentro e para fora, o movimento eterno.

ENSINAR E APRENDER

PROFESSOR: Compreendemos não ser possível ver um fato, a não ser que a mente esteja vazia de pensamentos. Porém, mesmo se a esvaziarmos por algum tempo, o pensamento torna sempre a voltar. Que devemos fazer para acabar com o pensamento? Podemos discutir este assunto?

KRISHNAMURTI: Não sei se estamos compreendendo bem a significação do pensamento. É importante o pensar? E em que sentido é ele relevante? Que é pensar? Que desperta o pensamento? Quando é importante o pensar e quando não o é, e como responderia você a esta pergunta? E como surge o automatismo ao se fazer uma pergunta?

Será o pensar meramente a resposta habitual a um padrão também habitual? Vocês vivem neste colégio seguindo uma determinada trilha, com certos padrões de pensamentos, de hábitos, de sentimentos. Vivem, agem, dentro desses costumes, padrões e sistemas, sendo, assim, muito limitado o funcionamento do cérebro, do pensamento. Quando saem deste vale, vivem em um campo um pouco maior. Dispõem de certas trilhas de ação e as seguem. Entretanto, continuam palmilhando determinados e conhecidos caminhos. Tudo é realmente um processo mecânico, mas nesse sistema de atividade automática existem algumas variações. Vocês modificam, mudam, porém sempre dentro dos antigos modelos, não importando os cargos que ocupem — ministro, governador, médico, professor — é sempre uma trilha com algumas mudanças e alterações. Operam dentro de padrões. Não digo que seja certo ou errado, limito-me a examinar o fato. Têm crenças, que constituem um lastro, e, assim, prosseguem com suas atividades diárias, com a habitual inveja, ganância,

ciúme. Sempre que suas crenças são postas em dúvida, vocês se irritam, mas continuam com elas. As crianças estão sendo educadas para pensar, para formar sulcos de hábitos e a neles operar até o fim da vida. Na maioridade empregam-se, serão engenheiros, médicos, ou outra coisa qualquer, e daí em diante fixam-se num modo de viver. Qualquer desvio dele causa distúrbio. Os distúrbios são abrandados pelo casamento, pelas responsabilidades, pelos filhos; e assim vai-se gradualmente formando um molde. E todo o pensar se acha entre o que convém ou não convém, o que é benéfico, o que é valioso — mas sempre no mesmo campo.

PROFESSOR: Isto não é pensar, senão mera repetição.

KRISHNAMURTI: Mas é assim que vivemos, eis a nossa vida. Isso é quanto desejamos. Tudo é repetição, tornando-se a mente cada vez mais embrutecida e obtusa. Não é isto um fato? Não desejamos ser perturbados, não queremos destruir o padrão.

Que nos faz alterar o padrão ou destruí-lo? E será possível não cair na rotina? Por que motivos acabaremos com os padrões? Só começamos a pensar em desfazer-nos deles quando já não nos satisfazem, quando já não têm utilidade, ao ocorrerem incidentes como a morte, o abandono da esposa pelo marido, ou se perdemos o emprego. Quebrando-se um determinado padrão, surge um distúrbio chamado sofrimento, e nós nos afastamos daquele modelo para cair em outro. Passamos de um para outro molde, de uma para outra estrutura, na qual as circunstâncias, o ambiente, a família, a educação nos colocaram. O distúrbio aflige-me um pouco, mas logo a seguir encontro outra trilha e aí me instalo. Isto é o que almeja a maioria das pessoas, o que querem os seus familiares, o que exige a sociedade. De onde, pois, vem a idéia de fazer cessar o pensamento?

PROFESSOR: Há ocasiões em que estamos descontentes com o padrão e com tudo o que ele encerra.

KRISHNAMURTI: Quando sentimos a futilidade dos padrões? Quando a percebemos; e que nos faz percebê-la? Cria-se um modelo quando existe um motivo. Se quebro um padrão por um determinado motivo, este criará um novo molde.

Mas, que me faz mudar, que me faz agir sem um motivo?

PROFESSOR: É muito difícil livrar-nos dos motivos.

Krishnamurti: Porém, quem o manda libertar-se deles? Se é difícil, porque preocupar em quebrar um padrão? Contente-se com o motivo e continue com ele; porque preocupar-se, se a coisa é difícil?

Professor: Ela não me leva a lugar algum, senhor.

Krishnamurti: Mas, se não leva a lugar algum, porque persegui-lo?

Professor: Isso significa haver sempre um motivo, uma razão.

Krishnamurti: Que nos leva a abrir mão de um motivo? Que entende por motivo? Você leciona aqui porque é remunerado. E gosta de alguém porque essa pessoa lhe pode ser útil, ou ama a deus por odiar a vida. Sua vida é infeliz, e o amor de deus é uma fuga. Tudo isso são motivos, são razões.

Ora, que faz um indivíduo, um ser humano, viver sem um motivo? Investigando a fundo este assunto, por certo encontrará a resposta à sua pergunta.

Professor: A meu ver, a pergunta: "Conheço meus motivos?" deve preceder de outra: "Faço eu alguma coisa sem um determinado propósito?"

Krishnamurti: Conhecemos o motivo ou motivos de nossas ações? Porque dou aulas, porque me prendo a um marido, a uma mulher? Conheço minhas razões? Se não, como descobri-las? Se eu souber, que há de mal em tê-las? Amo alguém porque gosto de estar com essa pessoa fisicamente, sexualmente, como um companheiro ou companheira; que há de errado nisto?

Professor: Se leciono por necessitar de dinheiro, o motivo procede. Preciso de dinheiro, tenho então de dedicar-me a alguma profissão, e escolho o ensino.

Krishnamurti: Em primeiro lugar, conheceremos nossos motivos, não apenas os conscientes, mas também os inconscientes, os mais secretos? Fazemos alguma coisa na vida sem uma razão? Fazer algo apenas por fazer é gostar do que se está fazendo, e, desse modo, o pensar não é mecânico; o cérebro encontra-se então em um estado de contínuo aprender, não por um incentivo, não passando de um conhecimento para outro conhecimento. A mente passa de um fato a outro fato. Ela, por conseguinte,

é capaz de ir ao fim de alguma coisa e chegar a um ponto ignorado, o que significa libertação do conhecido.

De início, você perguntou: "Como findar um pensamento?" Eu respondi: "Para quê?" Não sabemos mesmo o que é pensar, nem sabemos como pensar. Pensamos em termos de padrões. Assim, a menos que tenhamos investigado e compreendido tudo isto, não nos é possível formular a questão: "Como pôr fim ao pensamento?"

PROFESSOR: De que modo investigarmos o pensar e como pensar?

KRISHNAMURTI: Não apenas saber como pensar, mas também o que é "pensar". Posso eu, como um ser humano, como um indivíduo, descobrir qual o modo como penso? É ele mecânico, é livre? Sei como atua em mim?

Para fazer cessar um pensamento, cabe-me primeiro penetrar no mecanismo do pensar. Tenho de compreender o pensamento completamente e em profundidade. Impende-me examinar cada pensamento, não deixando escapar um só sem tê-lo compreendido totalmente, de maneira que o cérebro, a mente, todo o ser deve manter-se bem atento. Se eu acompanhar cada pensamento até a raiz, até à exaustão, verei que ele se desfaz por si. Nada tenho de fazer neste sentido, pois o pensamento é memória. A memória é a marca deixada pela experiência, e enquanto esta não for compreendida inteiramente, em sua totalidade, a marca permanece. Mas, quando sentimos por inteiro uma experiência, ela não deixa vestígios. Destarte, se eu acompanhar cada pensamento e verificar onde se encontra a marca, onde ela perdura como um fato — o fato então se revelará, e terminará aquele processo individual de pensar; assim, todo pensamento, todo sentimento é compreendido. E o cérebro e a mente vão-se libertando de uma porção de lembranças. Isto requer acentuada atenção, não só a atenção dada às árvores, aos pássaros, senão ainda atenção interior, necessária à compreensão de cada pensamento.

PROFESSOR: Isso parece um círculo vicioso. A pessoa se preocupa em libertar-se de uma forma de pensar e, a fim de compreender o processo do pensamento, necessita de certa sensibilidade que lhe falta.

KRISHNAMURTI: Examine um pensamento, um qualquer. Acompanhe-o. Procure saber porque tem esse pensamento, qual o

seu significado, compreenda-o, não o abandone enquanto não lhe tiver desenterrado todas as raízes.

PROFESSOR: Isso só podemos fazer com uma mente sensível.

KRISHNAMURTI: Ao acompanhar um determinado pensamento, você começa a compreender o instrumento que o examina. O que, pois, importa não é o pensamento, e sim o observador que o está verificando. Pois o observador é o próprio pensamento que diz: "Não gosto daquele pensamento, gosto deste." Assim, ataca-se o cerne do pensar e não apenas os sintomas. E na qualidade de professor, como cria ou faz surgir esta observação atenta, um exame isento de julgamento, num estudante?

Como é que leciona? Qual é o ambiente, as condições, a atmosfera, que possibilitam o aprendizado? Ensina, digamos, História, e o aluno aprende. Mas, qual é o clima psicológico, o ambiente, como é a sala em que ocorre o ensinar e o aprender?

PROFESSOR: Existe uma atmosfera especial em que tanto o professor como o aluno estão atentos.

KRISHNAMURTI: Não quero empregar a palavra "atenção". Se se aprende algo com o professor, qual é a natureza dessa comunicação de receber e aprender? Para uma flor desabrochar, ela precisa ser regada, não é mesmo?

PROFESSOR: Poderíamos encarar este problema de maneira negativa?

KRISHNAMURTI: Como queira. Você, por exemplo, leciona Ciência. Como se apresenta a respectiva sala de aulas, em que professor e aluno exprimem uma coisa só — ensinam e aprendem simultaneamente? Como deve ser essa sala, o seu clima moral, o odor, o perfume que dela emana?

PROFESSOR: Um ambiente quieto, tranqüilo.

KRISHNAMURTI: Você é idealista, mas eu não sou. Não alimento nenhum ideal, quero apenas lidar com fatos. Você está-se afastando do fato, da realidade, e é a isso que me oponho. Quando ensina e os meninos aprendem, qual a atmosfera da sala de aulas? A atmosfera é a realidade.

PROFESSOR: Cordialidade entre professor e estudantes.

KRISHNAMURTI: Você não está encarando o fato. O professor ensina porque sabe, mas, para o aluno aprender, requer-se certa

virtude, e é justamente essa virtude que pergunto qual é. Já chegou a passar pela experiência em que a comunicação é mútua, quando o aprender é o ensinar?

PROFESSOR: A princípio eu julgava que, ao ensinar, eu transmitia certos conhecimentos ao estudante, porém agora vejo que, ensinando, também aprendo. Isto acontece em raros momentos de pesquisa, quando ambos, professor e aluno, investigam juntos.

KRISHNAMURTI: Qual é o estado em que acontece essa investigação? Qual é a atmosfera, qual a relação que se verifica? Que palavra usaria para exprimir esse estado propício à comunicação?

PROFESSOR: Curiosidade.

KRISHNAMURTI: Que matéria ensina?

PROFESSOR: Hindi. (Língua falada na Índia setentrional.)

KRISHNAMURTI: As crianças anseiam por aprender, e o professor, por ensinar. Então, que ambiente se cria? Que é que ocorre?

PROFESSOR: As crianças me ouvem.

KRISHNAMURTI: As crianças o escutam. Você quer dizer-lhes alguma coisa. Então, que acontece? Examine este ponto.

PROFESSOR: Há um estado de alerta.

KRISHNAMURTI: Desejaria ir um pouco além neste assunto. Ao denominar esse estado como de vigilância, criou você uma estrutura. Estou tentando evitar definições, tanto de sua parte como da minha.

PROFESSOR: Havendo um objetivo, o objetivo de aprender e de ensinar, eles operam; daí vem uma fluidez, um movimento: e, transitoriamente, esse estado difere um pouco dos outros que conheço.

KRISHNAMURTI: Existe atenção quando o professor e o estudante têm ambos o intuito de aprender e ensinar. Incumbe criar um sentimento, um clima propício ao aprendizado. Acabamos de criar esta atmosfera — porque eu desejo descobrir e você também. Será possível manter esta atmosfera, na qual só existe o propósito de ensinar e aprender?

Começamos indagando como transmitir ao aluno este sentido de pesquisa no pensar, na motivação. Perguntei-lhe de que

maneira leciona, isto é, como transmite alguma coisa. E ainda o que ocorre quando está ensinando. Qual é a atmosfera no momento de ensinar? É uma atmosfera em que existe bem-estar, ou ela é tensa? Pois bem; se antes não examina o seu pensar, o mecanismo do pensar, é impossível transmitir ao estudante o significado da investigação. Porém, se tem o cuidado de fazê-lo, sem dúvida criará o adequado clima psicológico. E, a meu ver, esse preparo, essa atenção, são essenciais ao ensinar e ao aprender.

Professor: Como já declarou o senhor, definir um fato não é experimentá-lo. Em tudo isso parece haver um hiato entre o definir e o agir. Também me perguntou se já fiz algo pelo simples prazer de fazer, apenas por gosto. Como pode alguém, sem examinar os próprios motivos, sem todas estas ramificações, chegar ao ponto principal de alguma coisa?

Krishnamurti: É isto justamente o que estou tentando fazer. Ver uma coisa totalmente é o findar do tempo ou a sua compreensão. Podemos ver se existe algum motivo, em qualquer nível, no ensinar e no aprender? A vida é um constante processo de ensino e aprendizado; não é possível ensinar e aprender se houver um objetivo; havendo um móvel, não se ensina nem se aprende. Observem cuidadosamente: na própria natureza do ensinar e do aprender existe humildade. Somos o mestre e o aprendiz. Assim, não existe aluno nem professor, nem instrutor espiritual ou discípulo; há somente o ensino e o aprendizado pessoal. Estou aprendendo e, também, ensinando a mim mesmo; o processo é uno. Isto é importante. Dá vitalidade, um sentido de profundeza, que não haverá se eu tiver um motivo. Dada a relevância do ensino-aprendizado, as outras coisas se tornam secundárias, e daí o desaparecimento da motivação. O importante afasta o não-importante. Então, tudo se resolve: já não preciso examinar diariamente as minhas razões.

Professor: Para mim, a questão não ficou bem clara, senhor.

Krishnamurti: Primeiramente, a vida é um constante aprender. Não basta dizer: "Já aprendi" e acomodar-se. Embora a vida seja um processo de aprendizado, não se consegue aprender se houver um motivo. Se, obviamente, a vida é um contínuo aprender, não se justifica a existência de estímulos ou intuitos. Admite-se o motivo quando aprendemos para obter alguma coisa. Pois o fato essencial afasta todas as trivialidades desnecessárias, inclusive as motivações.

PROFESSOR: Deveríamos preocupar-nos com o essencial como se fosse um fato?

KRISHNAMURTI: Mas o fato é o essencial. A vida é o essencial. Ela exprime "o que é", o real. Senão, não haveria vida. Se o motivo não é essencial, a realidade o é. Se realmente compreendemos o sofrimento, surge a "outra coisa". Não podemos chegar a ela, sem compreender o motivo, o não essencial.

PROFESSOR: Então, não deve haver preocupação com o essencial.

KRISHNAMURTI: Compreenda o fato, que é efetivamente importante, e nele se aprofunde. Se porventura é ambicioso, seja totalmente ambicioso. Não convém haver pensamento dúbio. Seja mesmo ambicioso, ou veja o fato — a ambição. Ambos são realidades e, ao examinarmos uma realidade, cumpre fazê-lo completamente. Se penetramos a fundo no fato, ele começa a revelar o seu significado. Dessarte, a própria ambição se desfaz, desaparece.

Em geral, as pessoas religiosas inventam teorias sobre fatos. Porém, elas não compreendem "o fato". Tendo criado uma teoria, esperam que ela as proteja do fato real, e isso não é possível. No tocante a vocês, não procurem estabelecer qualquer fato essencial. Percebam quando resvalam para uma ação errada. Não existe nenhum fato essencial, existe apenas o fato — notam a diferença? E um fato não se ajusta a outro fato. Havendo ajustamento, não se trata de um fato. Se encaram o fato como uma referência, como o que dele podem extrair, assim jamais verão a realidade. Encarar o fato é o que importa. Não existe um fato superior e outro inferior: só existem fatos. Esta é uma coisa implacável. Se advogo, sou um advogado. Não encontro desculpas para o caso. Vendo o fato, examinando-o, percebendo-lhe as causas, os motivos, o fato e suas complexidades se revelam, e então estamos fora dele. Já se declaramos que devemos sempre dizer a verdade, isto é um ideal. Esta é uma falsa suposição. Por conseguinte, não abandonem um fato que consideram sem importância por outro que julgam da maior relevância. Só existe o fato, não o maior ou o menor. Realmente, este modo de encarar a vida é bem significativo. Porque afastamos todas as ilusões, eliminamos de vez o desperdício de energia mental e cerebral. Então a mente passa a atuar com precisão, sem simular, sem ódio, sem hipocrisia. Ela se torna lúcida, penetrante. Eis a maneira de viver.

A MENTE SÃ

KRISHNAMURTI: Creio que em geral temos uma idéia bastante clara do que vem ocorrendo no mundo. Observando o processo histórico, o atraente simulacro de paz, cada um de nós já terá indagado de si mesmo o que é afinal a vida. Vemos a escravização de imensas massas de povo; a corrupção e a demagogia sobre a democracia; a falência das religiões, e só as superstições perduram. Vemos o peso morto da tradição, os inúmeros *gurus*, os adivinhos, os monges, os astrólogos. Existe pobreza, degradação, a sordidez da existência. E também um profundo desespero. Diante deste quadro desolador, qual é a nossa resposta? Há quem diga não precisarmos de um novo sistema ou de uma nova filosofia, e sim de um novo tipo de liderança, um novo tipo de homem, com grande autoridade não apenas no governo, mas na própria força de seu ideal. E precisamos mesmo de novos líderes? Do que necessitamos é libertar-nos dos líderes.

Quando observamos esta extensa confusão, estrangulamento e desequilíbrio econômicos, pomo-nos a pensar no que poderia esta escola fazer, que deveria ela fazer. Querem debater este assunto? Não idealisticamente, pois os ideais, sejam de que espécie forem, são sempre prejudiciais. Os ideais impedem-nos de encarar os fatos, e é só o interesse nos fatos e em compreendê-los que liberta a energia para o movimento na direção certa. Os ideais nada mais fazem do que gerar novas formas de fuga. Consideremos tudo isto e vejamos o que se pode fazer neste colégio.

Não se trata de passar do imponente ao ridículo, pois esta escola é uma miniatura do que está acontecendo no mundo e, ao ver o caos, a desgraça, o sofrimento destruidor, só encontro

uma saída, e esta é a formação de uma nova mentalidade, de um espírito diferente, capaz de enfrentar todos os problemas, achar-lhes a solução, sem criar outros mais. Creio que a correta maneira de educar terá como resultado uma mente sã, o total desenvolvimento do homem, e isso me parece ser um enorme problema, não apenas neste vale, mas em todas as partes do mundo.

Como formar uma mente nova, capaz de ver todas estas correlações, não só no nível superficial, mas apta igualmente a penetrar no próprio interior? A meu ver, consiste o problema da educação em cultivar uma inteligência não resultante de influências, uma inteligência que não se limite a aprender determinadas técnicas e a procurar ganhar a vida. Tudo isto faz parte da educação, porém não representa, por certo, sua única finalidade. Ora, como é que vocês, professores, educam uma criança de modo que ela fique habilitada a enfrentar a vida, sem se conformar em meramente aceitar os padrões estabelecidos pela sociedade, em adotar certos modelos de conduta, sendo, assim, capaz de ir muito além, de penetrar mais fundamente em todo o problema da existência?

Não sei se já consideraram o que significa uma mente sã. Será aquela que retém o que lê, e funciona baseada na memória? O cérebro eletrônico faz isto maravilhosamente. Resolve numa rapidez espantosa os mais complicados problemas matemáticos. Atua, como se sabe, do mesmo modo que o cérebro humano, realizando todos os cálculos necessários.

Será bem formada a mente que repete, como um gramofone, tudo o que lhe foi dito? Nisto tem consistido a nossa educação. Conhecer fatos, datas, citá-los uma vez por ano, por ocasião dos exames. Podemos denominar isto o cultivo de uma mentalidade criadora? No entanto, não tem sido este, em geral, o nosso modo de ensinar? Mas o simples acúmulo de conhecimentos, sinônimo de desenvolvimento da memória, é apenas um processo aditivo. Ele não forma um espírito lúcido, criterioso, não concordam? É óbvio que o mero cultivo da memória não cria uma promissora mentalidade, se bem que nele se baseie a maior parte de nossa existência. Entretanto, uma boa memória tem o seu valor, não só para a lembrança de certas coisas, mas para o preparo técnico ou especializado. Então, em que ponto a memória interfere com uma mente sã, apta a explanar, investigar, descobrir? Que relação existe entre a memória e a autêntica liberdade?

Não sei se alguma vez já pensaram no inventor do avião movido a jato. Primeiro, ele teve de compreender todo o problema do motor propulsor. Tinha de sabê-lo, mas, depois, precisou pôr tudo isto de lado, para descobrir algo novo. Os especialistas, até descobrirem uma coisa realmente nova, continuam a aperfeiçoar e a complicar a técnica antiga, porém, se alguém quer mesmo inventar algo novo, tem de abandonar tudo o que for velho.

PROFESSOR: Disse o senhor que a percepção de um fato conduz diretamente ao conhecimento, ao passo que os ideais levam à evasão. Poderia tornar esta afirmativa um pouco mais clara?

KRISHNAMURTI: Como se formam os ideais e qual a sua necessidade? O ideal do que deveria ser, que se encontra sempre fora do fato, limita a mente, torna-a estática. Se uma criança procura ajustar-se a certos ideais, às palavras do pai, do avô, do tio, etc., isso restringe a energia e limita o conhecimento. Os ajustamentos limitam o saber. Se sou professor de arte e ensino a criança a copiar, o que é imitação, não estou realmente auxiliando a percepção, a expressão criadora. Vejamos agora o que se dá quando existe a percepção de um fato. Noto que sou tolo. Existe a percepção, a compreensão, a consciência dessa realidade. Isto é, não dou explicações nem opino sobre a minha tolice, ficando assim isento de justificá-la. A observação de um fato sem justificação ou condenação liberta imensa energia. Pois bem; haverá libertação de energia pela concordância, pelos motivos apresentados, pela simples aceitação? Poderá alguém operar numa base de mera aquiescência?

PROFESSOR: Fisicamente, há libertação de energia.

KRISHNAMURTI: Há libertação de energia mediante o conformismo? Que motivo existe por trás deste extraordinário anseio que em geral temos de ajustar-nos a um padrão? É óbvio que é o desejo de segurança. Segurança no relacionamento com a mulher, com um amigo, com a opinião pública. Tudo isto indica não só o desejo de segurança econômica, senão também de segurança ou certeza da própria mente, não é mesmo?

PROFESSOR: Buscamos segurança por desejarmos paz de espírito.

KRISHNAMURTI: Necessita-se, sem dúvida, de alguma segurança. Preciso de um emprego. Se não tivesse certeza da minha próxima

refeição, aqui não estaria falando. Significa o desejo de paz que deveríamos ter uma mente imperturbável? E porque não deverá ser perturbada? Que há de errado se o for? Geralmente o mundo se encontra nesse estado. Porque não poderíamos também ser incomodados? Quem pretende ser continuamente impassível não se acha em verdade morto? Não pode haver um estado de espírito em que a pessoa se mostre "perfeitamente segura"; ninguém sente uma segurança inabalável. Creio ser esta impassibilidade o que a maioria das pessoas desejaria ter, sendo por isso que nos ajustamos indefinidamente. Se você tem um filho, gostaria que ele se adaptasse ao padrão social, pois não quer que seja um revolucionário. Pergunto, então, o que se oculta no anseio por segurança. Não será a esperança em que se inclui o desespero?

Examinemos a matéria diferentemente. De mim para mim me interrogo, agora mesmo, qual a razão deste anseio. Será o medo? Temo não poder cuidar de minha família e, por isto, apego-me a meu emprego. Temo que minha mulher, meu marido, não goste de mim. Possuo propriedades e tenho medo de perdê-las. Por trás desta ameaça, há medo, anseio de segurança.

Professor: Só estamos seguros quando não tememos nada.

Krishnamurti: Um momento. Será isto possível? Sabem o que é o medo. Se a maioria de nós estivesse livre do temor, sabem o que aconteceria? Faríamos exatamente o que quiséssemos. O medo nos refreia. Porém, estamos indagando se uma mente temerosa, ansiosa, sente-se alguma vez segura. Posso estar bem colocado, amar minha mulher ou meu marido, mas sinto-me seguro se vivo atemorizado? Quem não sente medo, o que realmente é uma coisa extraordinária, está livre do problema da segurança. Será possível compreender o medo e dele estar livre? Porque, achando-se liberta, tudo o que a pessoa fizer será uma ação correta.

Como educarão um grupo de crianças procurando torná-las destemerosas? O que não significa que elas possam fazer o que quiserem — mas estarem libertas de toda apreensão, da ansiedade? Isto não libertará uma abundante energia?

Como põem em prática a educação de uma criança? Vocês têm medo e sabem que o medo é algo perturbador. É das piores formas de destruição. Como educar um menino de maneira que

viva sem medo? Que pode o professor fazer para traduzir isto em ação? Será deixar a criança pensar livremente? Todos conhecem a importância da intrepidez, porque viver com medo equivale a morrer. Quer seja consciente, quer inconsciente, o medo causa aflição. Como ajudar uma criança a não ter medo, convivendo bem, simultaneamente, com os demais? Ela, é claro, não poderá fazer quanto lhe apraz, nem dizer: "Não quero ir à aula e não temo as conseqüências." Que é, então, que liberta a criança, o estudante? Que lhe dá a profunda impressão de ser interiormente livre? Se o menino nota que o professor vela por ele, que com ele se preocupa, que o trata com familiaridade, sente-se completamente seguro, não o teme, porém o respeita e lhe obedece, justamente em virtude desse cuidado e da grande confiança que daí advém. Ele ouve pacificamente o que você lhe diz. Abra-lhe, pois, a porta para que se sinta livre. E, depois, que fará então? Primeiramente, cabe-lhe estabelecer um bom relacionamento com o aluno, deixando-o perceber seu interesse por ele, que pode sentir-se à vontade com você e, assim, conhecerá a segurança a seu lado. Isto não é uma teoria, não é uma idéia. Qual será sua atitude se o aluno não se sair bem em algum exame? Um garoto pode não ser tão vivo quanto outro, mas, mesmo assim, ele aprenderá. Como incentivará o estudante a aprender sem atemorizá-lo? Se disser que um menino é melhor que outro, isto gera medo. Como evitar tudo isto e, ao mesmo tempo, estimular o aprendizado? A criança recebeu dos pais uma diferente educação. Toda sua vida foi norteada para a busca do bom êxito, das realizações, e ela aqui chega com todos estes antecedentes de medo e competição. Como ajudá-la?

Professor: Podemos auxiliá-la a instruir-se consoante sua capacidade individual.

Krishnamurti: Não se apresse. Como será feito isto? Esta escola está nas mãos de vocês, professores. Cumpre-lhes criar alguma coisa com o material aqui existente. O ensinar é uma atividade criadora, e não uma simples coisa que se transmite para ser decorada. Como vão ensinar às crianças por quem têm um sentimento de amor? Lembrem-se de que elas não estão interessadas em aprender. O que desejam é gozar a vida. Jogar bola, ouvir os passarinhos e, ocasionalmente, olhar para os livros. O fato é que preferem aquilo que for mais fácil. Se deixarem por conta delas, quanto mais se sentirem seguras com vocês, mais os irão explorar. Como as ajudarão no estudo? Têm

de descobrir modos e meios capazes de prender-lhes a atenção, e isso os levará a tornar as aulas mais interessantes para a criança.

Antes de agirem junto à criança, qual é o seu estado de espírito para ajudá-la a aprender coisas em que não está interessada?

PROFESSOR: É o de ansiedade em compartilhar o aprendizado infantil.

KRISHNAMURTI: Desejo que estas crianças aprendam porque o aprender faz parte da existência, mas elas só poderão aprender se não sentirem medo. Compete-me, assim, lecionar sem despertar-lhes temor, o que significa ter de vibrar com o desejo de participar do aprendizado. Sabem qual é o estado mental de quem quer compartilhar com outrem? É, parece-me, o correto sentir. Que implicará isso? O fato é que eu sei mais, e a criança sabe menos, e eu sinto que ela necessita aprender, precisa ser capaz de compartilhar. Ambos estamos aprendendo, o que equivale a estarmos vivendo juntos uma experiência. A criança e eu já nos achamos em comunicação. Uma vez estabelecido o correto relacionamento ou comunicação entre mim e a criança, ela deverá aprender, pois confia em mim.

PROFESSOR: O professor pode gostar muito da criança, mas, no entanto, ela não quer aprender por falta de interesse.

KRISHNAMURTI: Não concordo. Quando o aluno confia no professor, sua disposição para o aprender é a melhor possível. O que estamos fazendo é estabelecer uma relação. Se o conseguirmos, não poderemos levá-lo a compreender a importância da instrução?

Esta manhã, ao começarmos a falar, não havia comunicação entre o orador e os ouvintes. Agora já nos estamos entendendo e tentando trabalhar juntos. Não poderemos fazer o mesmo com as crianças?

A APRECIAÇÃO NEGATIVA

KRISHNAMURTI: Que julgam ser a correta educação, não para um determinado grupo de crianças, filhos de ricos ou de pobres, da aldeia ou da cidade, mas para a criança em geral? Como educariam uma criança sabendo que as destrutivas barreiras do Nacionalismo dividem os povos?

As máquinas estão fazendo o trabalho dos homens e o tempo de lazer tende a aumentar. Haverá cérebros eletrônicos, máquinas de movimentação própria. O homem terá cada vez mais tempo livre, talvez não de imediato, mas dentro de alguns anos. Levando em conta o avanço da tecnologia, o crescimento da sistematização, qual o caminho que, em seu modo de ver, deverá tomar a educação? Que significaria o completo desenvolvimento do homem? Que desejam seja descoberto pelo próprio estudante?

Serão vãs estas perguntas? Se as considerarem relevantes, qual será sua resposta? As máquinas estão dominando. O verdadeiro professor, perito em sua especialidade, poderá ter suas aulas gravadas em fitas distribuídas em larga escala, podendo um colega seu, de menor capacidade, utilizá-las para instruir os alunos. Assim, a responsabilidade pelo bom ensino pode ser tirada de mãos individuais, embora haja quase sempre necessidade de um instrutor. Dir-se-á que o que vai acontecer daqui a meio século não é um problema imediato. Contudo, o educador consciente tem de preocupar-se não só com o presente, senão também estar preparado para o futuro — futuro não no sentido do amanhã, ou de mil dias após, porém relativo ao grande desenvolvimento do homem. Creio que vivem no dia-a-dia. Esse imediatismo é brutal, cansativo, e poderão comentar: "Porque intranqüilizar-nos com o que ainda vai acontecer?" Mas, se são pais, se têm a seu cargo muitos alunos, faltando-lhes a

compreensão de tudo isto, não poderão entender o significado da educação. Que acontecerá depois que tiverem preparado todos esses rapazes e moças? As meninas casar-se-ão e desaparecerão neste vasto mundo. Serão absorvidas pela sociedade. Qual a vantagem de educá-las? Os meninos conseguirão emprego. Educá-los para entrarem nesta sociedade apodrecida? Ensiná-los a comportarem-se bem, a serem gentis e bondosos, será este o objetivo da educação? Vejam o quadro inteiro do que acontece não só na Índia, mas em todo o mundo, e procurem compreendê-lo. Que estão tentando fazer para resolver este problema?

A menos que tenham uma resposta para toda a questão, a mera tentativa de aperfeiçoar os métodos de ensino significa muito pouco. O mundo se incendeia, e sendo homens cultos, seres humanos, devem ter para isto uma resposta; se a têm, se sentem a tragédia total, o ensinar Matemática, Dança, Canto terá seu significado.

PROFESSOR: Senhor, se não sinto profundamente uma coisa, acha que a conseguirei se agir sempre corretamente?

KRISHNAMURTI: Seja mais objetivo.

PROFESSOR: Sendo pontual, atuando com técnica, preparando as aulas e fazendo tudo com esmero, isto não concorreria para a percepção total?

KRISHNAMURTI: Concorreria? Evidentemente, é indispensável ser pontual, como preparar com antecedência as aulas. E você pergunta se isto levará à percepção total!

PROFESSOR: Sinto haver uma probabilidade — não uma certeza, quando estudo algo com atenção.

KRISHNAMURTI: Você passou do fazer alguma coisa, do ser pontual e tudo o mais, para a questão da "atenção". Que entende por atenção? Posso atribuir um sentido à palavra, e você outro. Digo, por exemplo, lecionarei Matemática e serei pontual. Manter-me-ei calmo, terno, afetuoso, animarei o estudante, afastá-lo-ei de idéias competitivas. Considera atento quem age deste modo?

PROFESSOR: Creio que sim. Ajudando o aluno a não ser competitivo, demonstro atenção, cuidado.

Krishnamurti: Que significa isto? Você se mostra atento não apenas à sua matéria e a seu relacionamento com o estudante, mas também atento à natureza, aos eventos mundiais, como ainda às corrupções e aspirações individuais e coletivas. Entretanto, se por atenção significa pontualidade às aulas, isso não tem sentido.

Vejamos a coisa diferentemente. É possível ter esta global compreensão sem medo? Debatendo sobre a possibilidade dessa compreensão, e descobrindo-a, podemos então voltar às atividades diárias sem maiores complicações. Como trataremos do assunto?

De onde provém nossa energia? Se ingerirmos determinada quantidade de alimentos, adquiriremos certa vitalidade, mas não é a vitalidade o que nos faz viver, agir e ser conscientes. Como obtemos energia, energia psicológica, energia propulsora? A maioria das pessoas consegue essa energia tendo um fim em vista, um ego, mantendo uma visão, um ideal, um objetivo, buscando um resultado. Essas coisas criam uma extraordinária energia. Vejam os santos, os políticos; o desejo de bom êxito dá-lhes enorme força. O homem que tem um ideal e quer concretizá-lo removerá montanhas. Ele extrai toda aquela energia psicológica não obstante seu pequeno corpo, porque aquilo é o que ele deve fazer, pois acredita ser bom para os outros, e daí o seu poder. Quando não o consegue, sente-se desapontado, deprimido, infeliz, porém sobrepõe-se às dificuldades e prossegue. A energia de inúmeras pessoas origina-se da ansiosa busca de um cargo, da realização de uma ambição ou ideal. Elas a obtêm com o indefectível acompanhamento de malogros, frustrações, desespero. E com isso a perdem de novo.

Se estão interessados em deus, desejam criar o mais belo deus do mundo, e para isto se esforçam, se exaurem, mas, quando o esforço só produz futilidade, desespero, sentem-se deprimidos. Transformam, então, a energia viva em energia negativa, o que acarreta depressão, sofrimento; há, pois, uma contínua contradição.

Professor: Não desperdiçamos energia ao fazermos alguma coisa sem interesse? Por exemplo, quando um jardineiro está interessado em jardinagem, existe energia. Não será esta a única e verdadeira energia?

Krishnamurti: O pobre jardineiro também ficará deprimido se não conseguir o que deseja. Você está relacionando interesse com energia e falta de interesse com falta de energia. Só um pequeno número de pessoas se interessam realmente no que fazem.

Em geral, retiramos nossa energia do desejo de segurança, dos ideais, da busca de um resultado, da própria ambição, etc. Na maioria das vezes, é isto o que consideramos energia. Para o homem que vive fazendo o bem, sua atividade lhe dá imensa energia, mas, quando não obtém êxito, cai em desespero, os dois sempre juntos. Essa energia sempre gera depressão, frustração.

Ao compreenderem que esta forma de energia é destrutiva, não quererão descobrir outra que não seja acompanhada de abatimento, desespero, frustração? Existe tal energia? Sabe-se que existe uma energia comum com seus emaranhamentos, e verifica-se que é produzida pela procura de um resultado; e se, ao verificar este fato, a pessoa a afasta, não sentirá ela a necessidade de descobrir outra forma de energia que não venha acompanhada de desespero? Eis o problema. Examinemo-lo um pouco mais, estudemo-lo, e voltemos à primeira questão. Vendo-se o mundo em chamas, na maior confusão, cada político tentando uma emenda e todas com falhas, percebendo-se essa calamidade, cumpre descobrir uma resposta eficaz. De que modo, vocês, como educadores, reagem a isto? Com a energia destrutiva ou com aquela que não destrói?

Professor: Qual é essa energia que não encerra sombra de destruição?

Krishnamurti: Não faça essa pergunta. Nunca formule uma pergunta positiva. Interrogue sempre de maneira negativa, a fim de obter uma resposta positiva, mas que não seja a resposta do oposto.

Ora, que é o pensar negativo? Qual a energia que não é destrutiva? Eis uma pergunta positiva.

Qual é esta energia total? Seria correto descrevermos esta energia total e não destrutiva, e posso eu descrevê-la? Se eu a descrevesse, não seria ela simplesmente verbal, teórica, para os demais?

A energia se transforma em algo destrutivo no momento em que desejamos obtê-la. O desejo de obtê-la transforma-se

no objetivo pelo qual a pessoa luta e, malogrando-se, ficará desesperada. Sua pergunta estava, pois, errada e, se não tivermos muito cuidado, obteremos uma resposta também errada. Assim, esta deveria ser a próxima pergunta: "Como conseguirei ajuda para ter esta força poderosa?" Se eu pudesse ajudá-lo, você estaria dependendo do ajudante, e este ajudante talvez estivesse errado. Então, como colocar a questão?

Professor: É possível, em comunicação, experimentar no presente esta energia?

Krishnamurti: Pode-se fazer a mesma pergunta de diferente forma. Você está o tempo todo interrogando, de modo positivo, sobre algo que não conhece. Sua pergunta não se relaciona com o problema. Então, como deveria interrogar?

Professor: Quer dizer que a pergunta correta seria: "Quando vejo a natureza destrutiva desta energia..."

Krishnamurti: Veja a falsidade desta energia destrutiva, o que em si é a resposta. Não é possível ir além da natureza destrutiva desta energia e dizer o que a outra é.

Pode parar de tocar na criação da energia destrutiva? Assim, nunca vai perguntar o que a outra energia é. Sua pergunta deve ser: "É possível fazer parar esta energia destrutiva de criação própria?" Não se pode questionar positivamente sobre o problema da energia, é preciso considerá-lo de maneira negativa — compreendendo o fato negativamente, e não positivamente, a fim de obter a outra energia que não conhece. Sua apreciação tem de ser negativa, a fim de cientificar-se da verdadeira natureza da energia autodestrutiva.

Posso eu compreender de forma negativa? Posso aprender uma técnica, posso libertar-me da técnica sem recompensa? Então a mente estará aberta a um diferente padrão de energia.

O mundo inteiro é uma vasta mixórdia, uma imensa confusão. Para conseguirmos uma resposta total a este estado de coisas, precisamos ter uma energia de uma qualidade diferente daquela de que habitualmente nos utilizamos para resolver um problema. Em regra, a apreciação de um problema é em termos de esperança, temor, sucesso, realização, etc., com o acompanhamento do desespero. Isto é óbvio. Esses são todos fatos psicológicos. Temos aqui um problema de âmbito mundial, e não podemos enfrentá-lo com a energia do desespero, e sim com

outra que não o contém. Para chegarmos a essa energia não destrutiva, cumpre estarmos livres da energia do desespero. Sendo este um problema de âmbito mundial, que resposta lhe dão? Será idealística, com a intenção, o desejo, o sentimento de "ser esta a coisa certa que se deve fazer"? Se o fizerem, estarão respondendo com a energia do desespero. Ou o encaram com uma energia inteiramente diferente? Se consideram o problema com uma nova energia, então poderão solucioná-lo.

Professor: Gostaria de falar um pouco mais sobre a comunicação deste sentimento a que o senhor se refere: o de que, através de nossa educação, estamos perpetuando a energia do desespero, e daí a inutilidade de tal educação. Podemos educar, no sentido usual da palavra, e a um só tempo ter a outra energia? Entrosada no ensino de determinada matéria, pode uma pessoa ensiná-la perfeitamente e ainda captar a outra força? Ser-lhe-á possível fazê-lo sem um motivo, dando total atenção àquilo que faz e com afetividade? Isto ajudará a manter a mente aberta à nova fonte de energia?

Krishnamurti: Sua pergunta baseia-se em suposições, e não em fatos. Como vê, falta-lhe amor. Há ocasionalmente uma abertura nas nuvens e você vê a luz brilhante, mas só de vez em quando. Você não alude a fatos, e sim a suposições. Se estivesse lidando com fatos, não teria dificuldade em responder.

A principal afirmação não é suficiente: "Às vezes presto atenção, amo sem desejar nada em troca." Posso fazê-lo ocasionalmente, mas isso deve verificar-se no ano inteiro, e não em um só dia.

Professor: Em qualquer coisa que vejo, em tudo que faço, quero acrescentar um complemento pessoal.

Krishnamurti: Não se pode colocar um "mais" num "menos", não se pode colocar algo criativo no destrutivo. A energia destrutiva precisa cessar, a fim de surgir o que é criador.

Dispõem vocês de tempo, de lazer para meditar, e sem sentimentalismo cumpre-lhes descobrir em si próprios a energia destrutiva. É um contínuo processo de percepção, conservando-se a janela aberta para a outra energia. Este é um processo para o tempo todo.

Existe um clima psicológico necessário, que significa bom relacionamento no ensinar, o qual requer sutileza. Mas não po-

demos ter sutileza e flexibilidade ao termos um fim em vista. Se pensamos tirando conclusões das experiências obtidas com o conhecimento técnico, jamais teremos flexibilidade ou agudeza espiritual.

Já falaram com alguém inteiramente mergulhado em algum ideal, em algum dogma? A pessoa nunca tem flexibilidade, penetração. Para existirem estes dois predicados, a mente não deve estar ancorada em coisa nenhuma.

PROFESSOR: Podemos dispor as circunstâncias de maneira que haja flexibilidade e sutileza mental? Não é sempre possível criar um ambiente para que esses predicados existam dentro das associações ou organizações?

KRISHNAMURTI: Como não criar antagonismo nem resistência nas relações? Como suscitar um sentido de igualdade? Se conseguir criar esse sentimento, qual será o próximo passo? Há um novo passo?

Em primeiro lugar, pode haver mútua confiança nos integrantes de uma organização? Para tanto, requer-se uma grande dose de inteligência da parte de cada um deles.

PROFESSOR: Como disse o senhor, o problema é como estabelecer relações sem a idéia do maior e do menor e com a consciência deste sentimento total.

KRISHNAMURTI: Nada sabemos a respeito deste sentimento. Porém, conhecemos a natureza destrutiva de certas formas de energia, da qual tentamos libertar-nos.

Não ignoramos que deve haver igualdade e também que ela não existe quando há divisões, facções, quando atuamos num nível meramente econômico, ou ainda se não compreendemos a natureza da energia destrutiva. Não se trata de uma igualdade econômica, mas de promover uma igualdade em todos os níveis. Se não o fizermos desde o início, e não a criarmos também dentro de nós, não haverá comunhão. Podemos perder tempo em considerar como estabelecer essa igualdade, não a igualdade instituída tecnicamente? Podemos reunir-nos para criar entre nós este sentimento de igualdade em que todas as diferenciações desaparecem? Porque, então, assim, estaremos livres. Cumpre termos a certeza de que pelo menos alguns dentre nós seguem esse caminho. Alguns andarão lentamente, outros com certa

rapidez, mas sempre na mesma direção, e a direção é a igualdade. Trata-se, realmente, de voltar as costas para o mundo. Se perceberem os danosos efeitos da energia do desespero, a ela renunciarão. Uma vez cientes disto, seu relacionamento com o mundo diferirá inteiramente e inúmeras portas lhes serão abertas.

MEDITAÇÃO E EDUCAÇÃO

Somos seres humanos ou profissionais? Nossas profissões tomam-nos toda a vida e concedemos muito pouco tempo ao cultivo ou à compreensão da mente, que é viver. A profissão vem em primeiro lugar, depois o viver. Vivemos pensando na profissão, no emprego e nisto empregamos todo o nosso tempo. No fim da existência, voltamo-nos para a meditação, para uma atitude mental contemplativa.

Seremos apenas educadores, ou somos entes humanos que vêem a educação como um significativo e verdadeiro modo de auxiliar os semelhantes a penetrarem na própria mente? O viver vem antes do ensinar. O especialista — um otorrinolaringologista, por exemplo — passa todos os dias no exame de gargantas e narinas, e só muito raramente tem ocasião de tratar de meditação ou de contemplar a verdade.

Podemos aprofundar-nos na questão da meditação, como um exame abrangente e total da vida, ou seja, compreender o significado de "meditar"? Não sei se algum de vocês medita e ignoro o que entendem por meditação. Que parte tem ela na educação e que compreendemos por meditação? Damos demasiada importância à obtenção de um grau na hierarquia social, à consecução de um emprego, à segurança financeira; este é todo o objetivo de nosso pensar. Ao passo que a meditação, a verdadeira pesquisa sobre a divindade, o observar, o experimentar desse estado imensurável, não integra absolutamente a nossa educação. Precisamos descobrir o que para nós exprime a meditação, e não procurar saber como meditar. Este é um modo imaturo de encará-la. Se pudermos deslindar o que é o meditar, então o próprio deslindamento é meditação.

Que é meditação e que é pensar? Se vamos investigar o que é meditação, temos também de saber o que é pensar. Senão, meramente meditar sem conhecer o processo do pensar é criar uma fantasia, uma ilusão, sem qualquer sombra de realidade. Assim, para compreender ou saber o que é meditação, não bastam simples explicações, que, sendo do campo verbal, pouco significam; temos, isto sim, de penetrar fundo no processo do pensar.

O pensar é uma resposta da memória. Os pensamentos se tornam escravos das palavras, escravos de símbolos, de idéias, e a mente é a palavra, e ela passa a depender de nomes como deus, comunista, diretor, vice-diretor, primeiro-ministro, aldeão, cozinheiro, etc. Vejam as nuanças destas palavras e os sentimentos que as acompanham. Se se pronuncia o termo *sannyasi*, ele de pronto desperta, no próximo, uma atitude respeitosa. Como vemos, damos muito valor às palavras. Para a maioria das pessoas, a mente é a palavra. Vivemos e pensamos dentro de uma estrutura condicionada, verbal, técnica, simbólica; esta estrutura é o passado, que é o tempo. Se observarem este processo ocorrente em seu interior, isso será significativo.

Porém, haverá pensamento sem palavra? Existe um pensar sem palavra e, portanto, fora do tempo? A palavra é tempo. Mas, se a mente for capaz de separar de si própria a palavra e o símbolo, haverá, então, um perquirir sem objetivo, e essa pesquisa será de ordem atemporal.

Primeiro, olhemos o quadro todo. A mente que não tem espaço de onde observar, não possui a qualidade de percepção. Havendo pensar, não há observação. A maioria de nós vê através das palavras, porém será isso o ver? Ao contemplar uma flor e dizer — é uma rosa, vejo mesmo a rosa ou ocorre-me a idéia que a palavra evoca? Então, poderá a mente, que pertence ao tempo e ao espaço, investigar em um estado isento de espaço e de tempo, por ser ele o único estado em que é possível haver criação? A mentalidade técnica, que adquiriu conhecimentos especializados, pode inventar, adicionar, mas jamais criará. A mente que não dispõe de espaço, de vazio de onde ver, é sem dúvida incapaz de viver em um estado não-espacial, intemporal. E isto é necessário. Assim, o espírito inteiramente preso ao tempo e ao espaço, às palavras, a si mesmo, a conclusões, a técnicas, a especializações, é um espírito angustiado. Quando defrontamos com uma coisa totalmente nova, nossos velhos códigos, nossas

habituais respostas, os mandamentos tradicionais, todos se mostram ineficazes.

Porém, que é pensar? Em geral, consumimos nosso tempo no esforço para ser ou transformar-nos em alguma coisa, para realizar um objetivo. A maior parte de nossa vida constitui-se de uma série de constantes esforços, conexos e desconexos, e nestes esforços o problema da ambição e contradição produz um processo exclusivo que chamamos de concentração. E porque forcejar? Qual a importância do esforço? Chegaríamos à estagnação se parássemos de esforçar-nos, e terá alguma importância ficarmos estagnados? Já não nos estamos estagnando, apesar dos nossos imensos esforços — e então? Porque esforçar-nos ainda mais? Se compreendermos o significado do esforço, não libertaremos uma diferente espécie de energia que não se traduz em termos de realizações, ambições e, por conseguinte, contradições? Essa energia não tem uma ação própria?

O esforço envolve a idéia, a ação e o problema de como ligar idéia e ação. Todos os esforços implicam idéia e ação e a união de ambas. Por que motivo tem de haver essa divisão, e ela não é em si destrutiva? Todas as divisões são contraditórias e no estado de contradição existe desatenção. Quanto maior a contradição, tanto maior a inadvertência, e também mais numerosos os erros daí resultantes. Assim, do nascer ao morrer, a vida se torna uma batalha incessante.

Podemos educar a nós próprios e aos estudantes para o viver? Não me refiro a viver meramente como um intelectual, mas como um completo ser humano, com sanidade mental e orgânica, desfrutando a natureza, e sensível a todas as coisas, às aflições, ao amor, à dor, à beleza terrena.

Relativamente à meditação, creio que um dos primeiros requisitos é a quietude do corpo. Uma quietude não forçada, nem procurada. Já notaram uma árvore baloiçando ao vento e a mesma árvore à tarde, após o crepúsculo? Ela está tranqüila. De igual modo, não pode o corpo manter-se natural, quieto, com salutar serenidade? Tudo isto implica uma mente investigadora que não busca uma conclusão, nem parte de um motivo. Como pode a mente sondar o desconhecido, o imensurável? Como procurar a divindade? Isso é também uma parte da meditação. Como ajudarmos o estudante a penetrar em todas estas coisas? As máquinas e os cérebros eletrônicos estão dominando, a automação em cerca de cinqüenta anos terá che-

gado a este país e vocês terão lazer para dedicar-se à leitura e adquirir conhecimentos. Nossa inteligência, não apenas a aptidão para raciocinar, mas, de preferência, a capacidade de perceber, de distinguir entre o verdadeiro e o falso, está sendo destruída pelo excesso de autoridade, pelo conformismo, pela imitação, em que se encontra segurança. Como pode influir em tais acontecimentos a meditação? À proporção que lhes falo sinto melhor o poder da meditação, porque em verdade estou meditando. Comunico-me com vocês, porém o faço em estado de meditação.

Tudo isto implica uma mente sobremodo flexível, não aquela que aceita, rejeita, aquiesce ou se submete. A meditação é, pois, o desabrochar espiritual e, através dela, a percepção, o ver indiscriminado, sem condicionamentos, cria uma infindável e clarividente vacuidade. O ver sem a limitação do pensamento, que é tempo, requer imensa quietude e paz mental.

Aludo a uma inteligência não resultante da educação, nem de noções livrescas, ou de ordem técnica. Indubitavelmente, a observação de um pássaro exige quietude, porque, ao menor movimento da pessoa, ele voa; deve haver imobilidade corporal, relaxamento, sensibilidade à contemplação. Como criar essa sensibilidade? Consideremos esse estado de placidez meditativa. Como obtê-lo aqui, neste educandário? Em primeiro lugar, cumpre observar, refletir, ter um espírito penetrante e sereno, com um corpo vivo, sensível, ardente.

Nós só nos preocupamos em ajudar o aluno a conseguir um título e, com ele, um emprego; a seguir, deixamo-lo afundar-se nesta monstruosa sociedade. Para ajudá-lo a ter viveza, deve o estudante revelar uma grande sensibilidade à vida, não a sua vida ou a vida de outrem, porém à vida em si, ao aldeão, à árvore, à natureza, etc. Isto é parte da meditação — ser ardoroso, amar — o que requer humildade. Não uma humildade cultivada. Mas, como suscitar tais sentimentos se as crianças não nascem perfeitas? Poder-se-á dizer que tudo o que temos de fazer é criar um ambiente em que elas se transformem em seres maravilhosos; entretanto, isso não acontecerá. Elas são o que são, o resultado do nosso passado com todas as nossas ansiedades e nossos temores; fomos nós que criamos a sociedade em que deverão viver; elas têm de ajustar-se ao meio social e fomos nós que as condicionamos. Como as levarão a perceber todas estas influências, a descortinar a beleza desta

terra, a magnificência deste vale? Assim como aplicam seu tempo no ensino da Matemática, da Ciência, da Música, da Dança, porque não fazer o mesmo com estas coisas?

Professor: Pensava em dificuldades de ordem prática e como nem sempre isto é possível.

Krishnamurti: Porque reservam tempo para a Música e a Dança? Porque não tratam igualmente de outros assuntos, como o fazem com a Matemática? É por faltar-lhes o necessário interesse. Se percebessem que tal aspecto da educação é também importante, dele não descurariam. Se notassem que ele é tão relevante como a matéria que lecionam, teriam feito alguma coisa.

A meditação implica a vida total, não somente a vida técnica, monástica ou escolástica, mas a vida em todos os aspectos, e para apreender e fazer sentir esta totalidade, cumpre haver uma certa visão isenta de espaço e tempo. A mente deve achar-se num estado não espacial e de atemporalidade. Ela precisa ver o quadro por inteiro. Ora, como vocês se abeirarão deste assunto e auxiliarão o estudante a ver a vida integral, isto é, não em pequenos segmentos, porém em sua totalidade? Muito importa que os alunos compreendam a vida em sua imensidade.

O FLORESCER

PROFESSOR: Poderíamos agora estudar o problema de como fazer uma pergunta correta? Geralmente, interrogamos para obter respostas, para orientar-nos, para descobrir a razão das coisas. Queremos saber, por exemplo, porque uma pessoa é ciumenta, porque outra é irritada. Pois bem. Podem tais perguntas ser formuladas por mera curiosidade, sem o intuito de sistematizar ou de conhecer as causas dos fatos? O problema da investigação correta não é da maior importância no relacionamento com a criança?

KRISHNAMURTI: Como fazemos perguntas? Quando questionamos a nós mesmos? Quando questionamos a autoridade, ou questionamos o sistema educacional? Que significa a palavra "pergunta"? A mim me interrogo se não nos falta uma autocompreensão. Estaremos conscientes do que fazemos, pensamos, sentimos? Como despertamos ou nos investigamos no sentido de criar esta percepção crítica? Se aprofundarmos este ponto, poderemos concorrer para despertar na criança a capacidade de criticar-se, de conhecer-se. Como agimos nós? Que me induz a fazer perguntas? Alguma vez questiono-me a mim mesmo? Percebo o quão medíocre sou? Ou questiono-me, dou uma explicação qualquer, e passo adiante? É deprimente descobrir a própria mediocridade, e assim, não vamos além.

Examinemo-lo diferentemente. Em regra, não estamos vigilantes. Uma pequena parte de nós mantém-se alerta, as demais estão adormecidas. Mas os de ânimo vivo vão aos poucos apagando-se, caem na rotina e terminam na obscuridade.

Sabemos o que significa um ente humano completo? O fato é que não estamos realmente vivos. O importante é acharmo-nos

despertos, vivos fisicamente, com boa saúde, conveniente alimentação, sensíveis, sentindo compaixão para com o próximo, e com uma mente sã, livre. De outro modo, estaremos mortos.

Como despertar a própria mente? Eis o problema. Como saberão se se conservam inteiramente vivos, interna e externamente, vivos em seus sentimentos, no fruir o deleite de viver? E como suscitar no estudante a percepção de uma vida não fragmentada?

Há apenas duas maneiras de fazê-lo: ou existe alguma coisa dentro de nós que, de tão premente, destrói as contradições, ou teremos de achar um meio de manter-nos em contínua observação e, assim, nos cientificarmos de todos os nossos atos e ações; uma constante indagação de como criarmos, interiormente, uma nova capacidade para destruir qualquer obstáculo.

Professor: Temos de questionar constantemente, ou haverá um momento adequado a essa investigação?

Krishnamurti: Se não houver o momento próprio, você terá de começar pelas pequenas coisas, não concorda? Comece com as pequenas, não com as grandes. Repare em como se veste, no que diz, em como observa a rua, sem o intuito de criticar. E, observando, ouvindo, como chegará ao grande e decisivo momento?

Há um instante em que não é necessário atentar, e ele só se apresenta para observarmos as coisas menores; todavia, cabe-nos reconhecer a impossibilidade de nos mantermos em incessante observação. Olhar um vestido, o céu, mas desligados, a fim de não nos determos em observar insignificâncias, e sim relevantes questões, tais como o bem do país, e problemas ainda mais importantes, como os referentes à autoridade, ao perpétuo desejo de preenchimento, à constante preocupação com o certo e o errado, e ainda o medo. Então, pode a mente observar pequenas coisas sem ser por elas absorvida, ter liberdade de ação, a fim de fixar-se em outras matérias da mais alta significação?

Professor: Qual é o estado da mente em que ocorre o perene observar, a compreensão das coisas menores, sem por elas ser absorvida?

Krishnamurti: Porque se preocupa com as coisas menores? Porque se deixa aprisionar pelo que é pequeno?

PROFESSOR: Por opção pessoal. No entanto, não quero ser colhido por essas insignificâncias.

KRISHNAMURTI: Contudo, temos de dar atenção às pequenas coisas. Em geral, as pessoas tornam-se presas delas no momento em que lhes dão atenção. Prestar atenção e, simultaneamente, não se deixar absorver pelas coisas menores, eis o problema. Porém, que torna a mente ou o cérebro prisioneiro?

PROFESSOR: A preocupação com o imediato.

KRISHNAMURTI: Que quer dizer com isso? Será não ter uma visão ampla? Você não está encarando o problema.

PROFESSOR: É que me apego às pequenas coisas.

KRISHNAMURTI: Deixa-se prender pelo que é insignificante?

PROFESSOR: Deixo-me. Existe em mim, provavelmente, um profundo sentimento inconsciente de que me estou preparando para deparar uma grandiosidade, uma ilusão como essa.

KRISHNAMURTI: Tem consciência de que é prisioneiro de coisas menores? Verifique por que motivo se aprisionou. Perceba o fato de que é prisioneiro de pequenas coisas, talvez de muitas delas, indague a causa, examine a fundo, questione, descubra-a. Não dê uma explicação qualquer, tornando-a uma fuga, como fez agora. Fixe numa coisa e a examine de verdade. Enfrentando interiormente a frustração, o conflito, a resistência, corrigimos a parte externa. O conflito psicológico expressa-se externamente, transformando-o em prisioneiro de coisas não importantes e, então, você procura corrigi-las. Sem se compreender o conflito interior, a aflição, a vida não tem sentido. Ao sentir-se frustrado, investigue-se a fundo; com essa penetração corrigirá a raiva, o comer excessivo, a exagerada importância dada ao vestuário, etc.

Muito importa a maneira de questionar a frustração. Como o faz? De modo que a frustração se revele, que ela desabroche? Somente quando o pensamento floresce, pode ele morrer naturalmente. Como a flor no jardim, tem o pensamento de florescer, frutificar e então morrer. Ele necessita de liberdade para morrer. Do mesmo modo, deve haver liberdade para a frustração florescer e morrer. A correta questão é saber se existe liberdade para a frustração desenvolver-se e findar.

PROFESSOR· Que entende o senhor por "florescer"?

Krishnamurti: Olhe para o jardim, as flores se encontram ali. Elas florescem e após alguns dias murcham e desaparecem, porque este é seu curso natural. Também à frustração é preciso dar liberdade para que floresça. Cabe-lhe compreender a razão da frustração, não para suprimi-la, não para dizer: "Preciso realizar-me." Porque realizar-se? Se sou um mentiroso, preciso parar de mentir, o que em geral as pessoas procuram fazer. Mas poderei deixar que a mentira venha a florir e desapareça? Posso recusar-me a dizer: isto está certo ou errado, é bom ou mau? Consigo ver o que se encontra por trás da mentira? Só poderei descobrir espontaneamente porque minto se houver liberdade para descobri-lo. Do mesmo modo, para desprender-me das coisas de pequena monta, poderei verificar porque me acho aprisionado? Quero que tal fato se desenvolva. Deixá-lo crescer e expandir-se, a fim de que murche e morra sem o meu toque. Então já não serei prisioneiro, embora continue a observar as pequenas coisas.

Sua pergunta foi: "Existe um instante em que há movimento, que se conserva limpo, sadio?" Esse momento, essa chama que queima só existirá se houver liberdade para tudo desenvolver-se — o feio, o belo, o mau, o bom e a insensatez — de modo que não haja uma só coisa reprimida, que não haja uma só coisa que não tenha vindo à tona, sido examinada e queimada. E isto não poderá ser feito se, através do que é somenos, eu não descobrir o malogro, a angústia, a tristeza, o conflito, a estultícia, o embotamento. Se eu descobrir a frustração apenas por meio do raciocínio, ignorarei o que ela exprime. Assim, do que é insignificativo passarei àquilo de real significação, e, compreendendo o maior, as demais coisas florescerão por si.

Professor: Começo a entrever o que diz o senhor. Examina-lo-ei.

Krishnamurti: Você já o está examinando junto comigo, e agora se cientifica das coisas menores em que é colhido.

Professor: No desenvolver do conflito tem de haver liberdade para crescer e morrer. A mente vulgar não se permite tal liberdade. Diz o senhor que o conflito interior deve crescer e morrer, e acrescenta que o mesmo acontece enquanto o estamos examinando. Existe, no entanto, uma dificuldade; parece que estou projetando alguma coisa nesta floração, a qual constitui um impedimento.

KRISHNAMURTI: Este é o ponto crucial. Em seu sentir, o florescer é uma idéia. Você não vê o fato, o sintoma, a causa, e permite que a causa floresça imediatamente. A mentalidade comum lida sempre com sintomas, jamais com fatos. Por conseguinte, não é livre para realizar descobrimentos. Faz justamente o que é próprio do ente limitado, que diz: "É uma boa idéia; vou pensar nela", e assim se perde, passando a lidar com teorias, e não com a realidade. Ela não diz: "Deixemo-la desenvolver-se e vejamos o que acontece." Aí poderia descobrir. Porém, declara: "É uma boa idéia; vou investigá-la."

Agora, realizamos vários descobrimentos. O primeiro é que não atentamos para as coisas menores. A seguir, delas nos cientificamos, elas nos colhem, e dizemos: "Preciso fazer aquilo, preciso fazer isto."

Poderei ver o sintoma, pesquisar-lhe a causa, e deixá-la desenvolver-se? Mas quero que se desenvolva em determinada direção, o que demonstra que desejo interferir em seu crescimento. Ora, posso ir além disto? Eis o meu maior problema. Percebo que evito esse desenvolvimento por ignorar o que acontecerá se eu deixar a frustração crescer. Então quero saber porque estou temeroso. Tenho medo de quê? Sei que, enquanto o temor existir, não haverá florescer. Tenho, pois, de enfrentar o medo, não através de idéias, porém enfrentá-lo efetivamente, e isso quer dizer que deixarei o medo crescer. Fá-lo-ei e verei o que acontece. Tudo isto requer uma grande e interior percepção.

Deixar o medo florescer — sabem o que isto significa? Pode significar a perda de meu emprego, ser destruído pela minha esposa, pelo meu marido, se eu for mulher.

Posso permitir que tudo desabroche? O que não equivale a que vá matar, roubar alguém, mas deixar florescer "o que é".

PROFESSOR: Podemos aprofundar isto um pouco mais, propiciando então que alguma coisa floresça?

KRISHNAMURTI: Está vendo realmente o fato? Que significa deixar alguma coisa florescer, deixar o ciúme desabrochar? Em primeiro lugar, como é irreverente, pouco espiritual! Como permite que o ciúme se desenvolva a ponto de ocupar toda a existência? Poderá fazê-lo sem ser por ele colhido? Deixar que esse sentimento tenha completa vitalidade, sem obstrução? Tal significa não identificar-se com ele, não dizer se está certo ou errado, não opinar a esse respeito; estes são todos métodos que des-

troem o ciúme. Porém, você não quer destruir o ciúme. Deseja que ele se desenvolva, que mostre todas as suas cores, sejam elas quais forem.

PROFESSOR: Não estou achando muito claro, senhor.

KRISHNAMURTI: Já plantou alguma coisa? Como o faz?

PROFESSOR: Preparo a terra, coloco adubo...

KRISHNAMURTI: Coloca o melhor adubo, usa a melhor semente, planta no momento certo, zela por ela, evita que lhe aconteçam males. Dá-lhe liberdade. Porque não fazer o mesmo com o ciúme?

PROFESSOR: O florescer, aqui, não se expressa como a planta.

KRISHNAMURTI: É muito mais real do que a planta que é colocada na terra. Sabe o que é ciúme? No momento em que o sente, diz ser imaginação? Arde de ciúme, não é? Mostra-se colérico, furioso. Porque não o segue, não como uma idéia, mas como uma realidade? Tome-o e deixe-o florescer, de modo que em cada florescer haja uma autodestruição e, por conseguinte, no final "você" não existirá como observador da própria destruição. Nisso há verdadeira criação.

PROFESSOR: Quando a flor desabrocha, ela se revela. Que quer exatamente exprimir quando diz que, ao florescer, o ciúme se destrói?

KRISHNAMURTI: Tome um broto, um verdadeiro broto de um arbusto. Se o cortar, jamais florescerá, morrerá logo. Se o deixar florir, mostrará suas cores, a fragilidade, o pólen, tudo. Mostrará o que realmente é sem ser preciso dizer que é vermelho, azul, que tem pólen, etc. Ali está para ser visto. Igualmente, se deixar o ciúme desabrochar, ele lhe mostrará todas as suas cores e lhe revelará o que se encontra por trás desse sentimento, o que jamais descobriria se não o tivesse deixado florir.

Dizer que o ciúme é a causa do apego é mera verbalização. Todavia, ao permitir realmente que o ciúme desabroche, o apego a alguma coisa torna-se um fato, um fato emocional, não uma idéia intelectual, verbal, e, assim, cada florescer revela aquilo que não fomos capazes de descobrir; e, com a revelação do fato, ele floresce e passamos a lidar com ele. Ao deixar o

fato florescer, outras portas se abrem, até não existir mais nenhum florescer e, portanto, já não haver causa nem motivo algum.

PROFESSOR: A análise psicológica ajudar-me-á a encontrar as causas do ciúme. Entre a análise e o florescer em que uma flor se revela, existe uma vital diferença?

KRISHNAMURTI: Uma é um processo intelectual, em que o observador opera sobre a coisa observada, que é análise, correção, alteração e acréscimo. A outra é o fato sem o observador, é o próprio fato.

PROFESSOR: O que diz o senhor não é de ordem verbal. Não há relação entre o observador e o observado.

KRISHNAMURTI: Uma vez que sente que tudo em você tem de desenvolver-se, estado que envolve certo risco, se compreender isto, que tudo no ser deve florir, o que é maravilhoso, então existe a autêntica liberdade. E, como cada coisa floresce, não existe nem o observador nem o observado; não há, portanto, contradição. Assim, todas as coisas florescem no ente humano e morrem.

PROFESSOR: Porque deixar florir, quando posso cortar o broto?

KRISHNAMURTI: Que acontecerá à flor se lhe cortar o broto? Se o fizer, ele já não florescerá. Do mesmo modo, poder-se-á dizer: "Preciso matar o ciúme ou o medo", mas isso não é possível. Podemos suprimi-los, alterá-los, oferecê-los a algum deus, e, apesar disso, eles continuarão conosco. Todavia, se compreendermos o fato principal, se permitirmos que tudo desabroche sem interferência, haverá uma revolução.

PROFESSOR: O ciúme é uma coisa complexa.

KRISHNAMURTI: Deixe-o florescer. O ciúme, desenvolvendo-se, revela sua complexidade. E, ao observar a complexidade, ao compreendê-la, o ciúme revela outro fator; mas deixe que também este desabroche, e, assim, tudo no ser vem a florir, naturalmente, sem repressão, sem controle. Isso significa uma valiosa educação, não acha?

PROFESSOR: Muito importa o que diz. Mas tal será possível?

KRISHNAMURTI: Tanto é possível que estou a dizê-lo. Se vier a percebê-lo, como auxiliará o desenvolvimento do estudante? Como o levará à compreensão?

PROFESSOR: Começaria por mim próprio. Considerando a coisa psicologicamente, poderei compreendê-la. No seu modo de sentir, no florescer o problema se desfaz por si. Existe uma grande diferença entre os dois processos. Mas, ainda que eu vislumbre a coisa, é difícil transmiti-la ao estudante.

KRISHNAMURTI: É uma comunicação não-verbal que lhe fiz verbalmente. Como cheguei a um florescer do pensamento expresso pela comunicação?

PROFESSOR: A fim de podermos investigar a floração ou mesmo o espaço em que ela ocorre, precisamos estabelecer uma espécie de equilíbrio para que o florescimento se verifique em mim.

KRISHNAMURTI: Não o aprovo. Não creio que possa fazê-lo deste modo. Veja a idéia de ciúme. A meu ver, deve deixar florescer essa idéia. Mas, pelo visto, você não pensa assim.

PROFESSOR: Quando estou lidando com uma criança, o primeiro passo não é despertar a base da percepção, ou seja, o equilíbrio?

KRISHNAMURTI: Explicar-lhe-ei melhor. Se você ouve, se ouve realmente, o florescer por certo acontece. Se escuta, observa, compreende, após tê-lo feito dá-se o florescimento; e se tal se verifica, então as demais coisas serão muito simples para a criança. Há diferentes maneiras de observar a criança, de ajudá-la, de com ela nos comunicarmos no nível verbal.

O próprio ato de escutar é o que vem em seguida.

PROFESSOR: É esse escutar uma qualidade?

KRISHNAMURTI: Você está escutando. Porque chama isto de qualidade? Já ouviu o que eu disse esta manhã: Agora, "deixe que tudo floresça".

Se ouvirem, algo ocorrerá. Não se trata de qualidade. A qualidade é uma coisa já estabelecida. Falo de uma realidade viva, ardente, vibrante. Não é possível transformá-la em um atributo, em uma prática. Podemos exercitar-nos em ver a cor? É claro que não. Só poderemos ver a beleza e a glória da flor quando ela desabrochar.

Embora dê importância ao cultivo do intelecto, à necessidade de se ter uma mente aguda, clara, analítica e objetiva, ele dá mais valor à percepção altamente crítica do mundo interior e exterior, à não aceitação da autoridade, em qualquer nível, enfim, a um equilíbrio harmônico entre o intelecto e a sensibilidade. Descobrir as áreas em que o saber e as aptidões técnicas são neessárias, e aquelas em que se mostram irrelevantes e até prejudiciais, é, para Krishnamurti, uma das tarefas básicas da educação, pois só quando descobrimos existirem setores em que o saber é insignificante é que alcançamos uma dimensão totalmente nova, na qual se geram outras energias e se ativam as esquecidas potencialidades da mente humana.

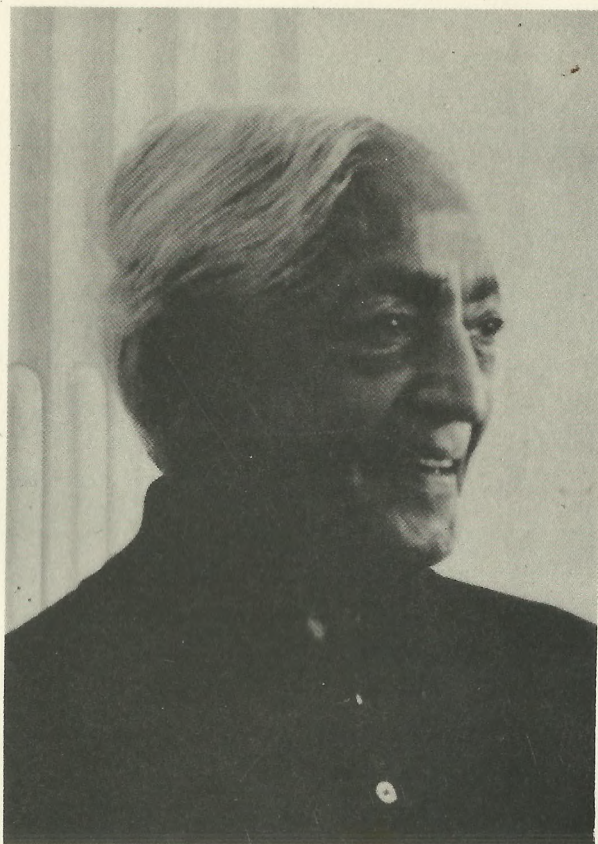
Um dos problemas e desafios de difícil solução para os educadores de todo o mundo é o da liberdade e da ordem. Como pode uma criança, um estudante, crescer em liberdade, desenvolvendo ao mesmo tempo um sentido profundo de ordem interior? A ordem é a própria raiz da liberdade. Segundo o autor, a liberdade não tem fim, pois renova-se de momento a momento no ato de viver. Nestas páginas, tem-se um vislumbre, uma noção desta espécie de liberdade da qual a ordem é parte inerente.

A vida colegial proporciona aos jovens um clima de fragância e deleite. E isto só acontece se não existe competição, autoridade, e quando o ensinar e o aprender constituem um processo simultâneo e único, em que educador e educando participam juntos do aprendizado.

Diversamente da transmissão do espírito religioso de várias seitas e grupos congêneres, a maneira de Krishnamurti tratar do assunto tem um sentido verdadeiramente secular e, ainda assim, uma dimensão sobremodo religiosa. Há uma grande diferença entre os ensinamentos de Krishnamurti e a maneira tradicional de relacionamento entre mestre e aluno, entre o guru e o seguidor. No ensino tradicional, baseiam-se as relações tão-só na hierarquia; há o professor que ensina e o discípulo que não sabe e tem de ser ensinado. Para Krishnamurti, o mestre e o aluno atuam no mesmo nível — a comunicação se faz mediante perguntas e debates, até que as profundidades do problema se revelem, surgindo daí, em ambos, uma iluminante compreensão.

A Fundação Krishnamurti da Índia considera imenso privilégio oferecer este livro aos estudantes e educadores do mundo inteiro, obra que a "Instituição Cultural Krishnamurti" tem igual satisfação de apresentar, no idioma pátrio, à coletividade brasileira.

ENSINAR E APRENDER



KRISHNAMURTI

AQUI se reúnem, em tradução de Marina Brandão Machado, as palestras que Krishnamurti proferiu para professores e alunos de dois colégios da Índia, no ano de 1974, sobre Educação. Bem conceituado como é Krishnamurti, em todo o mundo, como educador, e ainda como psicólogo, esta obra deve interessar aos educadores e estudantes em geral, porquanto, indubitavelmente, é rica em ensinamentos para a pedagogia e psicologia hodiernas.

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Rio de Janeiro — RJ